



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Humanas - IH
Programa de Pós-Graduação em História
Área de Concentração: Estudos Feministas e de Gênero

FORA DA VIDA:
AS MULHERES DA FAMÍLIA FLEURY.
(1896-1960)

Rafaella Sudário Ribeiro

Brasília, DF
2008



**Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Humanas - IH
Programa de Pós-Graduação em História
Área de Concentração: Estudos Feministas e de Gênero**

**FORA DA VIDA:
AS MULHERES DA FAMÍLIA FLEURY
(1896 – 1960)**

Dissertação de Mestrado elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Cristina Stevens e apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UnB, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: Estudos Feministas e de Gênero.

Rafaella Sudário Ribeiro

Brasília, DF

2008

**Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.**

Cora Coralina.

AGRADECIMENTOS:

À minha mãe Terezinha Fernandes Ribeiro e ao meu pai Miguel Sudário Ribeiro, pelo exemplo de amor, humildade e trabalho, por não terem medido esforços para ver meus sonhos realizados. Às minhas irmãs Karlla e Ana Karolline, pela alegria, companhia e união.

Meu sincero agradecimento à professora Dra. Cristina Stevens, pela orientação, pelos ensinamentos e pela convivência nesses dois anos de mestrado e agradeço também pela oportunidade de participação dos ricos debates do grupo de pesquisa *Vozes Femininas*.

Agradeço à professora Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz, pela convivência e por ter me proporcionado crescimento pessoal e acadêmico através de seu exemplo. Sou grata por me ensinar um pouco da História das Mulheres e os caminhos de uma Epistemologia Feminista.

Ao professor Dr. Antônio José Barbosa, pela disposição em ler meu trabalho, por suas contribuições acadêmicas, por seu exemplo e carinho.

Ao professor Dr. e amigo Eduardo José Reinato, por mais uma vez me ajudar no caminho acadêmico e confiar no meu trabalho.

Agradeço às professoras e professores do departamento de História (HGSR) da UCG. São muitas e muitos professoras/es, mas cada um sabe da sua importância no meu caminho acadêmico e profissional. Sempre acreditaram em mim, incentivaram-me e abriram caminhos para a pesquisa e para o exercício da licenciatura.

Aos funcionários da PPHIS da UNB, pela orientação em relação às questões burocráticas. A CAPES, pela bolsa recebida, sem a qual seria difícil a realização do mestrado.

Ao professor e amigo Fábio Stoffels, com quem divido recordações de caminhos já percorridos, pelo carinho, correção deste trabalho e ajuda nesta etapa final.

Ao amigo Thiago Santana e à amiga Fabrícia Pimenta, pelo carinho, apoio e solidariedade nas dúvidas e dificuldades com o mestrado.

Meu agradecimento ao primo Ricardo Cruccioli, por nosso reencontro, por ter me acolhido em Brasília e por compartilhar dos sonhos acadêmicos e das memórias da infância.

A Guilherme U. Barbosa dedico minha gratidão e carinho, por sua amizade e doce companhia. Agradeço por compartilhar da vida; dos problemas, das dores, dos sonhos e da esperança.

Agradeço à Deus pela saúde, por minha família, pelos/as amigos/as que estiveram ao meu lado e que me ajudaram na conclusão desta etapa. Agradeço ao Senhor pela finalização deste trabalho. Quando pensei que não conseguiria, Ele me sustentou e fez-se forte em minha vida.

Resumo

A presente dissertação objetiva dar visibilidade à literatura de autoria feminina através da análise da produção ficcional e não-ficcional de duas gerações de autoras goianas. A análise desta produção, a partir da perspectiva dos Estudos Feministas e de Gênero e da História Cultural nos possibilita compreender com um novo olhar as experiências patriarcais da sociedade goiana, do conjunto de representações e do imaginário em que essas mulheres estavam inseridas.

Palavras-chave: história, gênero, experiências, literatura.

Abstract

The present dissertation has the objective of emphasizing female authorship through the analysis of the fictional and non fictional material of two generation of authors from the City of Goiás. Analysing this production from the perspective of Feminist and Gender studies, as well as Cultural History, enables us develop a new approach to understand the patriarchal experiences of the “goiana” society, of the set of representations and the imaginary dimension in which these women were inserted.

Key words: history, gender, experiences, literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1	
Epistemologia Feminista, História e Literatura: Caminhos e Alternativas.....	13
CAPÍTULO 2	
“A verdadeira mulher” normas e representações	30
CAPÍTULO 3	
“Dentro e fora da vida” reiteraões e rupturas	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
FONTES.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXOS.....	85

INTRODUÇÃO

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir.

(FOUCAULT, 1984:13)

O presente trabalho tem o objetivo de pesquisar a produção ficcional e não-ficcional de Augusta Faro e suas filhas Maria Paula e Nita Fleury, mulheres da família Fleury que residiram na Cidade de Goiás, desde 1896 até a primeira metade do século XX. As experiências que constituíram essas mulheres são percebidas neste estudo por meio da leitura de suas obras. Tais experiências possibilitam uma nova compreensão e interpretação do conjunto de representações e do imaginário instituído da sociedade goiana da época.

Nosso interesse pela temática da experiência das mulheres de grupos familiares no interior do Brasil deve-se ao conhecimento, às leituras e aos debates desenvolvidos nas disciplinas ministradas no Mestrado em História, da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa em Estudos Feministas e de Gênero. O estudo da literatura de autoria feminina e, mais precisamente das mulheres da família Fleury, deve-se à pesquisa feita para o Programa de Iniciação Científica do CNPq, ainda na Graduação de História, no âmbito dos Projetos *A Casa Goiana e Cotidiano Doméstico*¹ e *Vida Privada em Goiás Tradicional*², nos quais fui bolsista e voluntária (respectivamente) sob a orientação da Professora Doutora Heloísa Capel.

Augusta Faro e suas filhas escreveram artigos para jornais e revistas na passagem do século XIX até a década de 60 do século XX³. Engendradas nas relações sociais, elas viram na literatura um local de fala e espaço de resistência; publicaram livros de contos, crônicas, poemas, memórias e romances. É a partir dessa produção bibliográfica que tentaremos compreender a experiência dessas mulheres e as representações que teceram o imaginário no qual elas estavam inseridas.

Estudos sobre a experiência nos mostram que os sujeitos não têm experiência, mas são constituídos nela, sendo efeitos das práticas sociais. Ciente disso, Joan Scott (1999)

¹ Programa de Iniciação científica da UCG: PIBIC – CNPQ 08/2003 a 07/2004.

² Programa de Iniciação científica da UCG: Voluntária no período de 08/2005 a 07/2006.

³ Maria Paula e sua irmã Mariana escreveram para a *Revista Oeste, Cruzeiro, Revista Ton Ton, Jornal O Popular, O Lar*. Maria Paula foi organizadora do *Jornal Bauman*, jornal manuscrito feito por ela.

problematiza esse referencial teórico e propõe sua historicização. Em seu texto *Experiência* ensina-nos:

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída racionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. (...) Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (SCOTT, 1999:27)

Dessa forma, entende-se por experiência as formas de crenças ou percepções, um complexo processo que envolve todos os seres sociais, local onde a subjetividade é construída, onde a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social. Assim como Joan Scott, Teresa de Laurettis escreveu sobre o tema e, em seu texto *Tecnologias de Gênero*, explica-nos que experiência é “... um complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significantes que resultam da interação semiótica do eu com o mundo exterior.” (LAURETTIS, 1994:228). A experiência é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, faz parte da linguagem cotidiana, está imbricada nas nossas narrativas. A experiência é também interpretação e, por essa razão, esse complexo de significados precisa ser analisado de forma cuidadosa por parte das/os historiadoras/es.

Destacamos a literatura como elemento fundamental na tentativa de compreensão dessa experiência, pois essa manifestação artística constitui uma fonte privilegiada para a leitura de uma época, suas sensibilidades e valores. É válido ressaltar que as novas discussões sobre as fronteiras entre História e Literatura têm incentivado os/as historiadores/as a buscarem na produção literária uma fonte de acesso ao conhecimento historiográfico.

Como já mencionamos, Augusta Faro e suas filhas Maria Paula Godoy e Mariana Fleury deixaram um *corpus* literário relevante, o qual será utilizado como fonte para o presente trabalho. O objetivo principal é entender a história de Goiás e suas práticas sociais na passagem do século XIX para o XX e primeiras décadas deste, a partir da análise da experiência na qual as mulheres da família Fleury Godoy estavam inseridas e que elas visibilizaram em seus escritos. Tentaremos entender um pouco das experiências, dos mecanismos produtores do gênero, os quais são elementos importantes para a compreensão da história de Goiás. Por meio dessas narrativas, tentaremos compreender os processos

discursivos em que os sujeitos são engendrados, as relações de poder e seus efeitos, já que essas mulheres escritoras foram constituídas também na experiência do ato de escrever suas crônicas, contos e poemas. Tais obras traduzem suas leituras de mundo, numa dialética entre representações e auto-representações.

No primeiro capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos que utilizamos, na busca de melhor interpretar uma produção discursiva de autoria feminina, já que essa requer uma epistemologia mais apropriada, com novas formas e categorias que rompam com os conceitos universalizantes e excludentes das teorias tradicionais. Além de visibilizar a escrita de autoria feminina, esse trabalho pretende contribuir com o processo de construção de epistemologia feminista, na tentativa de afastamento dos modelos hegemônicos de ciência e ruptura com os padrões hierarquizantes de representações de gênero. Nesse capítulo, os caminhos teóricos e metodológicos serão discutidos, na tentativa de apresentar novas possibilidades de leituras.

O segundo capítulo tratará das representações e auto-representações de gênero das mulheres dessa família, construídas no final do século XIX. Uma das representações a ser tratada diz respeito à construção do papel da “verdadeira mulher”, uma imagem construída pelo patriarcado como modelo a ser almejado e seguido ao longo do século XIX. Entrelaçados na imagem da verdadeira mulher estão as discussões sobre maternidade e a função da Igreja na modelagem da sociedade e da hierarquização dos papéis de gênero. Para essas análises, dois livros de Augusta Faro serão utilizados, visto que a autora, segundo os seus biógrafos Bento Fleury e Augusta Faro de Melo, foi a primeira mulher a dedicar-se à literatura em Goiás: *Devaneios e Do Rio de Janeiro a Goiás: A viagem era assim*, além de cartas deixadas por ela.

No terceiro capítulo as obras de Maria Paula Godoy e Nita Curado serão analisadas, numa tentativa de identificar os valores, as relações familiares e as relações de poder da sociedade goiana nas primeiras décadas do século XX. Serão feitas análises e interpretações das experiências de escrever constitutivas dessas mulheres, percebendo e questionando as representações de gênero, as reiteraões, as performatividades e, ao mesmo tempo, os momentos de descontinuidade e ruptura dos modelos engendrados. Será feito também um cruzamento entre as fontes coletadas da família Fleury e outras fontes produzidas no mesmo período, como revistas e jornais de autoria feminina, além de outras fontes que são

legitimadas pela sociedade, como os jornais mais lidos da época, dirigidos e editados por homens que transitavam na política e sustentavam o sistema patriarcal.

Ao final, apresentaremos as últimas considerações da pesquisa, fazendo um resumo da nossa análise sobre a produção ficcional e não ficcional dessas autoras, ao apresentar a dialética entre as representações tradicionais na qual elas estavam inseridas e as tentativas de desestabilizações dessas representações. Nossa leitura consiste em analisar e tentar promover ruptura com o binarismo espaço público versus espaço privado, apresentando mulheres que não aceitaram todas as formas de controle social e fizeram política, apesar das suas condições de produção. O presente trabalho reflete também a importância da abertura de diversas possibilidades de histórias e uma multiplicidade de identidades e práticas sociais.

CAPÍTULO 1:

Epistemologia Feminista, História e Literatura: Caminhos e Alternativas

Como dissemos, no presente trabalho tem-se como objetivo principal dar voz às mulheres que durante muito tempo foram esquecidas e não tiveram a oportunidade de narrar e construir a história como agentes ativas deste processo. Pretende-se, portanto, valorizar a narrativa de autoria feminina negligenciada na constituição do cânone tradicional. A partir da perspectiva das mulheres da Família Fleury identificada em seus livros de contos e crônicas, procuraremos entender os mecanismos discursivos de produção do gênero na sociedade de Goiás no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Acreditamos que este material é importante para a compreensão das relações de poder, das tensões e das dinâmicas de alguns grupos sociais presentes nas obras das autoras. Queremos também visibilizar fontes e elementos não valorizados pela história oficial ao longo dos séculos.

“Fora da Vida”, título dado ao presente trabalho, é também o título de um conto de Maria Paula em que a personagem D^a. Lúcia explica que se sentia “fora da vida” quando lia. Isso pode ser verificado quando, no conto, essa personagem diz: “É exato, porém, que a leitura, um vício para mim, me dá uma exaltação fictícia, um entusiasmo passageiro, fazendo-me viver fora da vida.”. (GODOY, 1960:9).

O título desse conto nos permite fazer uma alusão ao termo “dentro e fora do gênero”, utilizado pela teórica feminista Tereza de Laurettis. Segundo ela, “Dentro do gênero” é uma forma de dizer que uma determinada pessoa ou grupo passa pelas redes de representações de gênero, enquanto estar “fora do gênero” implica dizer que essa pessoa ou grupo não se encaixa ou se ancora nessas representações. É possível dizer que os dois fenômenos podem acontecer simultaneamente; vivemos, pensamos ou escrevemos fora das representações convencionais do gênero, mas ao mesmo tempo não podemos escapar das redes de significações e de representações de gênero já existentes e consolidadas. Esses espaços são forças em direções contrárias, também observadas na micropolítica cotidiana. Para a autora, essa percepção de análise faz parte “do atual esforço para criar novos espaços de discurso, reescrever narrativas culturais e definir os termos de outra perspectiva – uma visão de ‘outro lugar’” (LAURETTIS, 1994: 236).

Segundo Laurettis, esse movimento entre o representável e o não-representável, seja no campo discursivo ou visual, é chamado “dentro e fora do gênero”; as práticas feministas têm buscado escrever a partir desse “outro lugar”, ou seja, fora das construções tradicionais gênero:

Esses dois tipos de espaço não se opõem um ao outro, nem se seguem numa corrente de significação, mas coexistem concorrentemente e em contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética, integração, combinatória, ou o da *différance*, mas sim a tensão da contradição, da multiplicidade, da heteronomia.

(LAURETTIS, 1994: 238)

Os feminismos buscam, entre outras coisas, produzir uma nova epistemologia a partir da leitura e valorização da produção considerada marginal encontrada nos discursos hegemônicos, a leitura de um outro lugar, a visibilidade do irrepresentável, o que Teresa de Laurettis em seu texto *Tecnologias de Gênero* chama de “*space off*”, termo que a autora explica ter retirado da teoria do cinema. Para ela, esse é um outro local dentro do discurso, vai além das representações que enxergamos nos textos, são as margens nos próprios textos, os pontos cegos, o não representado explicitamente. Acerca dessa reflexão, Laurettis sugere:

O movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica, que, conforme proponho, caracteriza o sujeito do feminismo, é um movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro de seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui, ou, mais exatamente, torna irrepresentável. É um movimento entre o espaço discursivo (representado) das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos e o *space-off*, o outro lugar, desses discursos: esses outros espaços tanto sociais quanto discursivos, que existem, já que as práticas feministas os (re)construíram, nas margens (ou ‘nas entrelinhas’, ou ‘ao revés’), dos discursos hegemônicos e nos interstícios das instituições, nas contrapráticas e novas formas de comunidade.

(LAURETTIS, 1994: 238)

É no contexto dos movimentos feministas, nessa militância pela mudança dos valores patriarcais, que apresento duas gerações de mulheres no interior do Brasil, mulheres goianas que a partir de suas obras literárias, deixaram riquezas de detalhes da micropolítica da vida cotidiana, o que permite uma interpretação histórica com outros olhares, novos valores e possibilidades de construção do social e de uma nova epistemologia.

Os Estudos Feministas opuseram-se aos pressupostos androcêntricos dos saberes dominantes, posicionando-se firmemente contra a rigidez, as limitações e a normatização dos

papéis tradicionais prescritos para as mulheres. Observa-se o intuito de escapar do pensamento binário e estático do feminino e do masculino, além de uma outra vertente do movimento que se dirige para a desmistificação da tradição intelectual e científica. Nesse sentido, Francine Descarries explicita:

Os Estudos Feministas são igualmente e de forma específica, procedimentos sociológicos e metodológicos para constituir as mulheres enquanto categoria social e colocar o sexo/gênero como categorias de análise, bem como para desconstruir as representações e os mecanismos reconstitutivos da divisão social dos sexos e de outros sistemas de dominação. (DESCARRIES, 2000:11)

Desde o final dos anos 60, o movimento feminista tem avançado na luta contra a opressão das mulheres, articulado-se como movimento social e político a fim de denunciar a exploração das mulheres no espaço público e privado. Sobre o movimento feminista, Lucila Scavone afirma:

Ao rejeitar as tradicionais táticas políticas organizacionais e experimentar uma prática de dispersão e multiplicidade de centros de poder que constroem nas relações locais, regionais, específicas, o feminismo surge no cenário político nos anos 1970 como um contra-poder que (des)constrói os saberes, os discursos e as práticas que fundamentam as relações de poder dos homens sobre as mulheres. (SCAVONE: 2006: 85)

As questões das práticas sexuais e sociais começavam a ser repensadas e, a partir desse momento, houve uma crescente união e organização de militantes, dispostas a reorganizarem as estruturas sociais no campo político e acadêmico, entre outros. Antes mesmo do movimento feminista do final dos anos 60, sempre houve mulheres ou movimentos de mulheres que militaram por mudanças ao longo da história. Como lembra Francine Descarries: “O fenômeno das reivindicações não é contemporâneo. Sempre houve movimentos de resistência” (DESCARRIES, 2000: 9).

Após essa fase inicial, caracterizada sobretudo por intensa militância política, seguiu-se um momento rico de produção teórica, desencadeando diversas discussões, temáticas e interesses de atuações por parte das feministas. Percebeu-se então que o movimento feminista não podia ser entendido como um movimento homogêneo; assim, entende-se hoje que temos “feminismos”, com diversas articulações com questões de etnia, classe, sexualidade. Não podemos portanto, resumir os Estudos Feministas em um único feminismo, mas devemos

chamar a atenção para a existência de vários feminismos, razão pela qual devemos sempre nos referir aos feminismos e não ao feminismo.

As fronteiras entre as várias correntes feministas não são estanques, variam e transitam entre os grupos de acordo com os seus próprios interesses e propostas. Os projetos teóricos e políticos dos feminismos se diversificam. As tensões sempre existiram e as contradições sempre existirão, mas também se desenvolvem interrelações intelectuais e militantes no âmbito dos feminismos. Francine Descarries propõe um feminismo solidário para dar espaço às múltiplas identidades e relações. Ela nos instiga a perceber que:

As noções de diferença, de indiferença, de diferenças, de identidade e de igualdade instalam-se no centro dos debates pelas feministas e suas críticas, enquanto a reflexão política centra-se, aos poucos, sobre as possibilidades de desenvolver e de manter uma perspectiva feminista solidária, ou global, que permitiria às mulheres permanecer em relação umas com as outras, 'para aprender umas das outras, apesar da diversidade dos problemas e da necessidade de soluções particulares adaptadas ao contexto.' Em direção a um feminismo plural, pluralista e solidário. (Idem, 2000:30)

Os feminismos, enquanto correntes analíticas do conjunto das representações sociais, abrem caminhos para a construção de novas histórias, novos sujeitos. Consistem em um rico e complexo processo que torna visível a análise da experiência de grupos diferentes, grupos anteriormente esquecidos, dimensões e atividades da vida deixadas de lado pela história convencional. O movimento feminista revisa a divisão sexual e a hierarquia referente à construção da diferença entre sexos nas relações sociais, com o objetivo de tornar as mulheres sujeitos autônomos, participantes da vida política e autoras de suas próprias vidas.

Os estudos feministas contribuem para a renovação dos saberes e instauram a incerteza face à suposta objetividade e neutralidade das ciências. Esses estudos têm se instalado nas Ciências Humanas e, progressivamente, apontam um caminho crítico e problemático da mudança do social. É válido lembrar que as propostas dos Estudos Feministas se encontram no contexto da pós-modernidade, como as teorias apontadas por Michael Foucault (1926-1984) e também os novos estudos defendidos pela História Cultural, como explicitaremos adiante.

Assim como a proposta de feminismo plural, de abertura para as diversas possibilidades e desconstrução dos modelos hegemônicos, a corrente pós-moderna propõe a construção de práticas sociais estruturadas por discursos no plural. Esses discursos acreditam na descentralização das metanarrativas, como nos fala Jane Flax:

Os discursos pós-modernos são todos desconstrutivos, já que buscam nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, conhecimento, poder, o eu e a linguagem, que são geralmente aceitas e servem de legitimação para a cultura ocidental contemporânea, e nos torna cépticos em relação a tais crenças. (FLAX, 1991:221)

Além de Jane Flax, muitas/os teóricas/os problematizaram o pós-modernismo e também sua relação com os feminismos. Linda Hutcheon, em seu livro *A poética do pós-modernismo*, tenta definir o que é pós-modernismo e qual sua função na sociedade. Segundo ela, pode-se considerar o pós-modernismo:

como uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamentos atuais, aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. (HUTCHEON, 1991:20)

Conforme explicita Linda Hutcheon, no fenômeno do pós-modernismo “o centro já não é totalmente válido” e deve-se ter o cuidado de “não transformar o marginal num novo centro”. (Idem, 1991:29/30). Para a autora, o pós-modernismo é uma atividade cultural em processo e precisa de uma poética para a organização dos vários conhecimentos e para o estudo das culturas. O pós-modernismo nos conduz para a desconstrução da “verdade” e o questionamento da objetividade. Acredita-se que não se chega ao passado, mas aproxima-se dele através dos indícios ou dos “restos textualizados”.

No contexto da articulação entre pós-modernismo e feminismos, ressaltamos o encontro entre os Estudos Feministas e as teorias foucaultianas. Os feminismos têm militado em favor das mudanças e da mobilização para derrubar as relações de poder e problematizar a hierarquização da diferença. As teorias foucaultianas colocam em xeque o essencialismo e universalismo e oferecem à história das mulheres uma base conceitual e ferramentas importantes para o trabalho das feministas de desconstrução das palavras e das coisas. Para Lucila Scavone,

Uma das questões presente na dimensão das lutas e da teoria feminista, é o problema das categorias universais, as quais, em uma perspectiva foucaultiana, não possibilitariam explorar os mecanismos profundos das malhas mais finas do poder. (SCAVONE, 2006:89)

O pensamento de Foucault e os feminismos convergem em um quadro de análise que se afasta das macroestruturas para chegar às relações cotidianas, à micropolítica. A lógica da não universalidade perpassa a discussão do corpo e da sexualidade. O corpo feminino torna-se lugar estratégico de poder, de repressão e produção de mecanismos de controle. Segundo Scavone,

O feminismo partia da discussão política sobre o corpo e a sexualidade revoltando-se contra um corpo assujeitado, objeto de prazer e de uso alheio, à mercê de políticas morais ou demográficas de Estado, prisioneiro de uma sexualidade normativa (...) tratava-se de uma luta pela reapropriação do corpo. (SCAVONE, 2006:93)

Foucault contribuiu para o feminismo com ferramentas teóricas para deslocamento epistemológico; hoje reconhecido pelas feministas, Foucault é também discutido em diversos campos e ciências. Esse filósofo acredita em outra visão de análise por parte de quem pesquisa, de quem escreve. Para ele, quem pesquisa deve ser:

(...) intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força, que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente, que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena. (FOUCAULT, 1998: 242)

Seguindo esse raciocínio, Foucault propõe uma revolução epistemológica, saindo da linearidade e desnaturalizando as representações sociais que povoam o imaginário da sociedade. Da mesma forma, os feminismos propõem o descentramento das metanarrativas; nesse sentido, ressaltam a busca por novos referenciais teóricos e termos próprios para a construção de uma nova epistemologia. Tânia Swain diz:

Os feminismos tem sido, assim, ponta de lança para a crítica da ciência, das verdades instituídas, dos valores transformados em leis, apontando para a historicidade absoluta do humano e dos sentidos criados em práticas discursivas, marcadas de tempo e de espaço e por elas universalizadas. (...) Desta forma, considero que os feminismos em seus desdobramentos diversos, abalando as certezas ancoradas no que seria o sólido, a natureza, criaram o solo para a crítica sistemática

das verdades científicas, no que se configurou o chamado pós-modernismo. (SWAIN, 2004) 4

Além das contribuições teóricas, epistemológicas e metodológicas dos estudos feministas brevemente apresentadas neste trabalho, salientamos a busca por mudanças no fazer/saber por parte do campo da História Cultural, que abre espaço para questionar e interpretar os acontecimentos e as fontes, o que proporciona aos seus pesquisadores um diálogo com outras ciências; como nos diz Vainfas: “a chamada História Cultural é uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica.” (VAINFAS, 1997:149) Essa nova concepção da História também rompe com os conceitos universalizantes e permite transformações epistemológicas, denunciando a crise dos paradigmas. Sandra Pesavento fala da importância da História Cultural:

A presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. (PESAVENTO, 2004:16)

A História Cultural, assim organizada e nomeada nos anos 90, teve suas raízes na militância dos autores da Escola dos Annales. Essa escola se desenvolveu na França na segunda metade do século XX, mais precisamente a partir dos anos 30, e os seus autores contribuíram para novas abordagens historiográficas, como nos aponta Eduardo Reinato:

Nos Annales, a História encontrou um campo amplo para sistematizar sua oposição ao positivismo e aos historiadores que defendiam uma História nacionalista e particularizante. Lucien Febvre e Marc Bloch ambicionavam a realização de uma História síntese e pluridisciplinar (...) Iniciou-se, para alcançar esse objetivo, uma acirrada crítica ao fulcro dominante do historicismo: a História política (...) há um alargamento do campo da História, orientando os temas históricos para outros horizontes, tais como a natureza, a paisagem, a população e a demografia, as trocas e os costumes. Dessa forma, a História deixava os campos de batalha e os castelos e palácios. (REINATO, 2002:108)

A partir da contribuição dos Annales, a ampliação do campo de pesquisa e do uso das fontes permitia ao/à historiador/a não só escolher outras fontes como também interpretá-las, construindo uma nova relação sujeito/objeto e expandindo os diálogos com outros campos do

⁴SWAIN, Tânia Navarro. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas*. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem Acesso em out./2006.

saber. Nos anos 90, as reflexões sobre campo historiográfico abrem as portas para um viés cultural, solo para o nascimento da História Cultural. Essa abordagem descentrou a idéia de se escrever ou pesquisar apenas pelo aspecto econômico ou político, e abraçou a valorização da cultura como fonte para a produção do conhecimento e a utilização do imaginário e das representações sociais para a construção da historiografia. Sobre a importância da cultura para a pesquisa científica, Sandra Pesavento nos diz:

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2004: 15).

Além do olhar sobre a cultura como tradução do real, a História Cultural facilitou o encontro e o diálogo entre a História e outras ciências, como por exemplo, a História e a Literatura. Como afirma Pesavento: “A nova questão que se abre, e que é central para a definição de estabelecer uma nova e grande corrente de abordagem da História Cultural, é a do uso da Literatura pela História” (Idem, 2004:82). Percebemos o crescimento dos estudos que problematizam as fronteiras entre História e Literatura, conforme explica Pesavento:

Para a História Cultural, a relação entre História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. (Idem, 2004:80)

É importante ainda destacar o diálogo entre a História e a Literatura como uma possibilidade de enriquecimento para as duas disciplinas. Também consideramos relevante a utilização da obra ficcional de autoria feminina para análise do imaginário e interpretação da experiência, uma vez que, dentro da nova concepção trazida pela História Cultural, a literatura é hoje considerada uma fonte que pode apresentar aspectos de representações sociais não expressos em outras fontes.

Por meio da literatura, podemos perceber como se formam as representações, as subjetividades e o imaginário em diálogo com as construções não-ficcionais. Portanto, observa-se hoje uma crescente utilização, por parte do/a pesquisador/a, da literatura como fonte para a construção historiográfica; a partir da aproximação entre esses dois campos

epistemológicos, constitui-se um diálogo que contribui de forma relevante para avançar nos estudos e nas pesquisas de ambos. Conforme argumenta Pesavento:

literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. (PESAVENTO, 2000:3/4)

Muitos autores/as discutem a relação entre História e Literatura. Entre as discussões é apresentada a aproximação entre essas disciplinas, considerando as duas como narrativas. Sobre isso, Paul Ricoeur afirma que: “(...) a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra.” (RICOEUR, 1997: 316). Em sua coleção *Tempo e Narrativa*, Ricoeur defende a ficcionalização da história e a historicização da ficção. Diante desse entrecruzamento de fronteiras, ele argumenta:

(...) O entrecruzamento entre a história e a ficção na refiguração do tempo se baseia, em última análise, nessa sobreposição recíproca, quando o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história. Desse entrecruzamento, dessa sobreposição recíproca, dessa troca de lugares, procede ao que se convencionou chamar de tempo humano, em que se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção, sobre o pano de fundo das aporias da fenomenologia do tempo. (RICOEUR, 1997:332)

Além da abertura de diálogo entre a História e outras ciências, a História Cultural amplia o diálogo entre vários conceitos e referenciais teóricos para a investigação histórica e uma nova escrita da história, como, por exemplo, os estudos das representações sociais e do imaginário. No decorrer do nosso trabalho, analisaremos principalmente as representações sociais produzidas nas obras das mulheres da família Fleury Godoy. As representações sociais são valores que constroem as imagens, representações condutoras de normas e identidades que tecem o imaginário social. Segundo Denise Jodelet:

Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações (...) As representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado (...) Estas representações se inscrevem nos quadros de pensamento preexistentes e enveredam por uma moral social. (JODELET, 2001: 20/21)

As representações sociais circulam nos discursos, produzem sujeitos por meio das experiências. Precisamos perceber essas representações e suas experiências para então analisá-las, interpretá-las e, quando necessário, propor mudanças às mesmas. O estudo das representações traduz uma nova perspectiva no “fazer” das ciências, ao problematizar e desconstruir a idéia de verdade absoluta defendida tradicionalmente. Acredita-se na responsabilidade e compromisso das/os historiadoras/es em analisar para depois escrever sobre as práticas sociais; entretanto, tem que se ter consciência que apenas nos aproximamos da verdade, sem nunca chegar a ela, já que a “verdade” absoluta é ilusória.

As representações sociais substituem o real, são colocadas em seu lugar para expressar a vontade de entender as relações sociais, suas imagens e percepções. Denise Jodelet nos explica que as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, uma visão que concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001:36). As representações sociais tomam forma de regimes de verossimilhança e credibilidade, apresentando orientações para a sociedade. As representações se colocam no lugar do passado, substituem-no, já que o passado não está estagnado, esperando ser revelado ou resgatado. Para o historiador Eduardo Quadros:

A realidade do passado é aquilo que não existe mais. O historiador não pode ver face a face as personagens que investiga. Contenta-se em conseguir um ‘efeito de real’ nas narrativas que escreverá.
(QUADROS, 2005:1512)

As representações circulam entre as práticas sociais nas quais se baseiam os indivíduos e os grupos e são significações importantes para as práticas, na constituição do social-histórico. Tomamos essa concepção de Castoriades:

O social-histórico é o coletivo anônimo, o humano-impessoal que preenche toda formação social dada, mas também a engloba, que insere cada sociedade entre as outras e as inscreve todas numa continuidade, onde de uma certa maneira estão presentes os que não existem mais, os que estão por nascer. É por um lado, estruturas dadas, instituições e obras ‘materializadas’, sejam elas materiais ou não; e por outro lado, o que estrutura, institui, materializa. Em uma palavra, é a união e a tensão da sociedade instituinte e da sociedade instituída, da história feita e da história se fazendo.
(CASTORIADES, 1982:131)

As práticas sociais estão baseadas nas representações sociais e, ao mesmo tempo, criam-nas, ora reafirmando, ora refigurando as imagens. As representações sociais direcionam as pessoas ou servem de referência para um grupo em que, através de suas relações de poder,

os indivíduos se sobressaem uns aos outros em um jogo constante na microfísica cotidiana. Sobre representação, Chartier enfatiza

em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos: seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição: por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’- instâncias coletivas ou pessoas singulares – marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

(CHARTIER, 1990:23)

O conjunto de representações e imagens que perpassam o social constitui o imaginário. O imaginário social está repleto de imagens e valores que impulsionam as práticas sociais e se referem às formas de percepção, identificação e atribuição de significado ao mundo. Para Tânia Navarro Swain:

O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadoras de afetos, desejos, emoções, esperanças, emulações; o próprio tecido social é urdido pelo imaginário - suas cores, matizes, desenhos reproduzem a trama do fio que os engendrou. O imaginário seria condição de possibilidade da realidade instituída, solo sobre o qual se instaura o instrumento de sua transformação. (SWAIN, 1994:48)

De acordo com a autora, o imaginário aflora nos diferentes discursos e forja sentidos. Segundo ela: “... O imaginário compõe/decompõe sentidos que migram através de formações discursivas homogêneas e/ ou heterogêneas, criando imagens saturadas de paixões/rejeições, que definem perfis/tipos/papéis sociais” (Idem, 1994:48).

A partir da produção ficcional e não-ficcional das autoras selecionadas para a presente pesquisa, propõe-se fazer as leituras e interpretações das representações sociais e suas imagens, objetivando promover a desestabilização dos imaginários constituídos pela sociedade patriarcal. Através da abertura epistemológica e dos diálogos entre as ciências proporcionados pela História Cultural e pelos feminismos, numa concepção pós - moderna, propomos uma interpretação do gênero inscrito nas obras das autoras da família Fleury, analisando os momentos de descontinuidade e apontando novos olhares e novas perspectivas.

Não podemos esquecer do conceito de experiência que interliga as representações e o imaginário. Como já dissemos, Joan Scott acredita que deve ser feito um trabalho de historicização da experiência e propõe aos historiadores/as uma alternativa: a problematização do conceito e, no caso do presente trabalho, o seu uso como objeto de análise. Nosso objetivo é contribuir para a construção da epistemologia feminista; como nos lembra Margareth Rago, “a inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal” (RAGO, 1995:81). Os feminismos possibilitam aberturas às novas maneiras de se enxergar as mulheres, denunciando as representações e as imagens que regulam e controlam a sociedade, no intuito de substituí-las pela visibilidade a uma multiplicidade de mulheres, rompendo com os binarismos e outros valores e sentidos que as prendem e as escravizam às maneiras convencionais de se viver. Nossa proposta é a de priorizar as identidades plurais, fugindo dos valores e práticas sociais do patriarcado, que perpassaram os séculos anteriores e chegaram até nós.

Acreditamos na importância da escrita de autoria feminina e também da análise das experiências relatadas em seus escritos para melhor compreendermos uma determinada sociedade. Nosso objetivo é visibilizar escritas que foram silenciadas, por serem julgadas pouco importantes para a historiografia; mais especificamente, analisaremos as produções deixadas por Augusta Faro e suas filhas na tentativa de se perceber nos seus discursos como essas mulheres fizeram política, considerada em um sentido mais amplo, uma vez que seus textos fornecem elementos que nos mostram que elas tinham um outro olhar sobre o papel das mulheres na sociedade. Através de uma escrita que poderíamos considerar “feminista”, essas mulheres romperam grilhões e produziram inúmeras possibilidades para as mulheres da época. Os feminismos nos incentivam na busca de uma epistemologia inovadora, construindo novas possibilidades de práticas sociais.

O papel das historiadoras feministas é o de buscar a construção de uma nova epistemologia, rompendo com os binarismos hierarquizantes, como por exemplo: público versus privado, belo e feio, matéria e espírito, natureza e cultura, masculino e feminino. Rompe-se assim com a essência de ser mulher, a naturalização, o determinismo biológico, o universal. Cabe a nós, feministas, desnaturalizarmos as relações tradicionais entre o feminino e o masculino que criam os já conhecidos tipos de dominação patriarcal. Consideramos que o

papel da historiadora feminista é também de militância, pois a proposta é levar as discussões dessa nova epistemologia para a sociedade, construindo novas relações sociais e novos espaços de atuação para os múltiplos grupos e sujeitos. Com a epistemologia feminista, abrem-se caminhos para a verificação e desconstrução de paradigmas de conceitos, como o natural, universal, permitindo que novas escritas mostrem novas histórias e recontem nosso passado com outros olhares.

Desde os anos 80, a necessidade de uma nova produção do conhecimento instigava as academias. Michelle Perrot indagava sobre a existência de uma escrita feminina, uma maneira de fazer/escrever a história especificamente feminina. Olhar feminino? Aquilo era possível? As histórias das mulheres abriram caminho, tornando-se uma das vertentes importantes na teoria feminista, que, ao discutir a possibilidade de um novo projeto de ciência, trouxe à luz novas formas de produção teórico-científica que vêm se desenvolvendo na consolidação de uma epistemologia feminista.

O conhecimento e seus paradigmas, majoritariamente produzidos pelo homem, sempre beneficiaram os valores masculinos. Os discursos sempre produziram as práticas e reiteraram as diferenças sexuais, e agora surge uma possibilidade de um modo feminista de pensar, um nascimento do contradiscurso feminista. A emergência de novos temas possibilitou a construção de uma história no feminino, negou o determinismo biológico e natural, valorizou as dimensões simbólicas e problematizou as representações sociais. O pós-modernismo trouxe a abertura para novas formas interpretativas e narrativas, rompendo com a cientificidade e veracidade do positivismo; o próprio discurso passou a ser interrogado. Margareth Rago, em seu texto *Epistemologia Feminista, Gênero e História*, defende propostas de epistemologias alternativas como formas de inovação libertária. Para a autora, é preciso a constituição de um projeto feminista de ciência, uma participação do feminismo na crítica cultural. Como forma de argumentação para sua proposta de projeto, Margareth Rago defende:

as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem se processando, também, na produção do conhecimento científico. (RAGO, 1998:23/24)

O projeto feminista de ciência busca dar visibilidade às mulheres e possibilita o nascimento do contradiscurso feminista que, conseqüentemente, constitui um campo feminista do conhecimento, em que as mulheres se tornam agentes dos discursos, rompendo com o enquadramento conceitual da ciência convencional.

É nessa concepção de epistemologia feminista que propomos trabalhar com as obras das mulheres da família Fleury. Por meio de suas crônicas, contos e poemas, podemos identificar e analisar as imagens das mulheres na sociedade da época, que precisam ser desconstruídas. Essas mulheres pareciam aceitar o determinismo biológico⁵ e suas práticas sócio-culturais; entretanto, elas fizeram da literatura uma forma de libertação, posicionando-se “Fora da Vida”, com suas personagens que timidamente ousaram sair da forma convencional de “ser Mulher”. Elas tentaram fugir do binarismo público/privado, pois sempre foram mulheres conhecidas na sociedade, mostrando que o pessoal pode ser político. As mulheres da família Fleury fizeram política apesar da limitação do espaço físico de seus lares, pois mesmo não lhes sendo permitido o emprego fixo ou trabalho remunerado no hierarquizado “espaço público”, utilizaram a paixão pela escrita e a produção de suas obras como estratégias para romper com a obrigatoriedade dos afazeres domésticos⁶.

Conforme têm explicitado os movimentos feministas, o pessoal é político e assim o privado também é público, o pessoal e o social não se separam. Sabemos que há parcelas de subjetividade no social, numa dialética em que o social é transportado para o pessoal. Essa fronteira entre espaço público e privado tem sido problematizada, levando os pesquisadores e teóricos do pós-modernismo, além dos/as estudiosos/as da cultura, a reconhecerem a inter-relação desses espaços, fugindo do binarismo construído pela epistemologia convencional. Os estudos feministas procuram desconstruir esses modelos e práticas produzidos no imaginário social, segundo os quais apenas o espaço público é político. Ao homem é permitido o acesso ao espaço social, o espaço da cultura, e às mulheres restam o espaço privado e os afazeres domésticos.

⁵ Em vários contos, crônicas e outros registros da família, percebe-se a exaltação da maternidade, o maternal ligado ao divino, ao santo. Esse assunto será analisado nesta dissertação quando apresentarmos os textos das autoras.

⁶ Em entrevistas por mim gravadas, as netas de Augusta Faro, Marilda Godoy e Augusta Melo, confirmam que a avó e mãe usaram da literatura para romperem com os deveres domésticos; as biografias das autoras, documentadas em livros e jornais, comprovam o mesmo.

As experiências dessas mulheres evidenciam representações de gênero, reiterações tradicionais de imagens, mas lêem-se também em seus textos, através de suas personagens e histórias, momentos de descontinuidades, afastamento dos modelos binários patriarcais que separavam e hierarquizavam a produção de homens e mulheres. Esses modelos são produzidos nas representações sociais, tornam-se regimes de verdade para a sociedade. Michel Foucault, em seu livro *Microfísica do Poder*, trabalha com o conceito de regime de verdade, segundo o qual

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 1979:12)

Os feminismos têm buscado desconstruir esses regimes de verdade, propondo possibilidades múltiplas de práticas sociais e de mulheres que rompem com as representações construídas sobre a “verdadeira mulher”.

As mulheres da família Fleury tinham conhecimento político, estudaram, foram professoras, palestrantes, presidentas da academia feminina de Letras de Goiás e receberam vários títulos e homenagens através da literatura. Essa foi uma forma de superar as limitações do espaço doméstico. Fragilizaram também a imagem universalizada da mulher que não pensa ou que não sabe fazer política; elas sempre escreveram artigos visibilizando mulheres que estavam rompendo com os paradigmas⁷ da sociedade; escreveram sobre II Guerra Mundial, sobre a cultura de vários estados, e receberam diversas premiações, no Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia e França.

A literatura e o conhecimento foram a forma que encontraram de se libertar, de se emancipar dos afazeres domésticos; entre outras realizações, foram elas que arquitetaram suas casas. Nós, feministas, estamos visibilizando novas formas, mulheres que de algum jeito ou em algum momento substituíram conceitos e práticas fixas impostas a nós.

Um outro aspecto que abordamos em nosso trabalho é a problemática literária da constituição do cânone, o que tem sido uma preocupação dos estudos feministas. Rita

⁷ Referência ao artigo “Vão abrindo alas que nós vamos passar”. O artigo cita e parabeniza mulheres agindo e transformando a sociedade, exemplo: referência à Rachel de Queiroz. Título em homenagem à Chiquinha Gonzaga.

Schmidt problematiza o cânone e também o contra-cânone. No subtítulo de seu texto podemos observar sua proposta de análise, quando ela diz: “*Nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro*”. Isso quer dizer que é preciso construir um projeto orgânico e dinâmico em nossas práticas acadêmico-culturais, para não cairmos mais no erro de repetirmos o discurso do mesmo, ou seja, o discurso hegemônico, que determina a composição do cânone, nem aceitarmos, de forma acrítica, ser considerados o outro do hegemônico.

É preciso uma prática política e epistemológica que descentralize o centro, mas que também não se pense as margens a partir do referencial centro. Pelo contrário, é preciso que se problematize as margens a partir de suas próprias periferias, suas próprias referências, entendendo que as margens são complexas, possuem suas próprias categorias e particularidades, sem reduzir as margens à diferença em relação ao centro. Sobre essa reflexão, Schmidt afirma:

No meu entender, a polarização cânone/contra-cânone que começa a tomar corpo nos estudos das literaturas nacionais via discurso crítico, configura uma afirmação tautológica da autoridade do centro na medida em que a negação dos seus paradigmas de referência, condição de existência da retórica contra-canônica, implica, mesmo que de uma forma oblíqua, o reconhecimento do centro como referencial. (...) Essa lógica perversa, caucada em noções de causalidade e de determinação de valores originários que se tornam modelares, precisa ser desconstruída sob pena de nosso discurso crítico construir aqui suas próprias periferias. (SCHMIDT, 1996:115-116)

A problemática cânone/contra-cânone não pode ser simplificada ou restrita à oposição centro/margem, como nos alerta Schmidt :

A simples redução da diferença à polarização cânone/contra-cânone parece-me ser uma oposição essencialista e improdutiva, que reproduz o binarismo centro-margem, fixando identidades culturais numa hierarquia imposta ou presumida. (SCHMIDT, 1996:121)

Em sua formação, o cânone sempre desconheceu rupturas ou descontinuidades, pois preocupava-se, sobretudo, em reafirmar a legitimidade e os valores que constituíam o centro. Apesar da grande resistência ao questionamento dos pressupostos alicerçados nos critérios estéticos e juízos de valores tradicionais, surge, no contexto da crítica feminista e da pós-modernidade uma série extensiva de estudos e pesquisas que estão alterando o mapa da produção literária e a própria configuração da historiografia tradicional. Na concepção de

Smith, a problematização do cânone encontra-se no contexto do pensamento pós-moderno, o qual busca descentralizar as questões de poder, verdade e valor. Precisamos adotar uma postura de deslocamento do referencial centro-margem para assim reconhecemos uma cultura própria dessas margens, dinâmica, agenciada em suas próprias periferias. Posteriormente, é possível analisarmos nessas margens as representações e os múltiplos imaginários que constituem as relações humanas, como é o caso das autoras selecionadas para a presente pesquisa.

O nosso trabalho também se formula a partir dessas contribuições, pois buscamos visibilizar a autoria feminina e suas experiências reconstituídas por elas mesmas a partir de seus textos. Pretendemos fazer um trabalho de interpretação histórica, analisando as representações sociais e o imaginário e, dessa forma, acrescentaremos novos olhares e novos espaços de construção. Visibilizar a autoria feminina também é um gesto político, porque acreditamos na contribuição relevante deixada por essas mulheres, que foram silenciadas durante a construção do conhecimento científico hegemônico, e que agora buscam o afastamento desses modelos de produção.

A partir da ótica feminista de desconstrução e da tentativa de escrever desse “outro lugar”, propomos a contínua análise da produção ficcional e não-ficcional das escritoras da Família Fleury. Para isso, desenvolveremos uma leitura e interpretação das experiências percebidas nas obras destas mulheres e, por meio delas, tentaremos entender as experiências de outros grupos sociais, além da própria experiência patriarcal em que elas foram constituídas, dentro de uma teia de significações, seu conjunto de valores e representações que perpassam pelo imaginário social. Dessa forma, com o cruzamento da leitura e análise dessas fontes, tentaremos enxergar caminhos diversos para as interpretações das experiências e também propor mudanças e transformações, quebrando com a rigidez de papéis, de valores e posições da “Mulher”.

Novas pesquisas vêm sendo desenvolvidas a partir dessas perspectivas de mulheres que procuram visibilizar temas ainda não explorados, ou pouco estudados. Sendo assim, acreditamos que o nosso trabalho constitui mais uma colaboração para o avanço desses estudos. A história de Goiás ainda está em processo e precisa ser escrita de outra forma, desnaturalizando paradigmas, reescrevendo as relações sujeito/objeto, contribuindo para uma nova produção acadêmica.

CAPÍTULO 2:

“A verdadeira mulher” normas e representações

Augusta de Faro Fleury Curado⁸ foi uma das primeiras mulheres a dedicar-se à Literatura em Goiás. Ainda em São Paulo publicou seu primeiro livro, que foi lançado em 1891, intitulado *Devaneios*. Essa é uma obra que reúne vários contos nos quais é possível verificar as relações de poder no âmbito familiar, os costumes e valores no final do período monárquico. *Ramallete de Saudades* são relatos de memória encontrados em um velho caderno da autora, sendo acrescentado ao livro *Devaneios* numa 2ª edição, em 1988. *Ramallete de Saudades* foi escrito por Augusta de Faro em 1872, um ano depois da aprovação da Lei Barão de Rio Branco ou Lei do Ventre Livre⁹. Ao fazer a leitura desses relatos, percebemos as relações entre senhores/as e seus/suas escravos/as:

- Augusta, para dentro... era o estribilho diário. Recomendava ao preto velho, tio Jô, que era o cozinheiro africano e que a muitos anos nos servia. [...] junto ao quarto de nossos pais dormíamos nós três com minha ama de leite, uma alemã, Ana Bocam, que continuava em casa pois era muito pobre e com uma porção de filhos. [...] Não sei qual o número de escravos, mas eram muitos. Havia os que trabalhavam na roça de café, e, em casa, como lavadeiras, engomadeiras, doceiras, cozinheiras, sem contar as mucamas e os crioulinhos, cujo serviço era brincar com os sinhozinhos.

(CURADO, 1891:106)

No trecho acima podemos analisar a interface gênero, raça e classe. Percebemos a presença de escravos e escravas o tempo todo na fala da autora. Ela mostra a quantidade de empregados que sua família tinha e diferencia a raça quando diz “preto velho”. No texto verificamos a interface gênero e classe, quando Augusta fala que sua ama de leite era uma alemã pobre e com muitos filhos. Ao analisarmos os textos da autora referentes à classe e raça, percebemos respeito e mesmo amizade com os serviçais, porém marcado por certo distanciamento e hierarquização.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados por profundas transformações na sociedade brasileira geradas pelo processo de modernização, principalmente no Rio de Janeiro. Esse processo foi intensificado pela emergência da

⁸ Daqui em diante, será tratada como Augusta de Faro.

⁹ Segundo esta lei, toda criança negra nasceria livre, mas deveria trabalhar pelo tempo que o senhor de escravos/as a sustentava, ou seja, o senhor a sustentava até os 9 anos mas a permanência da criança na fazenda se estendia até seus 18 anos; nenhum escravo/a foi beneficiado por essa lei, pois antes foi abolida a escravidão.

República e das novas idéias sobre ser “civilizado”, o que era sinônimo de “europeizar” os costumes. Esse período marcou a passagem das relações sociais senhoriais às relações sociais do tipo burguês. A cidade burguesa exigia novos comportamentos que substituíssem atitudes e expressões tradicionais inapropriadas para a nova situação que surgia. Todas essas transformações na vida da sociedade e das famílias também se estenderam ao universo do lar, o qual era marcado pela valorização da intimidade. Essa transformação no interior dos lares marcou o limite do convívio e as distâncias sociais entre a burguesia e o povo. Apesar da interiorização da vida doméstica, muitas casas burguesas abriram determinados espaços para a apreciação pública, como as salas de visitas e os salões para a realização de saraus, jantares e festas. Com todas essas mudanças do social e da vida doméstica, as mulheres também deveriam se enquadrar nas novas regras sociais. Sobre essa interiorização da vida doméstica e os novos valores, fala-nos Maria Ângela D’ Incao:

Nesses lugares, a idéia de intimidade se ampliava a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos “outros”. A mulher de elite passou a marcar presença nos cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre – “a convivência social dá maior liberalidade às emoções” – não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. (D’ INCAO, 2007: 228)

Como já dissemos neste trabalho, entendemos que a história precisa ser escrita a partir de perspectivas diferentes, com múltiplas leituras de fontes diversificadas que outrora foram ignoradas pela historiografia. A leitura das obras dessas mulheres nos permite uma construção historiográfica com novas formas de interpretações históricas diferenciadas dos modelos hegemônicos tradicionais.

Augusta de Faro e suas filhas Maria Paula e Nita escreveram a partir de suas condições de produção, ou seja, elas foram constituídas nas práticas sociais e valores de sua época. Segundo Eni Orlandi, as condições de produção referem-se aos sujeitos e a seus meios históricos, nos quais aqueles são produzidos. Para a autora, a memória é um dos fatores que constitui essas condições. Para Orlandi, memória é:

Definida como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a

forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2002:31)

A memória colabora na construção do contexto social-histórico e ideológico de um determinado grupo, pois ela também narra aquilo que anteriormente existe, os sentidos já formulados por alguém. Ao lermos um escrito de memória da autora Maria Paula sobre sua mãe, podemos fazer uma breve análise das condições de produção em que ela e as mulheres de sua família estavam inseridas:

Recordo-me de tua paciência ao desembaraçar-me os cabelos cobertos de folhas e de pedacinhos de pau, que se agarravam aos meus cachos, quando eu subia nas árvores da chácara, para apanhar frutas ou para balançar-me nos galhos, que nem sempre suportavam meu peso. (...) E nunca me recebeste de rosto fechado. Ralhavas, sim, mas tão meigamente, entre beijos e carinhos. (CURADO, 1891:149)

No trecho acima podemos perceber as identidades de gênero que são materializadas pela memória discursiva da autora, a qual foi construída a partir de valores e crenças anteriores a ela e à sua mãe. Percebemos uma das representações convencionais no texto acima quando Maria Paula nos deixa entender que sua mãe exercia um papel fundamental de mãe, dentro dos moldes patriarcais que regulavam a experiência da maternidade.

No decorrer do livro podemos analisar algumas representações de gênero como a construção do par binário feiticeira versus fada, reiteradas ao longo dos tempos pelos tradicionais contos de fadas, todos de autoria masculina. Em um conto do livro chamado “A Fada” a narradora apresenta a história de um lugar que não deveria ser visitado por quem tivesse medo das feiticeiras, no caminho da choupana perto da lagoa. Durante o conto a narradora descreve a diferença entre a fada e a feiticeira, como podemos ler a seguir:

Quando todos dormem e a lua mostra pálida no azul do céu, surge da mata a mais mimosa fada que se possa imaginar, envolta de túnica, os cabelos louros caindo-lhe até os pés, desliza pelos campos tocando com sua varinha as portas fechadas das casas, passando pelas frestas das janelas, vai ao leito das virgens espalhar pétalas de rosas que se transformam em sonhos risonhos. (...)

- Que perigo pode trazer uma encantadora fada? Me perguntarás.

As feiticeiras são velhas, magras, feias, andam sempre com gatos, murmuram palavras cabalísticas e fazem sinais misteriosos que causam arrepios. Mas uma fada, que mal pode causar tão linda visão?

(CURADO, 1890: 144)

É perceptível, nos contos de fada, exemplos da rivalidade entre a bruxa ou a madrasta e a Cinderela ou a fada madrinha. Essas construções são exaustivamente repetidas ao longo dos séculos, criando suas respectivas imagens: a bruxa sempre é feia, velha, enquanto a Cinderela ou a fada é bela, encantadora e pratica boas ações. Tais modelos são cristalizados e assim permitem às pessoas fazerem associações, enquadrando os agentes sociais ou as mulheres ora em uma representação, ora em outra, sempre em contraposição; instala-se assim o binarismo.

No mesmo conto é possível analisar também a presença da santificação da mulher, quando a narradora fala que a fada “vai ao leito das virgens espalhar pétalas de rosas”. Podemos atribuir a idéia das virgens à parábola encontrada no evangelho de Matheus, no capítulo 25, quando o reino dos céus é comparado às virgens, ou seja, as pessoas deveriam ter sentimentos de pureza, como a idéia que a virgindade representa. No caso do texto acima, as virgens são descritas de forma muito próxima às imagens construídas sobre as santas e isso é um indicador da forte atmosfera de religiosidade das autoras e do ambiente em que viviam. Em muitos momentos do livro *Devaneios*, a imagem da mulher santa é marcante.

Augusta de Faro sempre faz referência à sua mãe, que já era falecida quando ela escreveu seu primeiro livro. Percebemos, em seus textos, a construção da imagem de uma santa, quando a autora narra como foi a morte de sua mãe: “Vejo-a ainda vestida com hábito de Nossa Senhora do Carmo, bela como uma santa.” (CURADO, 1881:148) A imagem da mulher santa é um dos valores que compõe a representação da “verdadeira mulher”. No início de seu livro Augusta dedica um poema à sua mãe:

À MINHA MÃE:
 Pudesse eu, Mãe, meus cansaços
 No teu colo repousar!
 Adormecer em teus braços
 E nunca mais despertar!
 Longe de ti, este mundo
 É um exílio para mim.
 Negra voragem sem fundo,
 Triste deserto sem fim.
 No alvo clarão que reveste
 Da manhã rósea o arrebol,
 Vejo teu vulto celeste,
 Envolto na luz do sol.
 Na neblina que esbranquiça
 O ar das noites invernosas,
 E, como um véu de noviça,

Cobre os cálices das rosas,
 Surges tu, formosa santa,
 Que à triste envia o Senhor,
 Então meu coração canta,
 Ébrio de júbilo e dor.
 Toda de branco vestida,
 Ao partir, dizes-me adeus
 E anseio, eu louca e perdida,
 Por seguir os passos teus.
 Se à noite durmo, cansada,
 Eu julgo ouvir-te cantar
 Cantigas da infância amada,
 Que me faziam chorar.
 Depois, me beijas a face,
 Tremo toda de emoção.
 De teus beijos me renasce
 A mais santa inspiração.
 É um talismã tua imagem
 Que na alma tenho gravada:
 Só ela me dá coragem
 Pra sofrer resignada.
 Minha mãe, santa querida,
 De virtude exemplar,
 Consiga eu sempre na vida
 Tua bondade imitar.
 Abençoa este livrinho,
 Pobre, humilde, sem valor.
 Aceita-o como um carinho
 Do meu infinito amor.

(CURADO,1891:15/16)

Em muitos trechos do poema acima percebemos a melancolia e a saudade da mãe e é notável a exaltação da sua imagem: “vulto celeste”, “véu de noiva”, “formosa santa”, “toda de branco vestida”, “é um talismã tua imagem”. Esses termos evidenciam a santidade que Augusta via em sua mãe, ressaltando os valores que uma “verdadeira mulher” deveria apresentar. Além da “santidade” que “A Mulher” exercia, um outro papel de destaque que faz parte das atividades domésticas é o papel de mãe. No mesmo poema a autora fala: “Minha mãe, santa querida, de virtude exemplar, consiga eu sempre na vida, tua bondade imitar” (Idem). Ser mãe era uma forma de se vincular ao lar e aos afazeres domésticos, também considerada uma virtude a ser imitada. A maternidade sempre foi pretexto para negar às mulheres a cidadania política. De acordo com Denyse Baillargeon,

A identificação das mulheres ao papel social materno e à *maternagem* determinou, entre outros fatores, a socialização e a escolarização de todas as mulheres, assim como serviu, durante muito tempo, de pretexto para recusar-lhes a cidadania política, interditar-lhes o

exercício de certas profissões e manter um conjunto de práticas que as discriminava em todos os níveis da vida social.

(BAILLARGEON, 2000: 141)

No século XIX se reforçou a idéia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada, e esse era um alvo que só poderia ser alcançado pela família “burguesa e higienizada”. De acordo com Maria Ângela D’ Incao,

Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a idéia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” da rua. (D’INCAO, 2007: 229)

Por muito tempo a discussão sobre maternidade se restringiu à questão biológica. Em muitos momentos ter ou não filhos/as definia a importância da mulher na sociedade. Foi naturalizado nas sociedades patriarcais que toda mulher deveria ser mãe, aprisionada, embora de forma idealizada, na sua biologia, a qual a colocava no papel central de perpetuadora da espécie humana; quando não conseguia, a mulher cobrava de si e recebia pressões de sua família e da sociedade. Os feminismos têm apontado propostas desconstrucionistas para esses valores arraigados no social. Hoje se entende que a maternagem vai além do biológico, ou seja, não é mãe somente quem gera mas também quem cuida. Outros aspectos também defendidos são que as mulheres têm o direito a escolher serem ou não mães e que é preciso desconstruir a idéia de que maternidade é natural para as mulheres, como se elas nascessem sabendo ser mães. A maternidade tem sido tema de discussão entre as feministas numa tentativa de demonstrar a existência de uma multiplicidade de perfis de mães. Sobre essa abordagem, Cristina Stevens analisa:

Por muito tempo, a maternidade foi considerada um fato puramente biológico, fixado, literal e simbolicamente, nos limites do domínio privado e emocional. Os discursos religiosos, médicos e psicológicos que descreviam e, sobretudo, prescreviam esses papéis foram bastante danosos para as mulheres. Hoje, debatemos a função e status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade se diversifica, uma vez que à mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adolescente, a mãe prisioneira, a mãe pobre, negra, a mãe genética, etc. (STEVENS, 2005:35/36).

Ao lermos a análise acima, percebemos que a discussão sobre a maternidade atravessa várias dimensões, como classe, etnia, raça, sexualidade e outros. Verifica-se também que as

mulheres não precisam mais se limitar às suas casas e aos seus/suas filhos/as e são sujeitos históricos que traçam suas metas e têm suas escolhas pessoais. Fazemos questão de analisar, no presente trabalho, as reiteraões e as descontinuidades que se encontram presentes nos textos das autoras em estudo. Apesar das tentativas de desfamiliarização de algumas representações de gênero, as mulheres da família Fleury sempre viram na maternagem a tarefa primordial de suas vidas, destacando esse aspecto em muitos momentos de suas obras. Exemplo disto, é o texto abaixo, escrito por Maria Paula sobre sua mãe:

Minha mãe raramente saía. Vivia às voltas com os filhos, uma escadinha, tulmutuosa e exigente. Mas ainda assim, achava tempo para auxiliar meu pai, de quem fora sempre confidente, conselheira e colaboradora. Meu pai, advogado e político, não dispensava a cooperação de mamãe. E ela se dava inteiramente ao marido e aos filhos, ao seu lar, enfim. Só a noite, depois que os menores dormiam e os mais velhos preparavam suas lições, mergulhava na leitura, junto da rede de papai, que por sua vez, devorava jornais e revistas do Rio e São Paulo. (GODOY, 1961:9/10)

Augusta de Faro, como é relatado acima, era colaboradora do marido, dava-se ao seu lar; colocando seus interesses em segundo plano, apenas quando não mais precisavam dela, dedicava-se às suas leituras. Maria Paula ainda mostra o tipo de leitura que o pai fazia, pertinente à profissão dele, ao mesmo tempo em que não destaca quais as leituras eram feitas por sua mãe. Ainda sobre a importância da mãe, seus ensinamentos e a religiosidade, lemos:

Parece-me ver ainda o teu angélico semblante quando me ensinava a orar, passando o teu braço em volta do meu pescoço, sustentava a minha cabecinha tonta de sono, até que, balbuciando as palavras tão belas do Padre-Nosso, as pálpebras iam se fechando aos poucos e eu adormecia. (IDEM, 1961:11)

Percebemos no trecho acima o papel da mãe na educação religiosa, ensinando à sua filha as orações e princípios vinculados à religião e à igreja. Por todo século XIX a igreja conduziu a vida das pessoas e estava fortemente vinculada aos costumes, normas e questões morais presentes na sociedade. No final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, mesmo com várias mudanças ocorridas no Período Republicano, os costumes e valores estavam fortemente arraigados na religiosidade. As festas religiosas estavam presentes no calendário popular da Cidade de Goiás no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. As relações sociais da cidade eram conduzidas pela educação cristã, e a igreja apresentava-se como uma instituição que favorecia e ensinava os valores patriarcais.

A igreja e a família, o público e o privado eram inseparáveis. A igreja, uma instituição pública, ditava o modo como as pessoas deveriam viver, e era no lar que os costumes se cristalizavam. Depois que o chefe da família fazia a oração, a senhora do lar ou sua empregada colocava o alimento à mesa e, enquanto o pai não falasse nada, ninguém conversava. Cada membro da família tinha o seu lugar reservado na mesa. Então o pai sempre perguntava como estavam os filhos na escola e se eles obedeceram à mãe pela manhã. A cerimônia se repetiria no jantar.

A igreja estava tão presente na vida das famílias daquela cidade que todos os acontecimentos eram avisados por meio dos sinos. Quando as pessoas morriam, os sinos tocavam, e as badaladas eram distintas para avisar a morte do homem, da mulher ou da criança. O luto era presenciado nas roupas e nos hábitos quando alguém morria, principalmente entre as viúvas, que usavam luto fechado. Todos esses valores religiosos são perceptíveis nos livros das filhas, assim como no livro *Devaneios e Do Rio de Janeiro à Goiás*, de Augusta de Faro, como podemos comprovar no conto *A Felicidade*: “Crê em mim, a vida é peregrinação espinhosa, até que o anjo da morte venha buscar-nos para a celeste pátria. Ouve-me, só na Eternidade, junto a Cristo, encontrarás consolação para os teus sofrimentos.” (FARO, 1891:21). No conto *A Finada*, isso também fica evidente:

Velho sacerdote que rezava o breviário na sala contígua, veio suavizar os últimos momentos daquela que tanto sofrera. Mostrou-lhe a ventura sem fim que a esperavas no outro mundo. Ele falava ainda quando os sinos tristemente tocaram a Ave- Maria. Lúcia soltou um longo suspiro, beijou o crucifixo e foi responder no céu à saudação angélica. Ficou transfigurada depois de morta: muito pálida, com o resplendor áureo de seus cabelos louros, parecia uma dessas santas imagens de mártir cristã, que tanto me impressionaram quando criança. O Padre, esse amigo fiel que sempre encontramos junto a nós nos momentos mais solenes da existência, que nos acompanha do berço à sepultura, ajoelhou-se para rezar por aquela que finalmente descansava na paz do Senhor. No dia seguinte, o enterro. Doze moças acompanhavam o carro mortuário. Do caixão coberto de coroas pendiam doze fitas de chamalote branco que elas seguravam.

(CURADO, 1891:35)

O trecho acima é um exemplo de como a experiência de escrever que constituiu essas mulheres está repleta de religiosidade, temor a Deus e devoção aos santos e santas, produzindo as imagens tradicionais do que seria a “verdadeira mulher”, que teria preocupação com sua própria imagem e com valores como pureza, santidade, dedicação, entre outros. No conto “A Finada” a personagem Lúcia apresentava esses valores e podemos destacar a

presença da igreja consolidando-os através da aprovação divina. Logo no início do conto, a narradora apresenta uma mulher sofredora; a “verdadeira mulher” sempre faz sacrifícios e a igreja, na figura do sacerdote, abençoa-a por isso. Ao lermos esse e outros contos de Augusta, podemos perceber uma exaltação à mulher santa da qual, poderíamos pensar, as cinderelas sua herança; e talvez a bruxa seja um desdobramento pagão de Eva. Esses valores não são apenas representações das práticas sociais da época, como também são auto-representações. As mulheres da família Fleury foram construídas a partir das experiências de gênero nas quais viveram; entretanto, elas também desfamiliarizavam essas práticas. Mesmo que, em alguns momentos, apresentavam-se “fora da vida”, também precisavam ser aprovadas pela sociedade na qual estavam inseridas, então reproduziam nelas mesmas a imagem da mulher convencional. Mesmo situando-se “fora do gênero” quando liam e escreviam em um momento histórico onde a leitura e a escrita pertenciam ao universo masculino, elas também incorporavam os valores patriarcais da verdadeira mulher, sempre orientadas pela religiosidade cristã. Essas mulheres, construídas na experiência de escrever, através das representações e auto-representações, produziram e viveram “dentro do gênero ou fora do gênero”, “dentro da vida e fora da vida.”.

Augusta veio do Rio de Janeiro para Goiás em 1896; ela narrou toda essa trajetória que durou dois meses em um diário organizado e publicado posteriormente por sua filha Maria Paula Godoy¹⁰. Foram dois meses de desconforto, calor, estradas precárias, falta de água, perigo e dificuldade em viajar com crianças. Em seu diário Augusta Faro narra:

(...) O sol foi esquentando, os viajantes aumentando, o vagão era um verdadeiro forno, um horror! Em Campinas, que é uma bela cidade, com estação quase maior do que a Central, tivemos baldeação. Agora sim, deixamos o muito ruim pelo pior. Seguimos já cansados e num lugar por nome ‘Morro Seco’, lugar árido, terra cor de oca, uma ou outra árvore mirrada, galinhas ciscando, sol quente, a máquina já fatigada repousa um pouco porque estamos no alto da serra. Nesse lugar não há água, nem de poço, e bebem água da chuva... quando chove. Como nesse lugar a máquina despeja a sua caldeira, os moradores recolhem essa água viajada como cousa preciosa. Gente malicenta, esfarrapada. Vivem de farinha e rapadura, que vão comprar na cidade vizinha, porque nada plantam – um verdadeiro deserto! [...] Ainda na véspera o trem descarrilhara. Tendo partido de São Paulo às 5 horas, chegou no outro dia às 6 horas da manhã em Ribeirão Preto. Graças a Deus, porém, nada sofremos; e às 9 horas da noite, chegávamos nessa cidade. Que impressão desagradável!

¹⁰ Diário escrito por Augusta de Faro e publicado por Maria Paula com o título: *Do Rio de Janeiro a Goiás – a viagem era assim*. 1896.

Iluminação a querosene e das piores, deixando as ruas quase às escuras. (CURADO, 1985:32/33).

O texto nos dá uma clara idéia das condições do nosso país naquela época; no final do século XIX as viagens eram longas, as estradas eram precárias e isso fazia as viagens muito cansativas. No relato acima, a autora destaca a escassez de água da região, a ausência de agricultura e também a alimentação básica dos moradores do local. Além de destacar as dificuldades das viagens daquele tempo, a falta de desenvolvimento econômico dos lugares que passou, a autora, no decorrer de seu diário, demonstra ser uma pessoa religiosa e, em muitos momentos, percebemos sua fé, pois estava em constante oração: “Acendemos velas bentas e fomos rezar” (CURADO, 1985:41) Augusta, em todo seu diário, descreve as cidades onde passaram e os lugares onde se hospedaram, e isso nos apresenta características de uma família de elite. A partir dessas construções discursivas podemos identificar o local de fala dessas autoras: a burguesia patriarcal na qual elas estavam inseridas e às vezes tentavam se distanciar. A partir desse local de fala, percebemos suas construções e as formas como foram construídas. Essas construções onde elas viveram e também produziram estão ligadas aos valores do novo estilo de vida burguesa. Sobre esses aspectos e a trajetória da viagem, destacamos este recorte do seu relato:

Um riacho de águas pardas corta a cidade, calçada à macadam. População tôda italiana. Parecia-me estar na Calábria. Fomos para o Hotel Brasil, uma casa caiada de branco, portas pintadas de azul e amarelo, a sala de jantar com pintura sem arte alguma. Longo corredor iluminado por um lampião de querosene. Tomamos um quarto – verdadeiro beliche de navio. As crianças choravam de fome, de cansaço, de calor. Fiz logo amizade com a única empregada (Raimunda) uma cearense, que ficou entusiasmada, ao saber que eu estivera no Ceará. Tratei de ver banho para meus filhinhos, enquanto Henriqueta abria a primeira lata de leite condensado. Oh! Abençoado leite condensado! Nessas alturas é que se compreende o seu valor! Jantamos, Deus sabe como, e fomos nos deitar, estropiados, para acordar às 5 horas, a fim de tomar o trem de Uberaba. Que diferença entre hotel de roça, sem cômodos, e o belo Hotel de França, todo iluminado a luz elétrica, com seus criados espertos para o serviço e o confortável das cidades civilizadas. (CURADO, 1985: 31-33)

No trecho acima também podemos perceber um pouco da relação senhora e empregada vivida por Augusta, quando ela fala da aproximação e afinidade com a única empregada do hotel. Na citação acima, é possível verificarmos uma interface gênero e classe na relação em destaque. Nos momentos em que Augusta destaca em seus escritos as relações

entre patrões e empregados/as, observamos a cordialidade, porém é possível verificar a fronteira entre classes distintas.

Quanto mais se distanciava do Rio de Janeiro e mais se aproximava de Goiás, mais precárias se tornavam as estradas, as cidades e o comércio. Um dos lugares por onde Augusta e sua família passaram foi Araguari. Em seu diário, Augusta explica: “Araguari quer dizer – arara pequena. Outrora, esse lugar denominava-se ‘Brejo Alegre’, porque no brejo que se estende por toda a cidade” (CURADO, 1985:39/40). A autora, em seu relato, narra muitas vezes a história da região e também indica a localização dos estados, como lemos neste trecho:

No centro da cidade corre um riacho, que a divide em duas partes: de um lado tem nome de Goiás, e do outro, Minas. A cadeia é velha e se assemelha a uma casa de banhos. O povo é bom e agradável. O comércio pequeno; há uma padaria, uma sapataria, duas farmácias e algumas casas de comércio. (CURADO, 1985:40)

Além de destacar o riacho como fronteira entre Goiás e Minas, ela mostra o desenvolvimento do local, descrevendo o comércio. Percebemos, em seus escritos, que a autora observava tudo: a paisagem, o ritmo da cidade, seu desenvolvimento, e também dava ênfase às construções arquitetônicas do local, como podemos verificar:

É uma cidadezinha ainda nova; as casas são todas de telha à vent, não há um sobrado. A igreja data dos tempos coloniais; os santos de colorido vulgar, muito vivo, parecem todos portugueses. O cemitério é um quadrado cercado por um muro branco. As sepulturas são rasas, tendo apenas uma cruz de madeira, onde se vê o nome do defunto. (CURADO, 1985: 40)

Por meio da descrição acima, percebemos o grau relativamente sofisticado de instrução de Augusta, o que a diferencia da maioria das mulheres de sua época. Ela cita o tipo de construção das casas e da igreja e diz que os santos deveriam ser portugueses. As observações da autora nos mostram o seu conhecimento e, em toda a sua biografia, escrita por membros da família e outros escritores, o nível escolar da autora é destacado: “Augusta Faro e uma das irmãs foram internas no Collège D’Auteil, dirigido pelas Soeurs Notre Dame de Assomption. Aluna inteligente e estudiosa, Augusta de Faro logo se destacou, recebendo vários prêmios e mantendo sempre seu nome no Quadro de Honra.” (CURADO, 1986:11). Augusta de Faro e suas filhas estavam “fora do gênero” à medida que foram mulheres estudiosas, o que não era esperado, e em muitos aspectos, nem permitido, às mulheres de sua época. Por todo século XIX e parte do século XX, foi considerado natural que o universo

intelectual pertencia aos homens. Uma grande parte das mulheres, nesse período histórico, mal sabia escrever seus nomes; uma herança milenar que sabemos teve conseqüências danosas para as mulheres, e obviamente, também para a sociedade. As mulheres deveriam ser boas donas de casa, esposas e mães, afinal esse era o seu papel, e a mulher estudiosa representava um perigo para as práticas sociais patriarcais vigentes, pois poderiam transgredir a natureza da “verdadeira mulher”. E nesse aspecto percebemos que as mulheres da família Fleury, ao serem intelectuais, desfamiliarizavam a idéia de que as mulheres não podiam ler e escrever, num contexto em que muitas só sabiam escrever seus nomes. As autoras em pauta se localizam “fora do gênero” nesse aspecto, uma vez que se destacaram no meio intelectual e, em suas obras, visualizamos seus conhecimentos históricos e culturais.

A autora também foi influenciada pela posição de sua família, a qual possuía mulheres escritoras, homens advogados importantes do Império e da República; ela não fugiu à regra, mesmo sendo mulher. Por onde passava, analisava e comparava tudo ao seu redor. Contou em seu diário que um local chamado Cachoeira das Araras, por onde passou, era semelhante a paisagem africana. Quem fez essa comparação, sabia do que estava falando, e a grande questão é que, nos moldes conservadores, era perigoso para a mulher ler demais ou estudar demais; isso poderia causar uma desestruturação nos padrões familiares e privados. As mulheres deveriam se contentar com a esfera privada, cuidando do lar, gerando filhos. Dentro dessa ótica, não havia espaço para mulher atuar fora desse âmbito. Acreditava-se que o interesse pela leitura e pelo estudo despertaria na mulher uma posição argumentativa e política que a tornaria insatisfeita com seu próprio estilo de vida, ansiando uma igualdade com o gênero oposto ou almejando novas atividades que mulheres não poderiam praticar nesse mundo conservador da família e da sociedade do século XIX.

Um outro aspecto interessante de se observar nos relatos memorialísticos de Augusta é a representação construída no Brasil sobre a modernidade. Houve um processo de modernização em todo o país no final do século XIX e início do século XX, mas em muitos momentos as criações da modernidade foram vistas de forma negativa, e era sob essa ótica que as representações circulavam nos discursos e nas práticas. Em seu diário, Augusta às vezes com distanciamento irônico, reproduz o sentimento geral que permeava o imaginário social das pequenas cidades do estado de Goiás por onde passou:

Inaugurou-se a Estrada de Ferro durante a nossa estada em Araguari. Imaginem que barulhada. Veio da roça não sei quanta gente para ver o “bicho que lança fogo e tem partes com o diabo” (...) urra feito bicho e tem fogo no corpo. E enquanto isso, a máquina entrava triunfal na pequena estação. Durante muitos dias só se falou na tal invenção do capeta. (CURADO, 1985:41/42)

A partir do relato acima, podemos destacar mais uma vez a construção do binarismo: bem versus mal, tradição versus modernidade. A idéia de que modernidade era coisa do diabo circulou fortemente pelas cidades brasileiras, principalmente nas cidades interioranas, onde as notícias, as inovações e os benefícios da modernidade, demoravam mais a chegar nesse período. Goiás sempre foi ressaltado na historiografia pelo seu isolacionismo devido à distância geográfica em relação aos grandes centros. De acordo com Maria Paula:

Goiás, no começo do século, era uma cidadezinha triste, sem iluminação, sem água encanada, sem o menor conforto, afinal, e que ficava no “fim do mundo...” O correio, conduzidas as malas em lombos de bestas, levava, às vezes, quase um mês para transpor a distância imensa que separava a velha capital da mais próxima linha férrea. As estradas eram péssimas e se tornavam quase intransitáveis durante os seis longos meses de inverno goiano. Sabíamos quando chegava o correio. Estourava um foguete – o “bombão” – na calmaria da terra, e a cidade se alvoroçava. Não havia entregas a domicílio, e cada qual ia à Agência em busca de correspondência. A nossa era procurada por um “camarada” que a acondicionava em uma sacola especialmente reservada para esse fim. Quantas vezes retirávamos da sacola as cartas e os jornais completamente encharcados! Era preciso muito cuidado para abrir e estender ao sol ou sobre o fogão as folhas impressas e aguardar pacientemente ficassem elas em estado de serem manuseadas. (GODOY, 1961:16/17)

Ao lermos o relato acima, percebemos características de uma região considerada atrasada. As condições de vida eram precárias no interior do Brasil, apesar do processo de modernização no país. Sabemos que os novos padrões de vida moderna se instalaram primeiramente nos grandes centros e, como confirma a autora, as estradas eram péssimas, e isso dificultava a comunicação com as regiões mais concentradas no interior do país. É possível, nesse momento, analisarmos o binarismo construído entre centro versus interior, litoral versus sertão, civilização versus barbárie em que, ao longo dos anos reiterou-se uma representação de Goiás como estado atrasado e, conseqüentemente, criaram-se muitas imagens para se falar das pessoas do interior.

Ao longo da historiografia brasileira, a construção do “outro” foi gerada a partir do olhar eurocêntrico. Os discursos nos mostram a visão sobre o “outro” como sendo o diferente,

o incompleto, despertando estranhamento. Os discursos tidos como oficiais foram construídos por vozes com respaldo de autoridade, e os viajantes, em seus discursos, colaboraram na construção desses discursos, como nos mostra a historiografia brasileira e também goiana. Observa-se isso na descrição de Saint-Hilaire sobre o goiano:

O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhe o sentimento da delicadeza moral, o que já demonstra pela negligência no modo de vestir; porém é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico.

(SAINT-HILAIRE, 1975: 120)

Os viajantes também contribuíram para a construção da imagem do sertão e do sertanejo, ao descrever a forma de vida das pessoas que povoavam o sertão. Em seus discursos legitimaram e reforçaram a construção do “outro”. Percebemos que os hábitos dessas pessoas causavam repugnância aos olhos dos observadores de fora, o que pode ser visto claramente na fala de Saint-Hilaire: “Quando vemos a indolência e o tédio estampados no rosto dos agricultores estabelecidos ao longo da estrada, é difícil deixarmos de sentir um certo desprezo por eles. Esses homens são de uma pobreza extrema, e nada fazem para sair dela.” (SAINT-HILAIRE, 1975: 57).

Ao analisarmos a historiografia goiana, percebemos que as terras do estado de Goiás foram chamadas de “terras de ninguém” e, de acordo com o olhar do “homem civilizado”, aqui habitavam os “selvagens” – hereges, infiéis, antropófagos, ímpios, bárbaros, e os mestiços, nome dado aos sertanejos. Em todos os relatos de viagens, podemos sentir que, quanto mais se distanciavam do “litoral”, mais o panorama físico despertava a curiosidade e a análise dos viajantes, que criaram imagens ao longo de suas descrições como: “miserável arraial”, “deplorável igreja”, “lastimável lugar”, “lugar desabitado e inculto”. Os discursos produzidos pela historiografia construíram e legitimaram essas representações sociais, o que, conseqüentemente, consolidou o distanciamento e o isolamento goiano. A historiografia tradicional sempre privilegiou o centro e até hoje percebemos as refigurações encontradas nos discursos em relação ao interior e seus habitantes, sempre vistos como opostos ao centro e às pessoas civilizadas. Ao analisarmos tais representações, objetivamos apontar para a necessidade de ruptura com as mesmas.

Ainda no livro *Do Rio de Janeiro à Goiás – A viagem era assim*, Augusta presenciou, em sua trajetória, alguns velórios e, como era comum, fazia seus comentários e análises sobre a religiosidade presente no povo goiano:

Durante nossa estada ali, morreu um moço de Goiás, Antônio Guimarães, e, durante a noite em que se guardava o corpo, estavam junto dele três carpideiras, que se lamentavam, rezando a seguinte oração: “três Padre Nosso pequenino, Deus te leve à santa morada, dorme em paz, arca santa”... E desatavam a chorar. Que coisa esquisita, sem explicação! Há ainda muitas superstições e costumes africanos por aqui. (CURADO, 1985:40)

A autora destaca, em seus relatos, a fé e os costumes dos habitantes do interior de Goiás, como podemos verificar no trecho acima. Percebemos, a partir da leitura de seus escritos, a presença de um sincretismo religioso entre as pessoas que Augusta observou e conviveu nas cidades goianas por onde passou. Ao longo da construção da religiosidade brasileira, é perceptível essa miscigenação e, no interior do Brasil, isso estava muito presente. É importante verificarmos também o estranhamento de Augusta ao comentar sobre as superstições. Era esse o estranhamento que as pessoas, de modo geral, sentiam em relação aos costumes e cultos africanos internalizados aqui no Brasil. Mais uma vez o “outro” é construído como o oposto do “ideal”, ou seja, ao longo dos séculos o catolicismo se firmou como modelo ideal e a legitimação da igreja católica como referência fez com que novas formas de fé e culto fossem marginalizadas, não sendo bem aceitos e também discriminados pelas famílias tradicionais. Percebemos um distanciamento crítico em que a africanidade é vista como algo negativo.

Em seus relatos, a autora mencionou que as mulheres não se sentavam nos mesmos bancos que os homens. Isso nos mostra um pouco dos valores patriarcais em que as mulheres passavam por um controle social muito grande, sobre o que a autora descrevia de forma crítica. Podemos perceber essa questão na seguinte passagem:

Eram homens para um lado e mulheres para o outro e imaginem sobre o que conversavam? Sobre galinhas, ovos chuva, sol, queda da ponte e etc. Os homens sem tirar o cigarro da boca e as mulheres que não tinham nenhum zelo e capricho em suas aparências, sem se preocupar com a roupa, penteado, chapéu ou luvas. (CURADO, 1985: 40)

As mulheres eram resguardadas e vigiadas, pois tinham que apresentar boa conduta, principalmente publicamente, e os seus contatos com os homens deviam ser restritos. Podemos verificar que Augusta destacou também a forma de se vestir das pessoas, mais

precisamente o jeito simples de se vestir e viver das pessoas menos abastadas que viviam no interior do Brasil. Esse modo de vida era completamente diferente dos novos modelos adotados no centro, o que também é notório na fala da autora.

Como as viagens naquele tempo eram longas, era preciso transportar uma grande quantidade de objetos e quando as viagens eram de mudanças, como no caso da família Fleury, elas ficavam ainda mais penosas. Em seu diário, Augusta narra a presença de funcionários que acompanhavam a viagem, e ela comenta as funções desses homens, chamados camaradas, na organização de uma tropa de viagem:

Chama-se lote 10 animais que ficam sob as vistas e cuidados de um camarada, que sai sempre primeiro do pouso e que se chama por isso o dianteiro. Há, então, dois, três, quatro lotes, tantos quantos se queira, tendo cada lote o seu “camarada”. Além desses, há o cozinheiro e o arrieiro, que é obrigado a arriar os animais e ver quando estão machucados, curar-lhes as feridas.

(CURADO, 1985:44)

Todo o conteúdo do diário é importante para percebermos as relações entre patrões e empregados, além das relações econômicas e históricas no interior do Brasil e também na Cidade de Goiás. É importante lembrar que Augusta ganhou um piano¹¹ de seu esposo, e este piano foi transportado do Rio de Janeiro para Goiás, como lemos na biografia da autora escrita por sua filha Nita:

Embora mãe de muitos filhos, sempre encontrava horas para a leitura e para executar no seu “Pleyel”, as peças prediletas. Esse piano, presente do esposo num seu aniversário, fora transportado em carro de bois desde o ponto terminal da estrada de Ferro, então, em Anhanguera. (CURADO, 1986: 12)

Além de percebermos que o piano foi transportado em carro de bois, é importante analisarmos a construção do piano como o símbolo material mais concreto para designar o prestígio e status e o poder das camadas altas da sociedade. Significava boa educação e estudos na França, enquanto para as camadas mais baixas era o sonho distante de “ascensão social.” Na verdade o piano foi, sem dúvida, a “febre” do século XIX; os costumes, as festas e a educação burguesa para as mulheres estavam ligadas ao piano.

¹¹ De acordo com entrevista cedida por uma neta de Augusta, o piano juntamente com as partituras usadas pela autora, ainda são conservados por um dos familiares na cidade de Corumbá, localizada no estado de Goiás.

A trajetória seguiu por outras cidades como Sapê e Porto dos Barreiros. Goiás era visto pelos brasileiros, principalmente nos grandes centros urbanos, como um lugar distante e atrasado e, quando chovia, as viagens eram ainda mais desastrosas. Não era comum mulher andar a cavalo e, em certo momento, por odiar o tal do bangüê¹², Augusta montou a cavalo, como percebemos em seu diário:

Tomei tanta birra do bangüê que montei a cavalo, ali mesmo. Como não tinha luvas, queimei-me muito. A pele das mãos parecia tostada num forno; vermelha, tão dolorida que me era impossível encostar mesmo sobre a roupa. A cavalo foi que pude apreciar a natureza de nossos sertões (...). Os camaradas, quando me viram a cavalo, me deram parabéns. (CURADO, 1896:48)

É importante lembrarmos que, ao longo dos séculos XIX e XX, foram ainda mais consolidados os padrões separados para homens e para mulheres, estipulando o que cada um deveria fazer, ou seja, a função social e as atividades eram estipuladas, diferenciando homens e mulheres. Entendemos que andar a cavalo não era uma atividade considerada feminina ao visualizarmos o trecho acima em que Augusta, cansada do bangüê, diz que montou a cavalo ali mesmo, como sendo algo que não deveria fazer e logo adiante ela ressalta que os camaradas deram-lhe os parabéns.

O diário de Augusta é importante também por apresentar o tipo de alimentação em Minas e em Goiás, pois sabemos que a alimentação é um componente fundamental no perfil cultural de um povo ou de uma região. Segundo ela: “O cardápio ao longo da viagem era simples e variado. Tinha-se arroz com feijão, carne seca, pão, leite com café, queijo, pão-de-queijo. Usava-se pimenta-do-reino e o vinho não faltava.” (CURADO,1985:49)

Quando entraram no estado de Goiás, viveram momentos de alegria e, com seu talento em observar detalhes, Augusta logo percebeu a diferença do solo e da natureza desse estado, comparando-o com Minas. Passaram por cidades bastante pequenas e pouco habitadas como Retiro do Antoninho e Lajeado. Depois de Araguari, a primeira cidade que viu casas com telhados foi Arraial dos Paulistas, cada lugar mais pitoresco que o outro e, em Porto de Corumbá, Augusta, em sua perspectiva religiosa, observou uma grande cruz de madeira e, ao perguntar se alguém havia morrido ali, logo um caboclo respondeu: “Não, sá dona, é pra

¹² Explicação de Augusta de Faro para bangüê: “É uma espécie de gavetão de cômoda muito alto, sem dúvida, mas quase do mesmo comprimento e largura. O teto é forrado de couro, as paredes são de palhinha para dar um pouco de fresco; as portinholas são como as dos carros de praça: por dentro têm cortinas de algodãozinho, o que dá boa sombra e impede a chuva de entrar; as cortinas levantam-se e descem à vontade. (CURADO,1985:42)

mode Nosso Senhô nos abençoá”. (CURADO, 1985:53) Percebemos a forma simples de se falar das pessoas do interior do país e também a vida que elas levavam. Em um outro momento ela descreve uma mulher, esposa de Antônio Carlos, dono de um sítio onde se hospedaram: “A senhora dêle, aliás uma bonita caipira de saia de chita, servia à mesa, onde havia quatro homens e eu apenas de senhora. Esse Tu Carlos [sic] foi um dos bons eleitores de Papai.” (CURADO, 1896:49). A autora destaca a presença da mulher em ambientes masculinos: apenas para servir. A presença dela – uma senhora – é uma exceção, como a autora ressalta.

Em muitos momentos das obras das autoras, percebemos a presença de outros grupos sociais, e elas, seja nos contos, crônicas ou relatos de memórias, sempre procuraram valorizar e destacar o modo de vida desses outros grupos, mais precisamente os grupos que povoavam o interior de Goiás. Esses grupos estavam distantes da realidade burguesa, mas também compunham o cenário do Brasil. Augusta conheceu o trabalho das fiandeiras e destacou-o nas suas observações:

Toca-se a roda, que está colocada sôbre uma tábua movediça, tal qual uma máquina de costura de pé. Num carretel coloca-se o algodão, ainda bruto, e com os dedos polegar e indicador da mão direita vai-se puxando o fio, devagarinho, o qual estende-se, nesse estendimento endurece e fica o algodão forte para fazer a roupa. (...) Pobres mulheres do sertão! Para elas, a roca e o fuso são os principais ornatos de suas choupanas; dali é que sai o algodão pronto para tecer camisas e calças para o marido e filhos. (CURADO, 1896: 53)

Augusta sempre destaca a vida das mulheres e o seu trabalho. Acima podemos ler que ela explica como funcionava o processo de tecer o algodão até ficar pronto para fazer roupas. Observa-se mais uma vez a interface de gênero com questão de classe; Augusta é mulher, mas distancia-se dessas “pobres mulheres”, para quem o único “ornamento” é, na verdade, instrumento de trabalho e que a autora descreve com uma nota de tristeza. Ela também mostra que eram as mulheres que faziam as roupas do marido e das crianças. Na formação dos novos moldes burgueses, as mulheres não podiam trabalhar no espaço público, que pertenciam aos homens, mas elas deveriam ser “verdadeiras mulheres”, ou seja, precisavam ser a “senhora do lar”. Ao contrário das mulheres da família burguesa, as mulheres de outros grupos sociais sempre trabalhavam, ora colaborando, ora sustentando seus lares. É importante ressaltar que o trabalho ligado aos afazeres domésticos nunca foi, e continua não sendo, valorizado de forma

devida ao longo dos anos e que o espaço privado sempre foi visto como o “outro” do espaço público.

Ao mesmo tempo em que Augusta destaca a importância do trabalho das mulheres das cidades interioranas por onde passou, ela reitera a representação pejorativa que foi construída sobre essas mulheres, quando diz: “Pobres mulheres do sertão!”. Como já analisamos anteriormente, ao longo da historiografia observamos a construção da representação do sertão e do sertanejo e é perceptível também a construção da “mulher sertaneja”. As imagens criadas e reiteradas sobre as mulheres sertanejas, em muitos momentos, reproduziram “a Mulher” triste, preguiçosa, sem nenhuma ocupação. Diante das novas tendências de produção acadêmica, muitos/as pesquisadores/as têm contribuído para a desconstrução da historiografia tradicional goiana, seja em relação ao lugar chamado sertão ou às hierarquias de gênero. Sobre esse assunto, a historiadora Maria do Espírito Santo nos instiga a “desnaturalizar esses lugares e visibilizar a experiência do cotidiano de mulheres de uma cultura local, dita sertaneja.” (CAVALCANTE, 2004:1021).

É importante analisar o que não foi considerado digno de registro pela historiografia tradicional; precisamos dar visibilidade a outras fontes, e perceber mulheres sertanejas com características bem distantes das representações conhecidas e refiguradas ao longo dos séculos. Através de documentos como registros de coletoria, inventários e jornais do século XIX em Goiás, é possível verificar mulheres donas de fazendas de gado, negociantes, produtoras de farinha e administradoras do patrimônio que tinham¹³. Essas mulheres romperam com as hierarquias de gênero impostas a elas, com a representação da “verdadeira mulher”. Segundo os feminismos, é preciso desvencilhar as mulheres sertanejas das imagens e representações que foram criadas para elas; isto também é uma forma de romper com o binarismo: mulher civilizada versus mulher sertaneja. Ainda sobre as mulheres e outros grupos do sertão, Augusta, em seu diário, narra:

A velha fiava e muito me diverti a observá-la. No sítio, tudo em paz; o velho com 79 anos, nunca tinha visto letra de imprensa; a velha sabia as rezas de cór. Os rapazes trabalhavam na roça; a moça criava galinhas. Aprender a ler? Pra que? Viviam tão bem assim... (CURADO, 1985: 55)

¹³ Trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa: *Mulheres Sertanejas*, sob a liderança da professora doutora Maria do Espírito Santo Cavalcante, UCG, 2004.

Percebemos, nos escritos da autora, que ela sempre apresenta as características e costumes de pessoas de outros grupos sociais; ela narra a simplicidade das pessoas de Goiás, a religiosidade e também o pouco ensino que essas pessoas tinham. Mais uma vez Augusta analisa: “Que bom rapaz! Verdadeiro tipo de homem do mato. Sempre a cavalo, descalço, bons dentes, espingarda ao ombro e bom serviçal! (CURADO, 1985: 60)

A família Fleury saiu do Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1896 e no dia 1º de outubro, chegou a Caldas Novas. Segundo a autora, a viagem ainda demoraria aproximadamente dezoito dias. Sobre sua passagem pela cidade, narra: “Passamos por Caldas Novas, onde existem as famosas fontes de água fervente que, como as Caldas de Minas, servem para moléstias de pele. É uma cidadezinha; pequeno riacho corre no centro, a igreja toda caiada de branco. Parece que o povo tem alguma religião.” (CURADO, 1985:56). Era forte a presença de remédios caseiros. Para qualquer doença que fosse, da mais simples à mais séria, o remédio era muita fé e as misturas caseiras, receitas herdadas dos mais velhos que sempre fizeram questão de passar suas experiências às gerações posteriores. Em um determinado momento do diário da autora, podemos perceber o uso desses remédios caseiros, como lemos abaixo:

Contei-lhe, e ela me aplicou um remédio caseiro: uma gema de ovo batida com açúcar na própria casca, uma colherinha de óleo de amêndoa doce e duas pitadinhas de rapé. O fato é que no outro dia, cedo, arrebentou a cabeça de prego, o que me deu um grande alívio (CURADO, 1985: 58).

Augusta se deparava com muitas fazendas de gado em Goiás e por todo caminho observava o cotidiano dos goianos. Depois de dois meses de viagem, Augusta de Faro chega à Cidade de Goiás: “A Cidade de Goiás é tôda cercada de morros. No centro está um vale atravessado pelo Rio Vermelho. A entrada é linda, mas a cidade perde muito pela situação. Agora, até a volta, e que Deus nos proteja!” (CURADO, 1896: 69). Sobre sua mudança para a antiga capital do estado, lemos em sua biografia:

Apesar da mudança radical do ambiente onde sempre vivera, Augusta de Faro, mulher compreensiva e equilibrada, adaptou-se bem à nova vida, despertando a admiração de todos que a conheciam. Muito religiosa e enérgica sem alarde, sabia se impor, protegia os necessitados tendo várias comadres entre os humildes. (CURADO, 1986:11)

Augusta jamais foi impedida de se dedicar às artes, mas viveu em um cenário arraigado nos valores tradicionais e, em sua ardente devoção, jamais questionou os ensinamentos da Igreja. Sua postura de esposa, mãe e senhora correspondia ao que era propagado pela Igreja, que pregava que a missão da “verdadeira mulher” era servir a Deus naquilo que Ele havia destinado a ela, ser mãe-esposa-dona de casa e proporcionar um lar feliz à sua família.

Ainda como parte da documentação, utilizamos no presente estudo quatro cartas escritas por Augusta de Faro para sua filha Maria Paula, uma vez que acreditamos na diversidade de fontes para a construção historiográfica. Em uma dessas cartas, Augusta comenta:

Só se fala na Revolta de São Paulo. O povo aqui está nervoso com medo dela vir até cá. Eu porém tenho muita fé em Nossa Senhora e sei e tenho certeza que ela não desampará essa boa cidade do Anhanguera tão pacata e tão boa. (Carta: 16/07/1924)

Sobre os revoltosos há várias versões. Dizem uns que o grupo que está por aí Jataí, Palmeiras é do Siqueira Campos que em Poconé Mato Grosso com Prestes e que ele se desligara do Siqueira Campos que esta manobrando por conta própria. Dizem outros que o Isidoro e Prestes depuzeram as armas perante o governo da Bolívia e aí esperam a Anistia. Ontem disseram-me que o Siqueira Campos estava em rumo de Jaraguá o que bastante me incomodou. Recebemos as cartas de 21 e 22 de janeiro e respondemos. Correu boato que os rebeldes estavam atacando o caminhão do correio e o último de que ainda não saiu, o de hoje não sei se seguirá. (Carta 09/02/1927)

Nas duas cartas acima, percebemos o grau de instrução de Augusta, que conhecia muito bem todo contexto político em que estava vivendo. Em muitos documentos que já foram apresentados, destacamos a Augusta como uma mulher que sempre teve acesso aos estudos e viagens, além de colaboradora de seu marido, que era advogado e historiador. Augusta sempre mostrou ser uma intelectual que entendia de cultura e política. Nos trechos acima a autora comenta dois acontecimentos históricos, a Revolta de São Paulo e a presença da coluna Prestes no estado de Goiás. Ela explica a situação de Prestes e Isidoro na Bolívia e a espera pela Anistia.

O uso de cartas como as que ilustramos acima nos leva a verificar as experiências de escrever como constituintes dessas mulheres. Além de percebermos o conhecimento político de Augusta tinha, destacamos mais uma vez sua fé e religiosidade expressas na primeira carta,

quando acredita que Nossa Senhora não desampará a cidade do Anhanguera. Nesse momento é possível também perceber as qualidades dadas pela autora à cidade “tão pacata e tão boa”. A partir dessas expressões utilizadas pela autora para elogiar a sua cidade, podemos verificar a presença de representações e discursos que confirmam o imaginário social de Goiás como sendo sertão. A segunda carta contribui com essa idéia, no momento em que apresenta as dificuldades de comunicação que existia entre Goiás e outros estados. É importante lembrarmos que as autoras foram constituídas em suas condições de produção, ou seja, os discursos existem antes mesmo delas. Ainda em relação às cartas utilizadas, podemos perceber alguns indícios de representações de gênero, quando Augusta diz: “Clarisse tem melhorado no trabalho de datilógrafa e até o Português é outro. Uma cousa não se pode negar, ela tem vontade e faz esforços”. (Carta16/07/1924). Sobre as representações de gênero, lemos na carta endereçada à Maria Paula:

As meninas vão bem. Depois de muito pensar ontem Hermínia cortou o cabelo, ficou bom. Nita continua a sustentar a nota de senhora destinta mas eu a acho um pouco abalada vendo as irmãs de cabelos curtos. Disse-me ela ontem, se essa moda tornar-se uso eu talvez corte os meus. (...) Se eu achasse uma velha para me fazer companhia também faria como as outras. (Carta:09/02/1927)

Augusta de Faro e suas filhas, mesmo nos apresentando, em muitos de seus escritos, as reiteraões de papéis e valores patriarcais, desfamiliarizaram algumas dessas representações. Como temos ressaltado no presente trabalho, as mulheres da família Fleury estiveram presentes no espaço público, foram professoras reconhecidas pelo nível intelectual, publicaram obras ficcionais e não-ficcionais e romperam com a obrigatoriedade dos afazeres domésticos.

CAPÍTULO 3:

“Dentro e fora da vida” reiteraões e rupturas.

Uma das contribuições deste trabalho é apresentar as novas possibilidades de abordagens e campos de pesquisa, adotados pela nova historiografia. A partir do debate de “crise dos paradigmas”, produzido pelo discurso pós-moderno, a História tem buscado cada vez mais pertencer a um campo multidisciplinar, fazendo diálogo com outras ciências. Os indícios, sejam eles materiais ou não, tornam-se mecanismos para se chegar às representações sobre o passado. Assim como abordamos a aproximação entre História e Literatura, destacamos também o diálogo entre a História e a Arquitetura como um dos campos de análises e de construção historiográfica¹⁴.

É nesse sentido que destacamos a casa como fonte para a compreensão do passado. Nos livros de contos e crônicas, Augusta de Faro e suas filhas Maria Paula Fleury Godoy e Mariana sempre descreveram suas relações familiares ocorridas na casa e destacaram a importância da casa onde moraram, como nos relata Maria Paula:

Já estávamos na chácara do Baumam, onde nascera Dinho e os filhos mais novos. A casa era uma alegre vivenda sobre um outeiro, com uma porção de janelas verdes e um jardim na frente, comunicando com um terraço lateral. Jardim e terraço suspensos sobre a cidade, desvendando um belo panorama. O quintal – um vasto pomar – era o nosso domínio. Ali – oito encapetadas crianças – brincávamos a valer, correndo, subindo nas árvores, saltando a cerca de arame e enveredando pelos pastos. Voltávamos com arranhões de espinhos, sujos da terra vermelha do Baumam, mas felizes, carregados de cocos, de favos, de frutas silvestres, que Mamãe aceitava como presentes, mas não os provava. Nunca soube sequer o gosto de um pequi, e mesmo de uma pamonha, iguarias apreciadíssimas por todos nós e que, na época, sempre apareciam em nossa mesa. (GODOY,1961:8)

Percebemos, no trecho acima, a importância do espaço físico, descrito pela autora, para a constituição das relações familiares. Destacamos a casa da família Fleury como elemento de observação e colaboração para a historiografia goiana. Além de perceber a casa como palco das relações familiares, neste capítulo, procuraremos destacar também as experiências, crenças, valores e percepções de um determinado grupo social. Na descrição

¹⁴ Temática desenvolvida nos projetos de pesquisa: *A Casa Goiana e Cotidiano Doméstico, Vida Privada em Goiás Tradicional*. no qual fui bolsista e voluntária entre os anos de 2003 a 2006. Dentre os itens dessa pesquisa, foi feito o desenho da planta da chácara Baumann, que será apresentado nos anexos.

acima podemos perceber também um dos aspectos dos hábitos alimentares dos goianos, quando Maria Paula fala da presença do pequi e da pamonha.

A família Fleury viveu na antiga capital do estado, mais precisamente, na Chácara Baumann¹⁵. A chácara foi fundada no período das festas juninas do ano de 1903, com muitas comemorações, promessas, foguetes e visitas, não fugindo à regra de uma boa festa de São João, fato esse que representava a religiosidade da família goiana no início do século e também da família Fleury, genuína família goiana. A casa da Chácara Baumann é um marco histórico da família goiana, dos costumes rotineiros, das tradições, das práticas políticas e também patriarcais. Ao fazermos a visita e o estudo da Chácara Baumann, foi possível verificarmos elementos que evidenciavam o convívio de seus moradores. Por meio da análise da casa, foi feita a análise das relações da família Fleury e de outros grupos sociais, que formam as famílias goianas.

Foram seis anos até que a Chácara ficasse pronta. A construção começou no ano de 1897 e foi inaugurada somente no ano de 1903. A chácara foi construída em cima de um outeiro de pedra pura e, para isso, Dr. Sebastião Fleury Curado¹⁶ precisou buscar no Rio de Janeiro, cargas de dinamite para planificar o local e construir a casa. Foi necessário também que o Dr. Sebastião construísse uma olaria em Goiás para a fabricação dos tijolos, já que a casa da chácara Baumann foi a primeira casa da Cidade de Goiás a ser feita com esse material.

O interior da casa foi desenhado por Augusta, misturando arte goiana e francesa, o que demonstra não apenas seu gosto refinado, mas também seu interesse em valorizar os elementos da cultura goiana com elementos da cultura adquirida dos outros lugares em que viveu. Os armários da sala de jantar, também desenhados por ela, foram embutidos, algo inédito em Goiás e que depois virou alvo de pessoas curiosas, desenhistas e famílias que queriam copiar o modelo do armário parisiense, até então nunca visto nesse estado. (MELO, 2002: 78)

¹⁵ Para a escrita dessa parte do trabalho, foi realizadas visitas e pesquisas na Chácara Baumann, além da utilização do artigo *Chácara Baumann* de Augusta Faro Fleury de Melo, neta de Augusta de Faro e também escritora goiana contemporânea.

¹⁶ Primo e esposo de Augusta, Procurador da República, Deputado à Constituinte de 1891, Deputado Federal, Historiador, professor e advogado formado pela faculdade do Largo de São Francisco (Arcadas) em São Paulo, lugar onde conheceu a prima (de origem goiana, seu pai o Conselheiro Augusto de Pádua Fleury é natural de Vila Boa), a escritora Augusta de Faro Fleury Curado. (MELO, 2002:77).

Entendemos que a casa é o espaço permanente das atividades e do comportamento de seus moradores. Ao analisarmos as experiências que envolviam essa família, como também o mobiliário e utensílios domésticos da sua residência, fica óbvio que seus moradores pertenciam à burguesia. A historiadora Célia Coutinho Seixo de Brito retratou um pouco do cotidiano de Sebastião e Augusta na chácara:

Sendo Dr. Sebastião um ardoroso político, tinha sua casa movimentada com reuniões e jantares. Nesses acontecimentos a fina louça e prataria eram levadas pela própria anfitriã e colocadas à mesa com flores e muita arte. (BRITO, 1984: 198)

A Chácara Baumann foi palco de saraus e reuniões de negócio do Dr. Sebastião. Célia Coutinho, em seu livro: *A Mulher, a história e Goiás*, relata depoimentos de seu tempo de infância, quando ia com seus pais em visita à família Fleury. No trecho acima, ela destaca a figura política do Dr. Sebastião e mostra como a casa era movimentada por eventos políticos. Podemos refletir sobre a relação dos espaços demarcados como público e privado. A interface desses espaços está presente no texto acima, uma vez que percebemos a casa, ou seja, o espaço familiar e pessoal, como o espaço também das relações políticas e públicas. Ao considerarmos que esses espaços e suas práticas estão imbricados, podemos perceber que muitas vezes este binarismo público versus privado se dá apenas no plano teórico; assim, as mulheres da família Fleury transitavam em ambos os espaços, embora ainda com papéis de gênero diferenciados segundo moldes conservadores.

O levantamento arquitetônico do local nos mostra que a casa sofreu algumas modificações mas, em seu estado original, tinha, entre outros ambientes, sala de música, biblioteca e sala de estar, onde os convidados eram recebidos. Destacamos elementos, como, por exemplo, a biblioteca, que nos dá subsídios para perceber a que grupo social essa família pertencia. De acordo com a neta de Augusta de Faro, a escritora goiana Augusta Faro Fleury de Melo¹⁷, a biblioteca da família Fleury era

a maior biblioteca particular do Centro-Oeste, com cerca de sete mil unidades, ocupando dois cômodos da casa. A referida biblioteca guardava assuntos dos mais amplos e variados; direito, literatura,

¹⁷ Escritora e poetisa é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Goiana de Letras, AFLAG, Academia Trindadense de Letras e Artes, Conselho Estadual de Cultura, Fundação Museu Casa de Cora Coralina, UBE-Go, Comissão goiana de Folclore, Mestre em Literatura e Linguística pela UFG, Pedagoga pela UFG. Pioneira da Poesia Infantil em Goiás e co-fundadora do Centro Educativo Piaget – a primeira escola construtivista no estado de Goiás em 1980. (MELO, 2002: 91).

filosofia, sociologia, psicologia, história, geografia e até teologia. Livros de editoras portuguesas, francesas e alguns em latim e espanhol, francês, inglês. (MELO, 2002: 77-78).

Isso mostra que as mulheres dessa família sempre tiveram acesso à biblioteca e aos livros. Elas estavam inseridas em um universo que possivelmente as instigou e colaborou na construção de suas opiniões e, conseqüentemente, na escrita de suas obras.

A casa goiana era, em geral, uma casa colonial, inspirada na casa portuguesa. Pesquisadores da História da Arquitetura têm usado a composição material da casa para perceberem indícios da cultura de morar e também das práticas sociais em um determinado local e tempo histórico. De acordo com Francisco Veríssimo e Willian Bittar, ao escreverem sobre a casa brasileira, dizem que a casa portuguesa sofreu alterações devido às novas relações implantadas na colônia, e isso fez que essa casa deixasse de ser lusitana e desenvolvesse um estilo próprio, tornando-se uma casa colonial. De acordo com esses autores, o brasileiro, no período colonial

Transforma a pequena casa portuguesa, por força do modelo econômico, numa “casa grande”, à qual agrega os escravos africanos num puxado ao lado da cozinha, que se denominou de senzala. Do somatório dessas influências, nasceu a casa no Brasil, de feição única e muito bem adaptada à realidade social e geográfica. (VERISSÍMO e BITTAR, 1999:17/19).

A partir do século XVII, com o modelo agrícola monocultor da cana-de-açúcar, a casa no Brasil começou a estabelecer a sua forma definitiva. Vários fatores concorreram para a gênese dessa moradia, tais como o clima tropical e úmido, a flora e também a influência dos diversos grupos étnicos que aqui viviam.

A casa da Chácara Baumann possui uma particularidade em relação às outras casas, pois não era totalmente colonial e possuía traços do estilo neoclássico¹⁸. A casa da família Fleury tem sido objeto de pesquisa de muitas áreas do conhecimento¹⁹, e como contribuição para a historiografia goiana, utilizamos a construção material da casa dessa família, como

¹⁸ É no Imperial século XIX, após a chegada da Família Real, que se consolida a idéia do palacete neoclássico. Inserido na malha urbana ou na periferia dos centros, sob a forma de românticas “chácaras ou chalés” à feição de subúrbios londrinos da Revolução Industrial. (VERISSÍMO e BITTAR, 1999: 24).

¹⁹ Interesse das Ciências Biológicas devido ao registro da chácara no Estado e Município como Reserva Ambiental. A Chácara Baumann também foi objeto de pesquisa do historiador Antônio César Caldas Pinheiro, numa publicação da UCG de agosto de 1993, em que ele escreveu sobre João Jácomo Baumann, o primeiro morador da chácara.

indício para a análise das experiências, das crenças, dos valores, da influência política, do nível de conhecimento da família Fleury e também da cultura das famílias goianas daquela época.

Ao percebermos os espaços que compõem a casa da Chácara Baumann, podemos verificar a presença de um terraço, o qual substitui a varanda colonial. Mesmo sendo do estilo neoclássico, a casa do Dr. Sebastião tinha alguns aspectos coloniais. Essa mistura de estilo é um indicador da vivência dessa família em outros ambientes com outras culturas. A família Fleury exercia uma forte presença na sociedade goiana e procurava manter o bom gosto, requinte e tradição em tudo, a começar pela sua residência. O quarto, no período colonial, era sombrio e insalubre e, no estilo neoclássico, era arejado, com a construção de muitas janelas que faziam comunicação com o ambiente externo, permitindo não apenas ambientes mais ventilados e iluminados naturalmente, mas também o devaneio do romantismo pelo contato com a natureza. No período colonial, a higiene pessoal era feita nos quartos e alcovas, através de tinhas e jarros. Os quartos da casa do Baumann têm aspectos do estilo neoclássico, pois são marcados pela presença de várias janelas, mas ela manteve o estilo colonial ao preservar o quarto das moças ao lado do quarto do casal, separado apenas com uma cortina. Essa proximidade nos mostra a preocupação em se resguardar as filhas e isso nos permite inferir o tipo de controle sobre as mulheres exercido pelo patriarca. Observamos também que o quarto dos rapazes ficava mais afastado dos outros quartos e isso pode ser um indicador da maior liberdade proferida aos homens. No século XIX, o banheiro começa a ser utilizado nas residências nobres e urbanas e, no final do século XIX, surge nas demais casas. Um fato curioso na residência da Chácara Baumann é a presença de um único banheiro que foi compartimentado em masculino e feminino, com a presença de uma banheira vinda do Rio de Janeiro.

Segundo Carlos Lemos em seu livro *História da Casa Brasileira*, a cozinha colonial era externa. Ela podia chegar a ocupar mais de um terço do total da casa. De acordo com esse autor, isso era explicado devido os portugueses terem o fogão como centro da casa, mas o calor dos trópicos expulsou a cozinha para fora e isso também foi justificado devido à presença dos/as escravos/as. Sobre a presença das mulheres na cozinha Carlos Lemos afirma que: “a mulher branca, a ‘sinhá’, muito pouco participa da vida doméstica, inclusive da cozinha, que fica ao encargo de alguma escrava-cozinheira, conhecedora de hábitos e manias dos membros da família.” (LEMOS, 1996: 111)

O século XIX não trouxe muitas alterações à cozinha. Somente após a abolição da escravatura, em 1888, a cozinha passou a fazer parte do ambiente da casa e a presença da mulher nesse local se concretizou, e ela passou a ocupar um lugar determinado dentro de casa. Para essa análise nos explica Carlos Lemos:

Com a abolição da escravatura associada à importação de produtos manufaturados e a uma mão-de-obra imigrante branca, é que encontramos maior presença da mulher “civilizada” nessa área de serviço, seja ela a “empregada” das casas abastadas, ou a própria dona de casa, já sem mão-de-obra gratuita, necessitando utilizar suas “prezadas domésticas”, como vai ser comum no início do século XX. Vamos encontrar ainda uma outra “preta velha” remanescente da escravidão, que ficou com sua “sinhazinha”, ou mesmo uma filha ou um neto de escravo, na mesma servidão ocupando e zelando pelas cozinhas do princípio do século. (IDEM, 1996: 111).

No caso da família Fleury, a cozinha nunca teve muita dimensão e importância. Augusta, em alguns momentos de sua infância, conviveu com escravos/as e, na casa de sua mãe, havia a escrava responsável pela cozinha e pelo preparo dos alimentos da família. Na verdade, ela nunca tomou gosto pela cozinha, ocupava seu tempo com outros afazeres e dividia a função de cuidar da cozinha com suas filhas, exceto Maria Paula, que, por ser a primogênita, desde cedo dedicou-se à arte de ser escritora e foi secretária de seu pai no escritório de advocacia, onde datilografava muito bem e dedicava-se aos estudos. Todas as filhas, mesmo cuidando dos afazeres domésticos, liam francês, tocavam piano, estudavam, mas Maria Paula dedicava muito mais seu tempo a essas atividades, não lhe sobrando tempo para os deveres do lar, enquanto residiu na Chácara Baumann.

É válido lembrar o significado do nome da chácara. O primeiro morador da Chácara foi o Marechal João Jácome de Baumann, Governador das Armas da Província de Goiás; ele substituiu o Brigadeiro Raimundo da Cunha Matos e, de posse da terra, construiu sua casa. O interessante é que Baumann era parente distante de D. Paula Eufrosina de Faro, mãe de Augusta Faro. Antes do Dr. Sebastião e Augusta se tornarem donos da terra, o local pertenceu aos pais de Dr. Sebastião Fleury. Ele herdou a terra após a morte de seu pai, o Comendador João Fleury de Campos Curado.

Antes da Chácara Baumann ficar pronta, o Dr. Sebastião e sua família moraram no centro, na Rua do Carmo, perto do casarão da ponte do Carmo. A casa era dos avós maternos do Dr. Sebastião e, após o falecimento deles, o advogado fez do local seu escritório de advocacia. Quem tiver o privilégio de conhecer a Chácara Baumann, na Cidade de Goiás, poderá observar, nos terrenos da parte baixa da chácara, as ruínas da antiga casa do sueco Marechal João Jácome de Baumann. É possível observar também as ruínas da primeira usina elétrica da cidade.

A Chácara Baumann sempre retratou e simbolizou a memória de um povo, local das práticas sociais, fossem elas entre patrões empregados/as, entre políticos ou entre familiares. Observando essas relações, é possível fazer uma análise sobre a inter-relação entre espaço público e privado, pois acreditamos que as relações políticas e as relações pessoais estão imbricadas. Destacamos o universo do lar, o qual, apesar de ser eminentemente o lócus do mundo privado, muitas vezes – como é o caso da Chácara Baumann, é também o espaço dos acontecimentos políticos e sociais. Esse espaço nos mostra indícios das experiências que envolviam seus moradores, como os costumes, as crenças, a religiosidade, vividas por outros grupos sociais que compunham as famílias goianas. A Chácara Baumann foi tombada pelo IPHAN, tornando-se portanto patrimônio histórico e ambiental e também uma referência internacional, um palco não apenas da história da família Fleury, mas também da história de Goiás, um local depositário de tradições e representações que engendraram as relações e o imaginário da Cidade Goiás.

Nesse cenário cresceu Maria Paula Godoy e sua irmã Mariana Fleury (também chamada Nita) que, influenciadas pelo trabalho e dedicação da mãe, desenvolveram o gosto pelas artes e literatura. Em 1907 Maria Paula era moça e já demonstrava seu talento de escritora, herdado da mãe. Com apenas 12 anos, começou a escrever um jornal manuscrito intitulado “O Baumann”. Essa publicação circulava na cidade de Goiás e, com ajuda de sua tia Amélia, que morava no Rio, o jornal saiu do “interior” e começou a circular no “litoral”. Maria Paula logo passou a ser prestigiada em Goiás e, mesmo tão nova, participava de eventos importantes da cidade. De acordo com a biografia de Maria Paula, escrita pelo pesquisador Bento Fleury²⁰, Goiás recebeu a visita do Bispo Dom Prudêncio Gomes da Silva,

²⁰ Bento Alves Jayme Fleury Curado, escritor e pesquisador, membro da Academia Trindadense de Letras e sócio da Associação Goiana de Imprensa, é colaborador do Jornal Opção e possui parentesco com a escritora Maria Paula.

em 1908 e, segundo o biógrafo, a cidade parou. Todos queriam ver a figura ilustre, que vinha ao encontro da religiosidade do local. A recepção foi no Largo do Chafariz, promovida pelo Colégio Sant'Ana, que nomeou Maria Paula para fazer o discurso. Segundo Fleury, Maria Paula falou com desenvoltura, entusiasmo e inteligência. (FLEURY, 1998:1)

No dia 14 de fevereiro de 1912, Maria Paula e sua família mudaram para o Rio de Janeiro, pois seu pai Sebastião Fleury Curado ia ocupar o cargo de Deputado Federal para o qual fora eleito. Nesse momento, o Rio de Janeiro tinha Paris como modelo. O Brasil e sua elite importavam a moda européia: linguagem, propaganda, roupas e festas. O Brasil encontrava-se em franco processo de modernização, como destaca Nicolau Sevcenko:

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial íntima. É nesse momento e graças a essa atuação que o Rio se torna, como formulou Gilberto Freyre, numa cidade panbrasileira. (SEVCENKO, 1998: 522).

Durante a primeira década do século XX, observa-se nitidamente a intensificação do processo de instalação de mudanças provocadas pela atmosfera da modernidade no cotidiano das pessoas. A família participava mais dos espaços públicos, participando de atividades como festas, esportes, clubes e banhos de mar. O governo do Rio se preocupava com a estética das ruas, e elas se alargavam; intensificou-se a construção de prédios, e os espaços públicos foram reformados. Chegaram ao Brasil o cinema, o rádio, o automóvel e o ônibus, que iriam revolucionar a vida dos/as brasileiro/as.

Por três anos a família de Dr. Sebastião viveu no Rio. Maria Paula estudou no Colégio Sion, em Niterói, e teve aulas de piano com Nair Ruas. Em 1915, quando retornaram a Goiás, o Dr. Sebastião passou a ocupar o cargo de professor da faculdade de Direito de Goiás. No final da primeira década, Maria Paula já colaborava para revistas e jornais importantes que circulavam no Rio e em São Paulo. Augusta estava feliz em ver sua filha se dedicando à escrita e abrindo o seu espaço na sociedade, mesmo que de forma discreta.

No recanto da Chácara Baumann, Maria Paula continuava a produção de seus escritos, os quais publicava em jornais e revistas de Goiás e do Rio de Janeiro, como o Jornal *Nova Era* e Revista *Fon Fon*. Em várias biografias escritas sobre ela, percebemos a sua desfamiliarização com

atividades tradicionalmente assumidas pelas mulheres, como ressalta Bento Fleury: “Pela facilidade em redigir, Maria Paula passou a secretariar o pai nas lides jurídicas, afastando-se por isso dos pesados encargos domésticos.” (FLEURY, 1998,1).

Destacamos a importância da biografia e da autobiografia para a construção da história. Os/as historiadores/as têm buscado nas biografias novas formas de abordagens; muitos teóricos têm problematizado o uso da biografia, suas dissonâncias e possibilidades, como nos aponta Maria Cristina Ferreira Neto:

Fica evidente o quanto a biografia traz em si ambigüidades e problemas para o historiador, mas traz também muitas possibilidades que não devem ser deixadas de lado pelo seu grau de dificuldades. É certo que um relato biográfico ou autobiográfico oferece uma visão lacunar daquilo que aconteceu. Mas, atualmente, estamos cientes de que trabalhamos com representações múltiplas e, sendo assim, não há sentido em separarmos texto e história, pois há uma relação permanente e recíproca entre autobiografia/biografia e contexto. Da mesma forma, não podemos separar razão e desrazão. É preciso que busquemos as coerências, mas também as contradições e as dissonâncias para fazer fluir as diferenças. (FERREIRA NETO, 2005:1537/1538).

Os teóricos que defendem o uso da biografia e autobiografia estão cientes das suas dificuldades e ambigüidades, mas acreditam em seu uso como instrumento relevante na construção do conhecimento histórico. De acordo com Levi (1996), através das experiências dos indivíduos, podemos perceber o social, reforçando para nós, historiadores/as, a conscientização da impossibilidade de separar o indivíduo e a sociedade. Diante dessa perspectiva, acreditamos na importância do estudo e revisão das biografias das autoras em destaque como mais um elemento que nos ajude a entender melhor a história da Cidade de Goiás. É também nosso propósito analisarmos as biografias de Augusta de Faro Fleury Curado e suas filhas Maria Paula e Nita Fleury, não para reiteração de suas memórias e valores, mas para percebermos as apropriações feitas por elas, as condições de produção nas quais elas estavam inseridas e construídas e também suas tentativas de desfamiliarização dos valores patriarcais, para depois colaborarmos para a desconstrução e ruptura do conjunto de representações que circulavam e ainda circulam no imaginário social da região.

No presente trabalho, destacamos os relatos memorialísticos das mulheres da família Fleury, pois acreditamos que seus textos tornam-se possibilidades de construção historiográfica. Sobre o uso e a leitura das memórias escritas por mulheres, Maria José Viana defende que:

No momento em que ainda se encontra “engatinhando” o estudo e a pesquisa memorialística feminina, o trabalho de classificação talvez seja precipitado. Por enquanto, parece-me necessário saber, não a especificidade do discurso construído pela mulher, se aquele próprio do auto-retrato, do romance pessoal, da memória ou do diário. Interessa saber que ela se apropria e se utiliza de todos eles indistintamente, para empreender a árdua tarefa de reconstruir-se e vencer as resistências que até agora a impediram de ver-se além da condição de meio-sujeito ou sujeito atípico, enigmático e inalcançável, colocando alhures, sob a chancela do incognoscível. (VIANA, 1995:16)

Os relatos de memórias das escritoras em destaque nos apresentam indícios de uma determinada época histórica, apresentam valores da sociedade na qual elas viveram; ao mesmo tempo, suas obras tornaram-se estratégias de resistência a esses valores, mecanismos de inserção dessas mulheres na sociedade, rompendo com o binarismo espaço público versus espaço privado. Sendo assim, destacamos Maria Paula, filha primogênita de Augusta de Faro, a qual, das mulheres da família, foi a que mais deixou obras publicadas e alcançou destaque no estado de Goiás e também em outros estados do país, como podemos ler abaixo:

A fulgurante literata contemporânea, dona Maria Paula Godoy, que mal se encobre sob o pseudonymo de Marilda Palínia, reinicia hoje a sua collaboração nesta folha. Esse facto è summamente grato ao “O Lar”, porque a [ilegível] illustre colaboradora é, pelo brilho incontrastável de sua penna, assas, admirada não somente em Goyaz, senão também fora desta terra. (...) Virtuosíssima consorte do nosso prezado confrade, doutor Albatênio de Godoy, dona Maria Paula, que faz de seu lar um lar encantador, não tem esquecido o culto das letras; e, ainda agora, está o *Lavoura e Commercio*, de Uberaba, publicando em folhetim a interessantíssima novella – *Sombras*, devida à sua penua adamantina. Justa é, pois, a satisfação com que, apresentando sinceros cumprimentos a Marilda Palínia, pelos triumphos que tem alcançado no campo das letras, publicamos, neste numero, um trabalho inédito de sua lavra. (Jornal *O Lar*, 15/03/1927)

Marilda Palínea era o pseudônimo de Maria Paula que, nas décadas de 10 e 20, tinha como pseudônimo masculino Danilo, provavelmente devido à resistência que a sociedade impunha à mulher, de se expressar em público e expor seu talento literário. As escritoras em pauta, como era comum na época, escondiam-se atrás de pseudônimos; entretanto, elas não se esconderam dos movimentos sociais e escreveram artigos²¹ nos quais denunciavam os problemas sociais, contribuindo para a desestabilização das relações de poder patriarcal em que estavam inseridas.

²¹ Exemplos são os artigos publicados convocando ajuda às diversas instituições de caridade, ou artigos que mostram organizações de saraus literários para o encontro de artistas para o diálogo sobre problemas sociais.

Além de destacar o pseudônimo de Maria Paula, o artigo acima publicado no jornal *O Lar* confirma a importância da autora no meio literário goiano e nacional e cita como exemplo a colaboração dela no jornal *Lavoura e Commercio* de Uberaba. Entendemos isso como uma forma de não assujeitamento aos valores androcêntricos, e isso é estar “Fora da Vida”.

Ainda que “fora do gênero” em alguns momentos, percebemos também as reiteraões e a sustentação do título de “rainha do lar”, construído para a mulher durante o século XIX. Isso é possível de se verificar quando o texto acima destaca, não apenas seus talentos literários, mas dá igual importância ao seu papel de esposa virtuosa e dedicada “rainha do lar”. Percebemos uma qualidade que caracterizava a “verdadeira mulher”: virtuosíssima, além de ser destacada como esposa do Dr. Albatênio e também como cuidadosa dona de seu lar. Após destacar seu papel de esposa e dona de casa, o artigo apresenta uma mulher que, mesmo com o desempenho na sua função tradicional de mulher, ela ainda tinha tempo para as letras. É possível analisarmos nos textos de Maria Paula, de sua irmã Nita, de sua mãe e de outras autoras da época, uma dialética entre estar “dentro e fora do gênero”, o que não deve ter sido fácil para essas, ou para qualquer mulher que objetivasse romper com o papel tradicional de mulher.

O Jornal *O Lar* passou a circular na Cidade de Goiás em 1926; era dirigido por Oscarlina Alves Pinto e Genesy de Castro e Silva. Maria Paula era colaboradora do jornal com matérias culturais e crônicas que versavam sobre a política, as mulheres, a região entre outros. Anterior à sua participação no Jornal *O Lar*, destacamos a colaboração da autora na conceituada *Revista Feminina*, de São Paulo, no ano de 1918. A revista foi fundada por Virgínia Salles, e Maria Paula escreveu para a revista, nos anos de 1918 a 1921, contos e crônicas que ressaltavam a intelectualidade das mulheres; essa revista contava com a colaboração de mulheres de outros estados brasileiros. Nessa época, ela foi a única mulher do estado de Goiás a contribuir com revistas importantes, levando o ideal da cultura goiana para São Paulo e Rio de Janeiro. De suas crônicas desse período, duas se tornaram populares: *Tapera e Fonte da Carioca*.

Na década de 20 observa-se a consolidação dos valores de modernidade no âmbito familiar. Assumia-se, entre os/as intelectuais, a postura de uma consciência brasileira sobre a importância da educação, artes e política. O fim da 1ª Guerra Mundial trouxe um impulso à industrialização do Brasil. A classe trabalhadora aumentava e com ela a urbanização se

expandia de forma problemática, mas a sociedade se adaptava às rápidas transformações, e absorvia os novos valores, os novos costumes.

As transformações políticas e econômicas foram muitas: fundação do Partido Comunista em 1922, movimento tenentista, etc. Os questionamentos e análises dessa época de ricas transformações eram feitos por uma nova historiografia brasileira. Todo esse contexto de mudanças dava um novo sentido à vida das pessoas. Surgia, entre os artistas, o movimento da antropofagia, e eles se preparavam para a revolução modernista, inconformados com os tabus, com o conformismo da sociedade e com a elite cafeeira, que determinava os rumos do Brasil.

A Semana da Arte Moderna de 1922 não foi bem aceita pela crítica; Villa Lobos causou escândalo ao usar músicas de compositores clássicos universais, fazendo novas versões com ritmos brasileiros. No dia 26 de julho de 1926, no programa lírico do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em plena efervescência do modernismo, consta o recital do poema “Velha Casa”, de Marilda Palínea, recitado por Eugênia Álvaro Moreyra, o qual transcrevemos abaixo:

A casa é velha pesada e branca
 Olha o rio olha a ponte olha as árvores
 Com os olhos apagados e vazios das janelas abertas.
 Na velha casa pesada e branca
 Eu vejo a avozinha
 Alta morena e forte
 De lindos olhos inteligentes
 Sentada em larga rede cuiabana
 No meio dos netinhos que correm
 Pulam gritam cantam brigam
 E como um punhado de borboletas
 Se espalham pelo pátio
 Eu me vejo entre eles
 Pequena ágil travessa
 Trigueira como uma índia. (GODOY, 1926:7-9)

A jovem escritora goiana rompia barreiras tradicionalmente impostas à mulher e contribuía para o nascimento do modernismo em Goiás²². No poema, verificamos um discurso que resgata a memória de fatos ocorridos no passado. Como já explicitado anteriormente, Eni Orlandi chama essa construção textual de memória discursiva ou interdiscurso. Para ela: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 2005: 31). O interdiscurso é marcado pela presença de

²² De acordo com seus biografos Bento Fleury e Augusta Faro Fleury de Melo.

diversas vozes da sociedade, ou seja, o que um indivíduo pensa ou fala, não é exclusivamente dele, mas se constitui no espaço dos intercâmbios, dos conflitos e das interações entre indivíduos e sociedade. No poema, fica clara a memória da infância, a formulação feita de um tempo passado, como a autora se via no meio de outras crianças, na “casa velha”, com a “avozinha” de “lindos olhos inteligentes”.

A década de 20 foi um período importante para as mulheres. Nesse momento acentua-se a entrada da mulher no mercado de trabalho. Mesmo com tantas críticas maldosas, como por exemplo, charges em jornais e revistas condenando as mudanças no “mundo feminino”, as mulheres tentavam desestabilizar os valores patriarcais que lhes foram impostos, como nos relata Marina Maluf e Maria Lúcia Mott:

Não faltaram vozes nesse começo de século para entoar publicamente um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam e, sobretudo, angustiadas com a representação social que lhes restringia tanto as atividades econômicas quanto as políticas”. (MALUF e MOTT, 1998:369-370).

A modernidade facilitava a vida doméstica. Os utensílios domésticos estavam cada vez mais modernos e equipados, prontos para aumentar o tempo livre da senhora do lar. Agora não era preciso esquentar o ferro à brasa, o ferro elétrico era muito mais prático e fácil de usar. Já não era necessário costurar de forma lenta e manual, a máquina de costura proporcionava às mulheres uma maior agilidade no serviço. Tratava-se do mesmo trabalho, porém de uma maneira mais rápida, e com isso sobrava mais tempo para outros afazeres. Dessa forma, as mulheres poderiam ingressar no mercado de trabalho e cuidar de seus lares ao mesmo tempo. A imprensa investia em propagandas de artigos sanitários, remédios para indisposição, dores causadas pelas “regras”, lavanderia, aspirador de pó, fogões à gás etc. Todos esses utensílios começavam a fazer parte do cotidiano do lar, e ficar sem essas “maravilhas” da modernidade era quase impossível. (MALUF e MOTT, 1998: 368-421).

A partir desses dados mencionados de maneira sucinta, é possível uma análise sobre o acúmulo de atividades a que as mulheres começaram a se submeter, embora elas não reclamassem ou se manifestassem sobre isso. A modernização e suas propagandas ofereciam estratégias de consumo para que as mulheres se desvinculassem dos afazeres domésticos e entrassem no espaço público. Mas é importante pensarmos que, mesmo com esses avanços e

rupturas, essas tarefas do lar ainda continuaram ou continuam em grande medida sendo responsabilidade das mulheres. É possível afirmar que as atividades domésticas muitas vezes não são compartilhadas por todas as pessoas da família e são muito pouco valorizadas ou respeitadas pela sociedade.

Segundo Maluf e Mott, a maior parte das mulheres que ingressavam no mercado de trabalho adquiriam a profissão de telefonista, e isso era uma maneira de preservar a mulher de maior exposição ao público, colocando-a em um local fechado, para protegê-la do contato mais direto com o mundo externo. Mesmo com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, em sua nova forma de viver persistiu o lado conservador e os princípios morais da sociedade patriarcal. As mulheres não podiam andar nas ruas sozinhas, sem a companhia dos pais ou esposos. Percebemos que as mulheres não eram donas de seus próprios corpos ou donas de si, pois sempre verificamos nos discursos da época que as mulheres eram submetidas à proteção e controle dos homens. E, mesmo ingressando no espaço público, sua principal atividade era direcionada para a felicidade e o bom andamento do lar. Na década de 20, a *Revista Feminina*, da qual Maria de Paula também foi colaboradora, publicou o *Decálogo da esposa*:

Ama teu esposo acima de tudo na terra e ama o teu próximo da melhor forma que pudeses; mas lembra-te de que a tua casa é de teu esposo e não do teu próximo;

Trata teu esposo como um precioso amigo; como um hóspede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem te contam as pequenas contrariedades da vida;

Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te aflijas excessivamente se alguma vez ele não reparar nisso;

Não lhes peça o supérfluo para o teu lar; pede-lhe sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranqüilo para as crianças;

Que teus filhos sejam sempre bem-arranjados e limpos; que ele ao vê-los assim possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estando ausente;

Lembra-te sempre que te casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existência. Quando todos o abandonarem fica tu a seu lado e diz-lhe: Aqui me tens! Sou sempre a mesma;

Se teu esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, seja boa para com ela pensando em todas as noites de aflição que terá passado para protegê-lo na infância, formando o coração que um dia havia de ser teu;

Não peças à vida o que ela nunca deu para ninguém. Pensa antes que se fores útil poderás ser feliz;

Quando as mágoas chegarem não te acovardes; luta! Luta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão;

Se teu esposo se afastar de ti, espera-o. Se tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espera-o! Porque tu não és somente a sua esposa; és ainda a honra do seu nome. E quando um dia ele voltar, há de abençoar-te. (MALUF e MOTT, 2002: 394-396).

O texto acima apresenta sugestões, com tons de regras, que devem ser seguidas pelas mulheres para a formação da “senhora do lar”. Em todo esse texto, percebemos a preocupação em manter os valores de uma “verdadeira mulher”; de acordo com esses valores, a casa, as crianças e o marido deveriam vir em primeiro lugar. Refletindo sobre isso, percebemos a anulação das mulheres como sujeitos. Elas, em muitos momentos, tornavam-se objetos moldados pelos valores patriarcais e estimuladas a atingir objetivos definidos para elas pelos homens. Percebemos no *Decálogo da esposa* que a “verdadeira mulher” tem que se omitir o tempo todo para agradar seu esposo, não pode se irritar e tem que preocupar com a honra de seu nome, pois a honra de sua família depende dela.

Mesmo com tantas mudanças no cenário social, os valores patriarcais prevaleciam nos discursos e nas práticas sociais. O *Correio Oficial*, um importante jornal que circulou na Cidade de Goiás nos anos 30, era produzido por homens e dele destacamos a seguinte crônica:

Notas sociais:

... imaginosa, devaneadora, contemplativa...

- Não, você está enganado,

Não sou assim.

Então é muito romântica.

- Também não.

Não sei, então, como compreender Você, com esse misticismo, aparentemente crônico, que lhe é tão peculiar.

- Vejo que Você é um péssimo psicólogo. Confunde-me de uma maneira bárbara, com a maioria das mulheres, que, sem expressão própria, são, como reflexo do meio-ambiente de uma vulgaridade deplorável e absoluta.

- Não a suponho assim, disse apenas que não a compreendia, por que em parte, Você foge é a regra geral.

- É claro, se não formo ao lado da maioria das mulheres que obedece cegamente á ideologia reinante...

Quer dizer que é original...

- Não quero dizer isso, quero apenas deixar claro que não sou vulgar, e por isto sofro muito porque ninguém me compreende.

- Você é muito é sentimentalista...

Ouçá-me um momento. Disse um grande escritor que quem conhece uma mulher conhece todas, porque, entre si, elas pouco diferem umas das outras.

E Você não pode, como quer, desprezar essa forma típica, sem perder os distintivos psicológicos do sexo.

Seja, pois, fútil e menos espiritual que não sofrerá tanto porque a vida é boa, afirmo-lhe com a “convicção de um ressuscitado”.

Afaste de si essa escolta sempre crescente de pensamentos que lhe acabrunham a alma e atrofiam sua vitalidade.

Compreendeu?

- Compreendi, obrigada.

Lucio (Notas Sociais- Correio Oficial, 31/01/1934 nº 2.665, p.8)

Na crônica acima percebemos a angústia da mulher por se sentir deslocada devido ao fato de não se associar às outras mulheres que seguiam obedientemente as regras estabelecidas para elas. A personagem se sentia incomodada e incompreendida por não carregar os valores compartilhados pelas outras mulheres, mas mesmo assim, no final do texto agradece por algo que lhe prejudica. É interessante percebermos no texto a fala do “psicólogo” quando ele diz que, ao conhecer uma mulher, conhece-se todas. Ele tenta definir a mulher de forma totalizante; no papel do psicólogo encontramos a figura de Freud, ou seja, a autoridade científica que castra as mulheres. Esse raciocínio esteve presente nos discursos e foi reiterado por muito tempo, sendo que ainda hoje é preciso uma prática de ruptura com a universalização do termo “mulher”, como se todas precisassem manter o mesmo padrão de valores e pensamentos, ou como se todas fossem iguais, mantendo as mesmas características. O deslocamento dessa representação sempre causou estranhamento e produziu imagens que se opunham ao que a sociedade esperava das mulheres; a mulher que não correspondia ao “script” tradicional era caracterizada como mulher vulgar, mulher da vida etc.

Nos anos 30, já não eram apenas as revistas e jornais os principais veículos de propaganda e da ideologia para a população. O rádio surgiu nesse cenário e foi um importante elemento na transformação da cultura brasileira. Em princípio, a idéia era fazer do rádio uma espécie de teatro burguês, com músicas eruditas, leituras de textos literários e discursos políticos. A modernidade chegava para todos, porém em proporções desiguais. As populações excluídas foram percebendo que não era possível dispor dos elementos da modernidade, que lhes garantiriam maiores oportunidades de conforto social.

Na Era Vargas, a proposta era de crescimento urbano, criação de indústrias para a substituição da importação. Nesse momento, os intelectuais políticos falavam em rompimento com o passado, tratava-se de aproximar “o país real” do “país legal”. Goiânia tornou-se um emblema da política nacionalista de Vargas. Mais uma vez se trava o diálogo modernidade versus atraso, quando se inicia a propaganda de transferência da capital do estado; a Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, passou a representar o velho, o atraso, enquanto a revolução e a

mudança da capital para Goiânia passaram a representar o novo e o moderno. Sobre o atraso e busca por mudança, lemos no *Correio Oficial*:

Vilaboenses!

- Goianos do interior, sejamos dignos da terra maravilhosa em que nascemos! Repilamos agora, de uma vez por todas, a tutela humilhante de Vila Boa, causa da nossa pobreza, do nosso imenso atraso em face da relativa prosperidade de todas as demais unidades da federação. [N. da R. = Tópico de um artigo de autoria do sr. Egerinêo Teixeira, sob o título A AGONIA DO TROGLODISMO POLITICO DE VILA BOA, publicado no “Lavoura e Comércio” de 10 do corrente.] (Correio Oficial, 16/02/1934, nº 2.677, p.8).

No texto acima, verificamos uma fala de protesto e indignação pelo atraso de Vila Boa, que deveria inclusive, ter seu nome mudado. Por muito tempo se manteve a rivalidade entre as pessoas da Cidade de Goiás e os novos moradores de Goiânia. O espírito antimudancista esteve presente em determinados grupos políticos e o discurso novo versus velho passou a circular entre os goianos/as, criando-se o termo “Goiás Velho”, que ainda vigora nos dias atuais. Esse termo não é aceito pelos/as vilaboenses, e existe um esforço por parte dos/as historiadores/as goianos/as em não mais repetir essa representação que foi construída no período da transferência da capital.

Nos anos 30, com a vitória da Revolução, Albatênio de Godoy, esposo de Maria Paula, passou a secretariar o interventor federal Pedro Ludovico Teixeira. Ele, Maria Paula e os filhos e filhas mudaram-se para Goiânia, que se tornou Capital do Estado em 1936. No ano seguinte, 1937, Maria Paula Fleury Godoy prestou concurso para a Cadeira de Português da Escola Normal Oficial de Goyaz, no qual o professor José Júlio Guimarães Lima foi o examinador. Sobre ela, ele escreveu: “Sua exposição, clara, precisa, simples e profunda, encantou-me. Simpática, modéstia e didática. De giz em punho deu aula magistral”. A banca examinadora proclamou-a vitoriosa, e ela recebeu a nota máxima. Maria Paula foi professora eficiente e dedicada, ensinando a língua portuguesa na antiga Escola Normal Oficial, hoje Instituto de Educação de Goiás.

Goiânia crescia à medida que Vargas colocava em prática sua política de interiorização do país. Em 1939, ele inaugurou a “Marcha para Oeste”, como ele próprio descreve: “o verdadeiro sentido da brasilidade é rumo a Oeste” (VARGAS, 1948:294). Goiânia passou a ser símbolo da conquista do Oeste e abria várias possibilidades de

investimento. No dia 05 de julho de 1942, ocorreu o Batismo Cultural de Goiânia e o lançamento da *Revista Oeste*, um grande veículo do pensamento goiano, na qual Maria Paula teve vários artigos publicados.

Um outro veículo produzido pela industrialização e que propagou a cultura foi o cinema. Com ele, muitos valores tradicionais foram questionados, surgindo um movimento conservador que fazia protesto contra o cinema. Para as pessoas contrárias a esse meio de comunicação, o cinema era um local pervertido, onde encontros profanos aconteciam e os filmes mostravam cenas de beijos picantes, traições e outros comportamentos que escandalizavam os mais tradicionais. A *Revista Feminina* trouxe um artigo sobre isso:

O cinema Escola de depravação dos costumes:

A campanha que, por estas columnas, temos feito contra a má e amoralissima orientação que tem ultimamente tomado a arte cinematographica, despertou, como era de esperar, a attenção das pessoas sensatas. A brilhante chronica da nossa colaboradora D. Anna Rita Malheiros, inserta em nosso ultimo numero, abordou a questão da amoralidade dos cinemas, de fórma que não póde deixar de impressionar fudamentamente todas as pessoas honestas e, sobretudo, os pais de família. A propósito dessa chronica, um dos nossos leitores, que se occulta sob o pseudonymo de 'Um estudante da verdade', dirigiu a D. Anna Rita Malheiros uma carta em que lhe applaude a attitude, prometendo, com os recursos que tiver ao seu alcance, secundar-lhe a louvável campanha. Eis um dos trechos dessa carta: 'Permiti-me que vos saude effusivamente e vos dê o meu sincero e leal apoio na vossa benéfica e moralisadora campanha contra as immoralidades que se presenciam nas fitas cinematographicas. Estou de pleno accordo com o vosso modo de pensar que demonstra serdes bastante clarevidente em terdes a nítida visão do futuro que nos espera, se continúa este foco de depravação dos nossos costumes simples que é o cinema. (*Revista Feminina*, agosto/1955)

Era comum, no Rio de Janeiro, as pessoas freqüentarem o cinema uma vez por semana, para o que escolhiam a melhor roupa para ver os astros e estrelas de Hollywood. Isso se tornou quase que uma obrigação para garantir o que era considerado uma condição moderna e manter o reconhecimento social. O cinema tornou-se uma febre e entre outras coisas, difundiu o ideal de padrão de beleza. No Brasil, jovens deliravam por seus fãs, escreviam cartas para revistas e colecionavam fotos e pôsteres de seus astros favoritos. Até os poetas eruditos se apaixonavam por estrelas de Hollywood; Carlos Drummond confessou em um poema sua paixão por Greta Garbo. As imagens dos astros e estrelas eram usadas na

publicidade para atrair os consumidores, o que estimulava a padronização de hábitos de consumo e comportamento.

As pessoas diziam amar o cinema e a vida dos/as artistas. Esse sentimento é compreensível, se pensarmos que o cinema explorou o amor como tema central; o “amor romântico” passou a ser o tema abordado nas histórias em quadrinhos, nas fotonovelas, nas radionovelas, nos livros de bolsos, nas canções populares e nas revistas de fofocas. E o comportamento e ações dos/as famosos/as chegavam aos olhos, ouvidos, mentes e corações daqueles que tinham acesso a essas informações. As pessoas passaram a idealizar uma vida igual a desses artistas, uma vida que sempre teria um “Happy End”. (SEVCENKO, 1998:152)

Nos anos cinquentas, Goiânia se modernizava, e sua gente copiava o estilo de vida dos cariocas. Aos domingos as famílias freqüentavam o cinema; começavam pelas matinês e terminavam com a sessão das dezoito horas, que era a mais concorrida. Todos iam bem vestidos, sobretudo as mulheres, com seus penteados elaborados. Em Goiânia, nessa época, havia o Cine Teatro Goiânia, o Cine Goiás e o Cine Santa Maria. O Cine Santa Maria era o mais antigo da cidade, passava filmes de qualidade e era o mais popular; atraía as pessoas de bairros mais afastados, por não ser uma casa de espetáculo luxuosa. (SOUZA, 1995: 10/11).

Mariana Augusta Fleury Curado teve uma importante contribuição no Jornal *O Popular*, entre os anos de 1938 a 1952 e não deixou de se posicionar sobre esse novo elemento na vida sócio-cultural de sua cidade. Assim como a mãe e a irmã, ganhou prestígio no cenário literário e destacou-se como escritora goianiense. Nesse jornal, Nita, como era chamada, tinha uma coluna intitulada: “Do meu cantinho”, em que retratava vida social goianiense, como podemos verificar neste trecho:

Fui assistir ao filme Vendaval Maravilhoso. Vida de Castro Alves. Nem poderia deixar de ir: sou “fan” nº 1 do poeta baiano.

Personagens bem caracterizados, encenação magnífica e, acima de tudo, filme nosso.

Apesar da vida irregular de Castro Alves, em cuja época a boemia era quase obrigatória, o filme é próprio para qualquer jovem de 18 anos. É que ainda há moral no Brasil. A Eugênia Câmara foi glorificada e tornou-se mesmo sublime quando, num gesto ultra altruístico (dado a classe a que pertencia), se desfez de suas jóias em prol da causa da libertação dos escravos.

Ignorava essa passagem da vida de Eugênia mas, em compensação, sabia que tão logo pressentira a pobreza, a moléstia, abandonara

teatralmente o poeta. Em expressivo contraste, a doce baianinha – primeiro amor de Castro Alves – fora-lhe fiel até os últimos dias.

Castro Alves foi um predestinado, único na arte de cantar a Pátria sem cair na chapa comum. Quando Isabel, a magnânima, assinou a Lei Áurea, já há muito falecera o poeta, cujas idéias e ação foram a alavanca que fez desmoronar a montanha de sofrimentos e de horrores que era a escravidão.

Pena foi, e lamentável, que os graúdos de então não tivessem devolvido às praias africanas os que de lá vieram e seus descendentes. Para eles – a terra mater, os candomblés, as macumbas, os pais de terreiro, a liberdade – e para o Brasil – modificação em grande porcentagem do humor rubro que circulava nas veias de muitos brasileiros. (*O Popular*, 5 de novembro de 1950)

Na crônica acima, Mariana Augusta, que também utilizava o pseudônimo Dorita, destaca sua opinião sobre o poeta Castro Alves e também sobre a escravidão. É conveniente mais uma vez destacarmos a intelectualidade das mulheres da família Fleury como uma forma de estarem “fora da vida”. Durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, não era comum a maioria das mulheres o universo da leitura e dos estudos, e Mariana Augusta mostra ser conhecedora de Castro Alves e de sua obra. Do texto acima, ressaltamos também a presença do cinema em Goiânia e a apreciação dos filmes nacionais. Nita descreve a sinopse do filme e destaca a importância de duas mulheres: Eugênia Câmara, mulher abolicionista e companheira de Castro Alves, e a princesa Isabel. O hábito de freqüentar esse ambiente e o conhecimento que a autora possuía a respeito do tema era também uma forma de estar “fora da vida”, pois as forças conservadoras reprovavam as mulheres que tinham tais interesses.

Além da colaboração de Mariana Augusta no jornal *O Popular*, ela também deixou outras obras publicadas, como as biografias do Dr. Sebastião Fleury Curado e do professor e seu esposo Agnelo Arlington Fleury Curado²³, o livro de genealogia da família *Fleury e Curados, Vida*, (livro de crônicas, contos e novelas) e *Rua do Carmo*, livro de crônicas e artigos. Do livro *Rua do Carmo*, destacamos o texto abaixo:

O Antigo Colégio Santana:

Ao penetrar, pela primeira vez, no Colégio Santana, senti-me receosa, era por índole tímida e desconfiada.

Ao toque da sineta a porta foi aberta por Donana, a porteira, e enquanto ela conversava com a pessoa que me levava, eu, de olhos fitos na sua saia chitada e frouxa, pensava, deixar a chácara em que

²³ Primo e esposo de Mariana Augusta. Ele construiu a primeira farmácia de Goiânia no centro da cidade, à Rua Seis esquina com Rua Dois. Chamava-se farmácia Sant’ Ana e já existia na cidade de Goiás. Foi fundador e professor da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás. Era genealogista e pesquisador da história e geografia da América do Sul.

morava, as árvores, que na minha imaginação infantil, eram minhas parentas e ter de permanecer naquele casarão entre pessoas desconhecidas, senti tristeza. (...)

Havia ensino gratuito para as meninas pobres, na maioria, de cor, destas era a professora a irmã Hermância, severa e de pouca fala. (...)

Na capela era ministrado o Catecismo por Frei Germano, sempre carrancudo e áspero. Entrávamos em fila de duas a duas, nas pontas dos pés e guardávamos o silêncio durante as explanações. (CURADO, 1981:34)

Nesse relato de memória, é possível uma análise sobre a forte influência da Igreja na escolarização das mulheres. O Colégio Santana, importante instituição na Cidade de Goiás, fundado pelas dominicanas francesas, sempre foi um local conservador de ensino, assim como as demais escolas religiosas espalhadas pelo país durante o século XIX. Essas instituições mantiveram suas doutrinas e objetivos baseados na disciplina cristã, nunca favorável à emancipação das mulheres. De acordo com a historiadora Diva do Couto Muniz:

Em suas articulações com a família, a educação e a política, a Igreja atuou junto à sociedade, ordenando-a segundo a disciplina cristã, prescrevendo sobre os papéis “apropriados” a cada um dos sexos. (...) Particularmente no caso das mulheres, o impulso dado à escolarização feminina, com a vinda das religiosas francesas e com as mediações do clero junto às famílias para que encaminhassem suas filhas às escolas públicas ou particulares, representou uma mudança substancial em termos de expansão do atendimento escolar. Suas recomendações nesse sentido revestiam-se de caráter de prescrição doutrinária, já que sempre associadas aos deveres cristãos dos pais para com seus filhos e filhas. (MUNIZ,2003:153)

O Colégio Santana sempre foi referência em Goiás, e Nita nos apresenta o aspecto doutrinário do colégio quando ela fala do catecismo ministrado por Frei Germano cuja aparência severa parece inspirar temor e obediência por parte dos jovens. É possível verificarmos, em seu relato, que o estabelecimento era reservado para moças. A partir da fala da autora, observamos a normatização dos corpos quando ela relata a entrada das moças em fila e nas pontas dos pés, resguardando o silêncio ao entrarem na capela. Nita destaca também que o colégio era um espaço também utilizado para a educação de moças pobres; ela delimita a fronteira entre as raças, referindo-se às moças pobres como “moças de cor”. É possível verificarmos ainda, no texto dessa autora, uma das representações bem tradicionais criadas para as professoras quando Nita diz que a professora era severa e de pouca fala. Em um outro artigo de Mariana Augusta, no livro *Rua do Carmo*, lemos:

Babilônia:

Babilônia – já o nome indica grandiosidade. Fazenda situada num recanto verde. Ao longe, no horizonte, uma serra ao sopé da qual árvores frondosas lembram exército à espera do inimigo – o Homem.

Fazenda construída em 1800, nas proximidades de Meia Ponte, por Joaquim Alves de Oliveira, “o magnânimo”, no expressar do poeta goiano Florêncio A. da Fonseca Grostom, ao descrever o surto de varíola que assolou a região, sendo Meia Ponte preservada do flagelo devido às enérgicas providências tomadas por Joaquim Alves, isto pelo ano de 1811.

Joaquim Alves de Oliveira, homem de grande capacidade de trabalho, foi dono da maior e mais próspera fazenda da então Província de Goiás cuja organização e trabalho eram notáveis. Ali a ociosidade não achava guarida.

Além de gerir a fazenda, Joaquim Alves repartia sua atividade em diversos setores. Fundou o jornal “Matutina Meiapontense”, sob a gerência do Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, também foi Vereador, Juiz de Paz, Coronel de Milícia, ocupando ainda vários cargos eletivos de projeção, enfim, era um homem pra-frente, no falar de hoje. (CURADO, 1981:35)

Mais uma vez é possível constatar que as autoras em destaque, diferentemente da maioria das mulheres da época, se interessavam pelos eventos políticos do estado de Goiás. Essa é uma forma de estar “fora do gênero”, pois o fato de entenderem de política e terem conhecimento científico fez das mulheres da família Fleury mulheres pensadoras, e esse perfil, aos olhos da sociedade patriarcal, não era adequado para as mulheres, que deveriam se contentar apenas com as obrigações do âmbito familiar. Essas mulheres, em muitos momentos, estavam “fora da vida” já que também exerciam atividades que estavam em contradição aos papéis tradicionais reservados às mulheres. Nita, em seu artigo sobre a fazenda Babilônia, destacou o nome de seu fundador e sua importância no controle da varíola em Pirenópolis, antiga Meia Ponte, como também sua presença no mais importante jornal da época.

Nos anos 50, as famílias de destaque na sociedade goianiense também gostavam de frequentar o Jockey Clube de Goiás, o Teatro Goiânia, o salão do Automóvel Clube, os Cafés e as Confeitarias. Havia uma rigidez na criação dos/as filhos/as, uma preocupação com o nome e com as tradições, e a Cidade de Goiás era ainda pacata e calma, como nos relata de forma poética:

Seriam dez horas talvez; a cidade já dormia. Dormia cedo como antigamente, aconchegada nos braços dos morros veludos, abrigada pelo céu muito azul... Como dói rever a cidade em que se viveu longos anos e sentir que ela permanece imutável (GODOY, 1968:28)

Mesmo nos anos cinquenta, algum tempo depois da transferência da Capital, o espírito anti-mudancista no povo vilaboense era predominante. Eles se sentiam traídos. Até o Colégio Lyceu tinha sido transferido para Goiânia. Mas Maria Paula dizia:

Goiás e Goiânia: duas cidades irmãs. Uma, já velha, a outra começando a crescer, menina ainda. Tão diferentes ambas e ambas tão sedutoras na sua beleza diferente!

(...) Goiás, poética e romanesca, banhada de sol, faiscante de luz, encerrada na redoma de cristal de um céu de incrível pureza e aprisionada na moldura forte de seus morros estranhamente verdes, tem, apesar de seu colorido e da pujança de sua vegetação, uma atmosfera violácea, um halo de saudade, envolvendo-a tãda.

Faz o coração mergulhar em doce melancolia. É a cidade das tradições, dos que sabem ouvir-lhe a voz misteriosa, que ressoa naquelas ruas estreitas e sinuosas, forradas de pedras seculares; naquelas casinhas brancas e aconchegadas com tímidas velhinhas, naqueles horizontes profundamente luminosos e que ficam bem perto de nossos olhos.

Goiás é a cidade-violeta, a cidade-saudade.

Goiânia, trêfega e buliçosa, cor do sol e cor de sangue, na variada gama do vermelho que sobe do solo acobreado para os telhados cor de brinquedo, dourando as construções de estilo moderno, fala do futuro, fala da esperança.

É a cidade dos nossos filhos, a cidade dos largos horizontes e das largas possibilidades dos organismos jovens, cheios de pujante vitalidade e que sentem em seus nervos, em seu coração e em sua inteligência, a capacidade realizadora de tãdas loucuras na divina escalada dos mais belos ideais. (GODOY, 1968:123)

Destacamos, no texto acima, o uso de uma linguagem metafórica. Essa linguagem, utilizada em crônicas e em outros textos da autora, é uma evidência de seu talento, de sua segurança e de sua maturidade intelectual o que não era muito comum para as mulheres da época. Consideramos essa forma de escrita uma característica de Maria Paula, situando-a “fora do gênero”, pois a autora domina os recursos expressivos da linguagem, criando imagens, comparações inusitadas, o que evidencia uma personalidade verdadeiramente poética.

Ao escrever sobre Goiás e Goiânia, Maria Paula comungava com o pensamento das pessoas que tinham sensibilidade em perceber com otimismo as transformações do país e do centro-oeste. Goiânia era um importante símbolo das transformações do Brasil. Os anos cinquenta representaram a busca e implantação da modernização do Brasil, e a Capital, Rio de Janeiro, não comportava esse ideal de país. Nada melhor que uma capital no coração do Brasil, uma cidade planejada aos moldes da modernidade da nova geração empreendedora.

Em meados dos anos 50, com a intensa política de “Marcha para Oeste”, muitos políticos defendiam o projeto de mudança da capital do país. O candidato à presidência da República, Juscelino Kubitschek, era favorável à mudança e estava certo de que a região do Brasil Central era a mais apropriada. Brasília, a nova capital do país, nasceu nos anos 60 e contribuiu para o processo de reconstrução da nação e da unidade territorial. E Brasília crescia, atraindo gente de toda parte do país. A nova capital foi construída pelos “candangos” – nome dado aos nordestinos que saíram do sertão, fugindo da seca e da miséria para tentar a vida em Brasília, que representava a esperança do Brasil de todos; eram pessoas batalhadoras, cheias de sonhos, mesmo com todas as mazelas vividas no Nordeste. Não sabiam eles que continuariam excluídos do “bem estar-social” promovido pela vida moderna.

O novo país precisava de vasta mão-de-obra para as construções da nova capital e Maria Paula presenciou a construção de Brasília e de seu povo. Devido à profissão de seu esposo Dr. Albatênio, advogado influente no meio político, mais uma vez partiu de mudança. Naquela época, a autora morava em Copacabana e partiu para acompanhar o nascimento de mais uma cidade. Sagaz, essa escritora não poderia deixar de registrar o seu olhar sobre esse novo momento da história e sobre as personagens que compunham esse cenário. Sem hesitar, com paixão e crítica que a aproximam dos problemas e dificuldades enfrentados pela classe operária – como não se observa em textos anteriores - a autora escreveu a seguinte crônica:

Flashes de Brasília²⁴

Os candangos são uma das curiosidades de Brasília.

À primeira vista, a gente os conhece. Lá vem um bando: andam sempre em grupos. O corpo magro inclinado para a frente, o andar mole, um chapéu torto na cabeça, camisa e calças de algodão, botinas de couro cru e aquele todo de preguiça, de desalento, de moleza, contrastando com a vida ativa e dura que levam.

No seu reduto – a Cidade Livre – que parece vai ter, agora, condições de habitabilidade, eles se irradiam por toda esta Brasília que os enfeitou, que eles tiraram do nada, que eles viram crescer, embelezar, vencer e que eles, agora, não querem deixar, não podem abandonar, custe o que custar, haja o que houver...

Maria Paula Fleury de Godoy

As escritoras que selecionamos tentaram desestabilizar as hierarquias e as representações hegemônicas, pois escreveram artigos que valorizavam as realizações das mulheres e das pessoas simples, personagens esquecidas na historiografia tradicional. Nos

²⁴ A crônica acima foi cedida por D. Marilda, filha mais velha de Maria Paula. A crônica foi encontrada datilografada e sem data, jamais foi publicada.

discursos de duas gerações de mulheres, principalmente no discurso de Maria Paula, é possível refletirmos sobre o surgimento de uma perspectiva feminista, na qual destacamos o artigo de Maria Paula intitulado *Vão abrindo alas que nós vamos passar*. Em seu texto ela nos diz:

Realmente, já é tempo de se reconhecer à mulher a capacidade de pensar e agir sozinha e se afirmar vitoriosamente em todos os ramos da atividade humana. As últimas guerras fizeram ruir o tabu da suposta incapacidade intelectual da mulher. Vem ela vencendo em todos os sectores, mesmo naqueles até há pouco de exclusivo domínio masculino, como o trabalho científico. (...) E dizer que, no Brasil onde são tantos os valores intelectuais femininos, não permitem os estatutos ingressar na Academia de Letras uma Rachel de Queiroz. É tempo de pôr na Câmara Federal alguém que pela imprensa, e em seus livros já é, na realidade, e de há muito, a incansável advogada das classes mais desprotegidas da sociedade. (GODOY, 1950:2)

Percebemos acima que a escritora tinha consciência da importância do papel das mulheres na sociedade, sabia e fazia questão de ressaltar os caminhos que essas mulheres estavam percorrendo, sua entrada no mercado de trabalho, inclusive nos meios considerados masculinos, como o campo científico. Maria Paula, sua irmã Nita e sua mãe buscaram alternativas aos padrões tradicionais femininos, pois gostavam de ler, entendiam de política, e suas produções se tornaram alternativas de luta e conquista para as mulheres.

O texto abaixo, extraído do conto *Fora da Vida*, escrito por Maria Paula, ilustra a resistência dessas mulheres aos papéis tradicionais:

D^a. Lucia... fora a melhor prosa que eu conhecera na cidade. (...) Era um espírito ágil, curioso, devorando quantos livros encontrasse e gostando de discutir as idéias que estes lhe despertavam com inteligência e bom humor (...) Emprestara-lhe romances, pois preferia literatura de ficção (...) Era moça, muito moça, bonita, comunicativa. Sentia-se nela um irresistível impulso para viver em sociedade (...) Nada disso compreendia Lúcia. Inteligente e fina, seu espírito naturalmente inclinado para as cousas de arte, sofria e se rebelava contra a vida mesquinha, vegetativa, que se tornara a sua (...) Ela fez-se professora de primeiras letras. (...) Retirada do magistério, a aposentadoria trouxe-lhe horas de lazer (...) Vivia lendo. Lendo e palestrando, pois tinha a casa sempre cheia, principalmente de moças. E repetia sempre: - Não quero viver muito. Para que? Tenho uma repugnância enorme de me ver trêmula, curvada, arrastando os pés, fraca e triste, nessa decadência física dos velhos. (GODOY, 1960:9)

No trecho acima, a personagem Dona Lúcia apresentava valores que tradicionalmente não deveriam ser associados às mulheres: ela era comunicativa, ávida leitora de livros e

buscava o conhecimento. Como tais características não estavam comumente associadas às mulheres, elas entravam em contradição com os seus papéis tradicionais; assim, precisavam ser controladas e silenciadas pelas práticas sociais e também pelas experiências da sociedade patriarcal. Isso é ilustrado pela narradora quando ela fala que Dona Lúcia nascera para “viver em sociedade”, como se o viver em sociedade não fosse comum para as mulheres. Percebemos também nessa fala que, tradicionalmente, o espaço público sempre foi ocupado pelo homem e que pertencia a ele o espaço da cultura, mas no conto a personagem rompe com essa imposição de separação de espaços e demonstra não se conformar com a vida que lhe impuseram.

Hoje é possível fazer a interpretação desses discursos a partir das margens e, ao mesmo tempo, questionar essas margens. Essas leituras nos apresentam novos olhares, alterações nas formas de pensar, agir e se relacionar dos sujeitos em oposição às construções binárias determinantes de identidades fixas. Laurettis afirma que: “... a experiência se altera e é continuamente reformada para cada sujeito, através de seu contínuo engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para mulheres, de forma capital – as relações sociais de gênero.” (LAURETTIS, 1994:228).

O conto *Fora da Vida* demonstra também momentos de reprodução de representações hegemônicas, momentos de “performatividade do gênero”, como nas concepções de velhice e de mulher histórica. Butler, em seu livro *Problemas de Gênero*, explica que a performatividade do gênero significa ato instituidor, produção discursiva na repetição e na recitação, ação das representações sociais que cria realidade, criação das práticas de gênero. Ela nos diz:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (...) Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero.

(BUTTLER, 2003:194/195)

Podemos perceber que as representações da velhice são representações pejorativas, em que a pessoa mais velha perde seu valor na sociedade, como se ela não produzisse mais e portanto, não tivesse mais valor para a sociedade. Dentro dessas construções sociais, o imaginário mostra-nos uma sociedade que exclui esse grupo de pessoas e julga que o mesmo retorna à infância pela sua situação de dependência. Muitas vezes, a velhice compõe um par

binário: juventude e belo *versus* velhice e feio. Podemos perceber isso quando a personagem fala que tem medo de ficar trêmula, cheia de rugas. Para ela, também era preferível morrer logo, pois tinha horror a uma longa enfermidade, que a fizesse sofrer muito.

A imagem da mulher histérica fica evidente quando a personagem diz que as mulheres têm nervos que vibram: “- O senhor sabe. Nós mulheres, temos nervos que vibram, às vezes, por tão pouco (...) Somos tão impressionáveis, tão fracas, tão oscilantes...” (GODOY: 1960:10). Essa idéia da “mulher histérica” é reiterada ao longo da história e está firmemente incorporada ao imaginário social. Ao analisarmos o Realismo, movimento literário da segunda metade do século XIX, verificamos que muitas personagens femininas construídas por autores masculinos, apresentavam algum tipo de patologia. A construção da representação da mulher histérica está intimamente ligada a esse momento histórico. O Realismo foi inaugurado no final do século XIX e Gustave Flaubert se destacou nesse período, com sua personagem Madame Bovary. Essa personagem, infeliz no casamento, escapou da realidade, por meio da leitura de romances, que lhe inspiravam um comportamento subversivo para a época.. Além de Madame Bovary, destacamos *A Prima Bethe*, de Zola e a personagem Luisa, do livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. O realismo traça uma narrativa preocupada com a análise psicológica de suas personagens e sua inserção na sociedade. Essa corrente literária, muitas vezes, retrata mulheres tristes, doentes, loucas, mal amadas, enfim, constrói uma padronização da histeria feminina. Percebemos que todas as mulheres passaram a ser representadas por essas características, sendo constituídas nos imaginários como “A mulher”, levando as historiadoras feministas a buscarem uma desconstrução dessas representações universalizantes.

Estar “fora da vida” para a personagem do conto era o segredo de sua felicidade, sair da situação a ela destinada enquanto mulher, sem muitas opções, para ir ao encontro de leituras que lhe proporcionavam resistência aos papéis que sempre foram atribuídos às mulheres pela sociedade patriarcal. Isso se comprova no momento em que a leitura do conto nos mostra uma personagem que teve um papel social relevante na pequena cidade onde vivera: “Vivia lendo. Lendo e palestrando, pois tinha a casa sempre cheia, principalmente de moças...” (GODOY,1960:11).

No conto *Fora da Vida* temos a análise da profissão de D. Lúcia: “Ela fez-se professora de primeiras letras”. Podemos aqui levantar o debate sobre a “feminização” dessa

profissão. Diva do Couto Muniz analisa como a profissão do magistério é exercida, na sua grande maioria, por mulheres, tornando-se uma construção social. Segundo a autora, a participação das mulheres nesse setor de trabalho obscurece a história de lutas e negociações que enfrentaram as mulheres ao longo dos séculos para se tornarem alunas e professoras. Sobre a feminização da prática escolar, a pesquisadora afirma que:

Trata-se de um processo de conformação de “corpos de mulheres” em “corpos de professoras” em que cada uma delas exercitou e sofreu efeitos das complexas redes de poder que atravessam o tecido social e que perpassam, principalmente, mas não exclusivamente, a instituição escolar, seus discursos, seus códigos, seus símbolos e suas práticas, imprimindo suas marcas. (MUNIZ, 2005:74)

Ainda segundo essa autora, durante o século XX, o ensino passou a ser pensado e direcionado à inclusão de mulheres no magistério. A atuação das mulheres como professoras passou a ser vista pela sociedade e pelas instituições como um prolongamento da esfera doméstica. O magistério foi identificado como uma missão para as mulheres, pois se atribuiu a essa profissão o compromisso materno de educar os filhos e as filhas. Tal prática e regulamentação nas instituições de ensino obscureceram a militância das mulheres em romper com as práticas que as excluía do mercado de trabalho.

Por fim, gostaríamos de destacar, que em nossa leitura identificamos nas obras da família Fleury um processo de auto-representações. As auto-representações, também chamadas de “ancoragem” pela teórica Denise Jodelet, são uma forma de incorporar as imagens percebidas na sociedade para a sua aceitação no corpus social. De acordo com Jodelet:

Auto-representação ou Anclagem é o que intervém ao longo do processo de formação das representações, assegurando sua incorporação ao social. A ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência. (JODELET, 2002: 21)

Ao lermos as obras das autoras, observamos, em muitos momentos, a imagem que essas mulheres faziam de si, como elas se enxergavam. As auto-representações são perceptíveis na construção de suas personagens. No conto “Fora da Vida”, por exemplo, a

personagem é professora e a todo tempo se rebelava contra a vida que queriam que ela levasse. Sabemos que as mulheres da família Fleury foram professoras, e Maria Paula, que teve uma maior produção literária, foi admirada e reconhecida como uma importante professora do estado. Na construção de suas escritas, sejam elas ficcionais ou não, verificamos as auto-representações, reflexões sobre si, maneiras de se enxergarem ou de serem aprovadas pela sociedade. Percebemos, nessa ancoragem, a forte presença do papel de mãe e esposa, a religiosidade intrínseca em suas relações, porém elas conseguiram desfamiliarizar certas representações que compunham a “verdadeira mulher”. Nos textos das autoras encontramos uma dialética entre auto-representações e representações, marcadas pelas práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve a intenção de destacar e valorizar a literatura de autoria feminina na compreensão das experiências, das representações e do imaginário social goiano. A partir desse imaginário, perspectivado pelas identidades de gênero, as relações de poder e os relacionamentos familiares foram discutidos. Ao analisar as produções ficcionais e não-ficcionais de mulheres goianas, mais precisamente das mulheres da família Fleury, verificamos que as experiências de escrever foram construídas dentro dos valores da sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo, essas feministas conseguiram romper com os grilhões das hierarquias sociais e sexuais a elas impostas por essa sociedade. Ao trilhar esse caminho, destacamos também a interdisciplinaridade da História, seu diálogo com a Literatura e também com a Arquitetura na tentativa de colaboração para a historiografia goiana.

Visibilizar as narrativas dessas autoras significa enfatizar o literário também como projeto histórico, compreender que a experiência e a linguagem estão imbricadas. A linguagem literária é uma fonte inesgotável para leitura das experiências e, acreditando nesse raciocínio, nessa nova prática de pesquisa acadêmica, apresentamos as obras dessas mulheres como possibilidades de leitura do seu imaginário.

Entre os anos de 2003 a 2006, fontes relacionadas à Família Fleury Godoy foram coletadas e analisadas. Tais fontes apresentadas nessa dissertação de mestrado são consideradas relevantes pois proporcionam uma nova leitura do imaginário social e das relações de poder na Cidade de Goiás. Conforme explicitado no decorrer do trabalho, as experiências constituem os indivíduos e as práticas. São percepções, valores, a forma de se inserir numa determinada realidade; como Joan Scott afirma, a experiência é um evento lingüístico e precisa ser historicizado. Além disto, uma única narrativa é impossível dar conta de explicar as experiências, as quais serão inevitavelmente parciais.

Nesta perspectiva, com a presente pesquisa, e no intuito de enfatizar a importância das experiências e seus processos, avaliamos e promovemos um diálogo entre diversas fontes, como, jornais e revistas escritos por mulheres da mesma época das autoras em destaque, além de jornais tidos como oficiais escritos por homens da época. A casa da família Fleury também

foi utilizada como fonte para o trabalho, visto que a construção material é capaz de nos fornecer indícios das experiências.

Para realização desse trabalho é necessário registrar a inestimável colaboração dos familiares das escritoras. Dentre elas, D. Marilda de Godoy, primeira arquivista de Goiânia, fundadora do Arquivo Histórico Estadual de Goiás e filha da escritora Maria Paula Fleury de Godoy. Marilda de Godoy foi responsável por um grande avanço da pesquisa e disponibilizou muitos materiais e entrevistas. Houve contato com outros membros da família como, Augusta Faro Fleury de Melo, presidenta da Academia Feminina de Letras de Goiás, escritora e neta de Augusta de Faro.

A partir da ótica feminista de desconstrução e da tentativa de escrever desse “outro lugar”, fizemos uma releitura das obras das escritoras da Família Fleury, na tentativa de desestabilizar as representações que foram produzidas na epistemologia convencional. Para isso, foi feita uma leitura e interpretação das experiências percebidas nas obras dessas mulheres e, através delas, foi possível entender as experiências de outros grupos sociais, como também a experiência patriarcal em que elas foram constituídas. Essas análises nos levaram para dentro de uma teia de significações, composta de valores e representações que perpassam o imaginário social daquela época.

Foi possível verificarmos, nas obras das autoras, a constante dialética “dentro e fora do gênero”. Como vimos nas análises dos textos escritos no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, embora as autoras reproduzissem discursos patriarcais, em muitos momentos elas conseguiram romper com esses discursos. Augusta de Faro estava “dentro do gênero” ao incorporar os comportamentos patriarcais, porém estava “fora do gênero” por ser uma mulher na Província de Goiás que escrevia textos literários e não-literários. De acordo com as representações em vigor, a escrita não era ação para as mulheres. Maria Paula, no final de sua infância, produziu um jornal manuscrito, O Baumann, e foi responsável por sua circulação na Cidade de Goiás, e isso também pode ser considerado estar “fora da vida”. Podemos verificar que Maria Paula e sua irmã Nita, juntamente com outras mulheres goianas, ajudaram a construir uma perspectiva feminista, na medida em que destacavam o papel das mulheres na sociedade e reivindicavam por justiça social e igualdade de direitos entre os sexos.

A família Fleury demonstrou, ao longo dos anos, ser uma família de políticos e intelectuais. Por muito tempo, os homens dessa família destacaram-se, na história de Goiás, por seus escritos e relatos. Agora, com o intuito de analisar, refletir e contribuir para a construção dessa história, destacamos a literatura de autoria feminina. Maria Paula herdou o talento de sua mãe, Augusta, exímia escritora, pianista, pintora. Essas mulheres, de gerações diferentes, desenvolveram um papel importante através de suas crônicas, contos, novelas e versos, obras completas cheias de criatividade, sensibilidade e imagens das relações familiares, num âmbito de transformações mundiais, nacionais e regionais. Mulheres como Augusta de Faro Fleury Curado, suas filhas Maria Paula Fleury de Godoy, Mariana Augusta Fleury Curado (Nita), as netas Marilda Godoy e Augusta Melo não deixaram escapar suas memórias e as publicaram, sem medo de revelar suas idéias e opiniões por meio de suas escritas simples, porém cheias de riquezas de detalhes. Através da escrita dessas mulheres foi possível analisar as experiências que as constituíram e também as representações que circulavam no imaginário da Cidade de Goiás. A partir da história dessas mulheres foi possível se pensar a história de Goiás através de novos olhares numa tentativa de contribuição para a historiografia goiana.

A literatura de autoria feminina sempre foi para as mulheres da família Fleury uma forma de estarem “fora da vida”, uma forma de reagir às imposições colocadas pela sociedade patriarcal. As autoras em destaque dedicaram seu tempo à leitura e à escrita, e suas obras nos fizeram perceber a força e a sensibilidade da literatura de autoria feminina numa nova possibilidade da escrita da História.

Percebemos ao longo da história que em muitos momentos as mulheres foram impedidas de exercerem determinadas funções e muitas representações são reiteradas e ainda circulam nos diversos imaginários sociais. Nesse sentido, a proposta dos Estudos Feministas é de análise dessas experiências e uma tentativa de ruptura e desnaturalização de determinadas representações, assim como a Epistemologia Feminista propõe a abertura de campos de possibilidades na construção dos discursos científicos.

FONTES:

Seguem as obras ficcionais femininas utilizadas como fontes:

CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Devaneios*. Goiânia: Gráfica e Editora Piloto Ltda, 1988.

CURADO, Mariana Augusta Fleury. *Rua do Carmo (crônicas)*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1981.

GODOY, Maria Paula Fleury (org.) *Do Rio de Janeiro a Goiás 1896 (A viagem era assim)* 2ª edição. Goiânia, 1985.

_____ *Suave Caminho (Crônicas)* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.

_____ *Nós e Elas (Crônicas)* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1969.

_____ *Sombras (Contos)* Goiânia: Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Goiás, 1966.

_____ *A longa viagem (Crônicas)* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1968.

Além disso, foram utilizadas cartas da família Fleury Godoy - Diálogo entre Maria Paula Fleury Godoy e sua mãe Augusta Fleury Curado – e ainda:

- Acervo fotográfico coletado nos anos de 2003 e 2004 para a pesquisa. Fotografias correspondentes ao final do século XIX e século XX da Família Fleury Godoy;
- Mobiliário, planta e fotografias da Chácara Baumann, construída pelo Dr. Sebastião Fleury Curado, no começo do século XX, onde a família viveu na Cidade de Goiás;
- Crônicas e contos publicados de Maria Paula na Revista Oeste, O Cruzeiro, Revista Feminina e Revista Fon Fon entre as décadas de 20 à 60;
- Crônicas publicadas no jornal Folha de Goyaz década de 40;
- Folhas de caderno de Maria Paula com crônicas não publicadas;
- Caderno de Maria Paula contendo os rascunhos de suas cartas;

- Caderno de Maria Paula contendo planejamento de suas aulas ministradas em Goiânia;
- Artigo: Chácara Baumann Revista do Instituto História e Geográfica de Goiás Nº 17, agosto/dezembro 2002;
- Árvore genealógica da Família Fleury Godoy construída nesses dois anos no Projeto de Iniciação Científica;
- Jornal O Lar lidos e trabalhados no IPHBC (Instituto de Pesquisa Histórica do Brasil Central) e Arquivo Histórico;
- Crônicas e registros da família localizados no Museu da Bandeira na Cidade de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, Eliana Gabriel. **O conto feminino em Goiás**. Goiânia: UFG, 1996.
- ALMEIDA, Ana Cristina C. Sawaya. **Arte no desbloqueio da escrita**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BARTHES, Roland. *O discurso da história*. In: **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987, p.121-130.
- _____. *O efeito de real*. In: **Idem. O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987b, p.131-136.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. 3ª edição. São Paulo: SP, 1987.
- BRITO, Célia Coutinho. **A mulher, a história e Goiás**. Goiânia: Cultura Goiana. 1974.
- BURKE, Peter. **A Entrevista da História**. São Paulo: Ed.Unesp, 1992.
- _____(org.). **A Escrita da História – novas perspectivas**. São Paulo: Ed.Unesp, 1992.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Ciro e MAUAD, Ana Maria. *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema*. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTORIADES, Cornélius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papius, 1995.
- CHARTIER, Roger. **História Cultura entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.
- DESCARRIES, Francine. *Teorias Feministas: Liberação e Solidariedade no Plural*. In: SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismos: Teorias e Perspectivas**. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB, 2000, vol. 08, nº. 1 e 2.
- D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del.(org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. *Autobiografia e biografia: A arte de construção de si mesmo e do outro*. In: **Revista Fragmentos de Cultura**, v.15, nº 10, p.1531-1539. Goiânia: Editora da UCG, out. 2005.

FLAUBERT, Gstave. **Madame Bovary**. (Coleção Obras primas). São Paulo: Nova Cultural, 2003.

FLAX, Jane. *Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista*. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro, 1991. p.217-250. (trad. Carlos A. de C. Moreno).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. (trad. Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Microfísica do Poder**. (trad. Roberto Machado) Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANCO, Rafaella Sudário R. *Devaneios: A Construção do cotidiano por meio da arquitetura e da escrita feminina em Goiás*. In: **Revista Fragmentos de Cultura**, v.15, nº 10, p.1475-1602. Goiânia: Editora da UCG, out. 2005.

GUILLAUMIN, Colette. **Pratique du pouvoir et de Nature, 2. Lê discours de la Nature**, Questions féministes, nº 3, mai, 1978.

GODOY, Maria Paula Fleury. **A Velha Casa**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

HUNT, Lynn **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUTCHEON, Linda. **A Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção**. Tradução Ricardo Cruz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JAYME, Jarbas; JAYME José Sisenando. Pirenópolis. Vol.1 – **Casa de Deus Casa dos Mortos**. Vol. 2 – **Casa dos homens**.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

JODELET, Denise. **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LACERDA, Sônia. *História, Narrativa e Imaginação Histórica*. In: SWAIN, Tânia Navarro. **História no Plural**. Brasília: Ed. UNB, 1994.

LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia Do Gênero*. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. **Tendências E Impasses**. Rio de Janeiro: Roxo, 1994.

LEITE, Miriam Moreira. **Fotografia e História**. **Ciência Hoje**. Vol. 7, nº 39, Janeiro/Fevereiro, 1988.

_____. **Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica**. São Paulo: Ed. USP, 2000.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da casa brasileira.** (Repensando a história) São Paulo: Contexto, 1996.

LEVI, G. *Usos da biografia.* IN: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167 – 182.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres, trabalho e educação: marcas de uma prática política.* In: SWAIN, Tânia Navarro e Muniz, Diva do Couto Gontijo. (orgs). **Mulheres em Ação: Práticas Discursivas, Práticas Políticas.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

_____. **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835 – 1892).** Brasília: Editora Universidade de Brasília; FINATEC, 2003.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero.* In: **Revistas Estudos Feministas;** nº 8, Rio de Janeiro: Petrópolis, 2000.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Um estudo da casa meia-pontense, uma ponte para o mundo goiano do século XIX.** Goiânia: Editora AGEPEL, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2005.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, M. *Funções da Família.* In. **História da Vida Privada.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. *Michel Foucault e a história das mulheres.* In: SCAVONE, Lucila; Alvarez, Marcos César e Miskolci, Richard. (orgs.). **O legado de Foucault.** São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário.* In: **Revista Brasileira de História – Representações.** São Paulo: Contexto, 1995, p.9-28.

PRIORE, Mary Del.(org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil.** 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *Um compromisso com o real: narrativa e história em Paul Ricoeur*. In: **Revista Fragmentos de Cultura**, v.15, nº 10, p.1511 – 1520. Goiânia: Editora da UCG, out. 2005.

QUEIRÓS, Eça. **O Primo Basílio**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero E História* In: org.Pedro, Joana Maria e Grossi, Miriam Pillar. **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis, 1998.

_____. *Pensar diferentemente a História, viver femininamente o presente*. In: org.Guazzelli, César Augusto; Petersen, Sílvia Regina; Schmidt, Benito e Xavier, Regina Célia. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul,

REINATO, Eduardo José. *A Escola dos Annales e a “Nouvelle Histoire”*. In: Alencar Maria Amélia Garcia de (org.). **A História da História**. Goiânia: Ed. da UCG, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

SANT’ANNA, Denise. *Transformações do corpo controle de si e uso dos prazeres*. In: **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SCAVONE, Lucila; Alvarez, Marcos César e Miskolci, Richard. (orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

SCOTT, Joan W. *Experiência*. In: Silva, Alcione Leite da; Lago, Mara Coelho de Souza. **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Cânone/ Contra-Cânone: Nem Aquele que é o mesmo Nem este que é o outro*. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **O discurso crítico na América Latina**, Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinas, 1996.

_____. *Recortes de uma História: A Construção de um Fazer/Saber*. In: RAMALHO Cristina (org.). **Literatura e Feminismo: Propostas Irônicas e Reflexões Críticas**. Rio de Janeiro: Elo Editora 1999.

SILVA, Ângela Maria; Pinheiro, Maria Salete de Freitas; Freitas, Nara Eugênia de. **Guia Para Normalização De Trabalhos Técnico-Científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses**. Uberlândia: Ufu, 2002.

SHOWALTER, Elaine. *A Crítica Feminista No Território Selvagem*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Roxo, 1994.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *Maternidade e Literatura: desconstruindo mitos*. In: SWAIN, Tânia Navarro e Muniz, Diva do Couto Gontijo. (orgs). **Mulheres em Ação:**

Práticas Discursivas, Práticas Políticas. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

SWAIN, Tânia Navarro e Muniz, Diva do Couto Gontijo. (orgs). **Mulheres em Ação: Práticas Discursivas, Práticas Políticas.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

SWAIN, Tânia Navarro. *Você disse imaginário?* **In: História No Plural.** Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas.* **In: Labrys, estudos feministas,** janeiro/ julho 2004. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem Acesso em out./2006.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de bibliotecas. **Citações e notas de rodapé.** Curitiba: Ed.da UFPR, 2000.

_____. **Teses, Dissertações, Monografias e Trabalhos Acadêmicos.** Curitiba: Ed.da UFPR, 2000.

VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948, v. VI p. 294.

VERISSÍMO, Francisco Salvador e Bittar, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil: As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

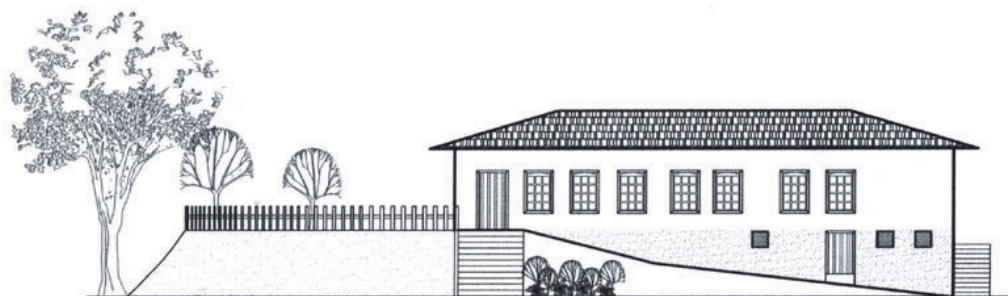
VIANA, Maria José Motta Viana. **Do sótão à vitrine. Memórias de mulheres.** Belo Horizonte: Editora UFMG/ Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

WHITE, Hayden. **Metahistória.** São Paulo: Edusp, 1991.

_____. **Trópicos do discurso.** São Paulo: Edusp, 1995.

WOOLF, Virginia. Ribeiro, Vera. (trad.). **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

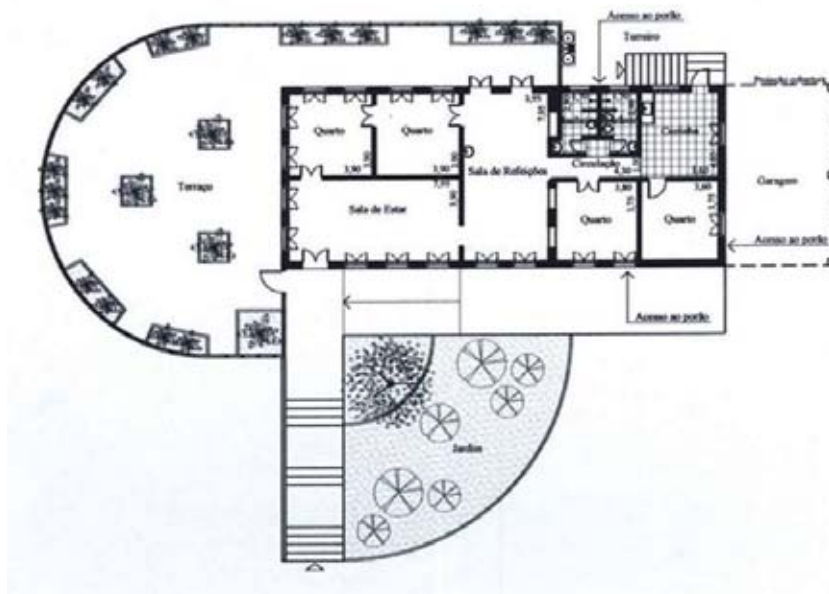
ANEXOS



Fachada da antiga casa da Chácara Baumann.



Provável planta da antiga casa da Chácara Bauman. Mobiliário simulado.



Planta de levantamento da atual casa da Chácara Bauman. Levantamento feito por Bárbara Isadora Margonari em 30/07/2004.

Livro de Orações.
 Maria Paula Henry de Godoy

Atos de preparação
 para a Santa Comunhão.

Fé.

Senhor meu Jesus Cristo, creio firmemente que estais real e verdadeiramente presente no S.S. Sacramento com o vosso corpo, sangue, Alma e Divindade.
 Adoração.

Senhor, eu vos adoro neste
 sagrado Sacramento e vos
 adoro como meu Criador,
 Senhor de meus pais e de
 todos os homens.

Esperança

Senhor, espero que, dando-vos a mim neste divino Sacramento, useis comigo de misericórdia e concedeis todas as graças que são necessárias para a minha eterna salvação.

Humildade

Senhor, eu não sou digna de que entreis em minha casa, mas digei uma só palavra e minha alma será salva.

Caridade

Senhor, eu não sou digna de que entreis em minha casa, mas digei uma só palavra e minha alma será salva.
 Senhor, meu redentor,

Nos amo, de todo o meu coração, sobre todas as coisas, e por amor de Vós amo a meu próximo, como a mim mesmo, e de boa vontade perdoo aos que me têm ofendido.

Contrição

Senhor, detesto todos os meus pecados por que eles me tornam indigno de receber. Vos me peço, e proponho a vossa graça, nunca mais voltar a fazer o mal.

Desejo

Senhor, ardentemente desejo
que visiteis a minha alma
e aqui permaneçais, a fim
de que eu não me separe
de Vós, mas fique sempre
comigo vossa divina graça.

Jesus, meu Deus e salvador,
quão incompreensível é o
vosso amor! Não basta
confessais tanto
por amor
ainda
vossa
saar

Oh! que prova de amor, meu
Jesus! Desde já vos consagro
todo o meu amor, e ardente-
mente desejo unir-me a Vós
pela santa comunhão.

Vinde, Jesus, e como outrora
entrastes nas casas dos pobres,
dos desamparados e enfermos,
assim vinde hoje à minha
alma para confirmá-la
na vossa graça e no vosso
amor.

Vinde, ó Pai, e não deixeis
de nos visitar, e de nos
comunicar a vossa graça, na
santa comunhão.

minha vida e meu tudo.

Vinde, não vos demoreis
mais, ó Jesus!

Médico celestial das almas,
tende piedade de mim, eu
preciso do vosso auxílio.

Vinde e curai a minha alma
ó Jesus!

Vinde, cordeiro imaculado
de Deus!

Vinde, e perdoai-me os meus
pecados, ó Jesus!

Vinde, meu Deus e salvador!

Vinde, ajudai-me a salvar
me.

Oração de graças:

Fé:

Senhor meu Jesus Cristo, eu creio
que estais verdadeiramente em
meu coração com vosso corpo,
sangue, alma e divindade,
e o creio mais firmemente do
que se o visse com meus próprios
olhos.

Adoração

Ó meu Jesus, eu vos adoro
presente dentro em meu coração
e me unio a Maria Santíssima
e aos santos anjos e santos
mestres.



Meus leitores do Baumann.

Neste 1.^o dia do anno
 venho eu humilde jornal
 senho desear vos felici-
 dades porem. Que vosso
 pais e amigos possam viver
 longos annos. Que eu
 continue eu a dar vos bons
 assignantes e dedicados
 amigos. Sois para de
 terinho uma lembranca
 e o Baumann neste dia
 Um almanach ditava
 pomas pois vos ainda
 tem enapar.

Venho pois caros amigos
 desear vos um feliz anno-
 novo.

o Baumann

Poetas gozaros

No nosso almanach publico
 somente versos de poetas
 gozaros. Ah! O nosso
 bello e buccicante Goyas
 tem ja seus avontos que
 denjam a lyra e hãem
 uma ode ao bello
 Goyas

A redactora do Baumann.

Goyas. 1.^o de janeiro 1808

Al borboleta.

Na colmeia de
 um selho mine selho das lousas,
 e regitocis brancas ebrã caulle e
 casulo de umra lagarta.

Todos os que passaram ali passaram
 a contemplar as ruinas do muro,
 e vus das plantas que crescem
 em cima delle, e llusam as sucs
 alguma flor cybrestre, sermelha m
 azul, muito fusca de moicidade
 que reganda sob a selhuie das
 pedras, temha o aspect de um seruo
 de alqum no recto ungrado de
 um selho.

E unquã descobria o puzumo de

Não é inundado e campo de luz,
 succo-lhe as aras
 bella sorriso o melhor; abri as asa
 fôrta e até sempre o ar com a
 fôrta de seta, corso o campo entre
 se em fôrta e sorriso, redireto todo
 os arbutos, a puerca e perfume de tã
 as plantas e seu de novo, e quilibra
 do se se de, em movimento cap
 ros, um pouco fatigada pela espice
 fôrta em uma de relle mudo,
 e a todos que passaram porca
 ra com seus movimentos legues,
 muito enciosa de uma lettera, d'ou
 e fôrta e a grande mas com um
 legues de plomas, ou souva de nos

a uma grande altura e fôrta
 suspensa no ar illuminado de
 sol.
 E a tarde, quando o crepusculo
 desce, ella tem medo da noite
 e andou triste, tanto mas corren
 da brua, em procura de luz
 — Francisca Julia
**Recordação de um colé
 gio**
 Alguns belloz logares onde a vida p
 ta me viveu tranquilamente,
 aduz lindas compenias de ve
 d'ou recebu de saudade muito
 ardente
 Felicidade a tarde e legida

Eu triste e pensativa antea
 do se de florida languida de m
 pormo, revolve na mente o m
 fôrta passado. Uma recordação
 viva e dolorosa, uma fôrta e me
 coracao acabanhada de saudades
 fôrta me deste logar de me q
 surto mudo de fôrta e d'ou me
 colligio. La chegando a minha an
 tigo minha comido me a v
 fôrta as salas das aulas, acedia
 e seu amarel comite e acompun
 a
 do tempo e saito mudo da fôrta
 o me corado passou sobre u de
 mas continuei a seguir triste
 mudo os passos da vida
 Alharuamos um grande pato e
 fomos no jardim de flores e
 fôrta e a grande mas com um

Contemplei nos um momento
 aquellas d'ou flores botanica
 viva da epoca plus que la' puer
 de d'ou e fôrta e d'ou no
 fôrta comite que da entrada
 para as escolas
 Uma explicavel historia que
 d'ou de mem. Quanto vobis
 na sala onde eu e minha am
 que introduzimos as nossas licen
 e recebimos os santos consellios
 do nosso juizica protectora
 que cahiam em nossas coracões
 de crivencia como lampuzas fôrta
 de roalho. Lembri-me entao
 do que logar pudicico e saud
 ramente approunei-me d'ou
 fôrta que fôrta e fôrta de
 d'ou choros de saudades.

Depois enxugando as lagrimas
 dei com os olhos me sergelo at
 Carantha de I' yosi' escopi no
 mesma lojar onde ha 10 mezes lya
 deranda. Apellhu' mi entao' ha' puse
 imagem i' d'euza. uma para ca' to
 lerame' repore da Virgem e patrao
 da marcha antiga escola.
 Depois dos crucez cheguei a jama.
 que' do' para o' a'curio.
 Oh como estava triste a quella hora
 e'conente' a' jama' entenda' lura
 com a' sombra da' p'ndosa la
 canyeca.
 Um silencio' profundo' recuava
 ni' aquelle lojar' incantado' in
 temperio' apenas pela' pupla' de
 passacosthos' p'ventos' nas' albas
 e' pas de g'ntes palmeyras que
 ornava' outo' em aquelle lojar' para

11
 Poemas
 Constaça
 A' Pradua de O'curio' L'bia.
 Tu es o' lyrio' sedente
 Ligado a' sama' florido'.
 Tu a' saudade' pallente
 No' chao', f'osente' esquisito.
 Tu es o' dia' resmo
 De' p'namora' f'ormo
 Te' emme' triste e' meocho
 Tu sou' a' morte' trevoia.
 Tu e' borboleta' d'orada
 Levando o' aroma' das' flores
 Tu e' jurely' d'evorada
 Triste' gemendo' de' d'esse

182
 Tu es o' novo' nascido
 Em' uca' nova' l'ndade
 Tu sou' o' g'oso' p'ndido
 Um' tremulo' pobre' esolado.
 Alegres' n'os' sorrido
 F'elice' da' dos' n'os' f'ora.
 Com'quanto' eu' triste' carpoio.
 No'ra' da' vida' na' auroa.
 Que' emme' constado' e'celle
 Entee' no's'! de' te' o' natura'
 Tu es' abje; eu' sou' triste
 Tais; si' sou' de' amargura
 Prodigama' de' yma.
 Semile.
 Quando' unimos' o' corao' amoro
 Segundo' n'os' h'no' a' illuzo' p'rida
 Quando' ou'ia' alma' na' p'idea

Ho'ra' e' triste! Como' e' linda' a' vida!
 Mas' si' nos' p'ro' o' repicho' do' l'ndio
 Si' maltratado' se'mos' pela' sorte,
 E' nos' e' da' do' escalio' da' incalora
 F'ora' e' triste! Como' e' doce' a' morte!
 I' de' yma
 Loyra.
 «Co'co' de' Brasil' abula' l'ria,
 Terra' augusta' dos' b'nos' da' natura
 Quanto' nestar' o' teu' rio' encuro
 N'icho' rio' de' vida' e' f'ruicuro.
 Quando' se'ga' barbeta' onde' f'lo'ra

Espargui plantas mil de letras cômicas,
 Cande casta, abacanta, a ve senora
 E lundusmas aue polychromas.

Necesso ha que proclamam de pítora
 Desconhecim, fábels y para aqueixa
 Que avamcaiam - P os P us decolubas.

Vite com dea púmar, como eu quisei!
 Eldorado dos sonhos de Anhanjara,
 bra! Nanti Joras - campo de flores.

Innocencia.

Uma vez orlhou numa criança
 longe tem longe num lago deusa,
 Caba a bade a nati vitor para

O peço me' saída contante milha
 ludo de sala e como dhas crente
 Lobe lute encigam e como encunha
 Colatu de pi - toda mais sentinha
 loto solo bedunima, por ante!

Que solo a cama pite e colubata,
 yaria banca uma muller um nota
 Ludo no isa um lute que me vicia

E por elle a fãma sua bumbas
 Sua chora, mas alude sua bumbas,
 d'elluora a socia.

Maria de Jesus

J. mi de Santos

Lourda Maria Paula

Foi realmente um
 prazer a leitura do seu
 encantador livrinho - especie
 de poema de amor de avô,
 feito com tanto lirismo
 e tanta simplicidade.

Eu, que nunca soube
 escrever para crianças,
 confesso-lhe que fiquei com
 inveja. E' um dom especial
 saber a gente tratar co-
 municacão com a infância.

farer - e entendido dos pe-
 quenos, - e esse dom ^{para}
 eu - me indiscutível que ^{vão}
 o possui.

Agradecido-lhe mais
 uma vez os ^{momentos}
 agradáveis que me pro-
 porcionou com os aventu-
 ras de Nancy, mando-
 lhe um abraço
 abraço de colega e
 amiga

Rachel de Jesus

187 II

D. Augusta de Faro

Conheci-a de muitos anos desde 1882, quando aqui cheguei para continuar meus estudos. Era em três graciosas irmãs que incluíam e alegravam a vida do conselheiro Linari Fleury, já então viuvo, três graças, as suas filhas, Thales e Euphrosina.

Logo esse mês apareceu na lembrança muito esfumado pela distância no tempo, o que não me impede de me recordar da tarde em que meu onco deu-me a sua Bandeira para entregar as cartas de apresentação que trazia para o conselheiro então representante de Goiás na Câmara dos deputados. Todos os goianos o procuravam.

Logo nos recebidos com amabilidade na sala de jantar onde se encontrava o conselheiro que havia obrigado a todos os outros a trazer as suas três filhas rodeavam-me.

Extremos a casa como se da família.

II 181

mostrando-se a verdadeira alegria muito afável, parecendo que se havia apaixonado de mim provinciano que me apresentei talvez, com as mesmas maneiras de quem se via pela primeira vez em presença de um conselheiro de Estado.

Desde então simpatizei-me por aquela menina, que parecia, tão altamente colocada e tão singela, sempre risueira e que se tinha mostrado gentil para comigo.

Tenho que a amizade que sempre lhe dediquei data desde dia, e somente então lançada no meu espírito, germinou mais tarde e conservou-se quente até sua morte, apesar dos doze longos anos longe do seu convívio.

Passaram-se os tempos e meus dias a si. O conselheiro abandonou a política mudando-se para São Paulo.

Uns depois, já no exílio, quando a encontrei recém casada, infanzonista, carinhosa de seu companheiro pelo resto da vida.

Era a mesma Augusta da rua Bandeira.

III 4

boa e simples.

O espão doente considerava excessivo de banda de o que era vida natural carinhosa.

O uso sempre lhe brincava, nos lábios como expressão exteriorização dos seus bons sentimentos íntimos.

Desde então estreitaram-se as laços de nossa amizade, porque sempre vivi aproximado de seu querido Sebastião o seu "velho", como o chamava na intimidade.

Em 1893, fui para Goiás para onde ela, poucos anos depois, acompanhou seu marido.

Mudou-se para um lugar pequeno, muito modesto e sem nenhum conforto quem havia sido educada em Paris, filha de ministro do Rio de Janeiro, habituada às regras aristocráticas.

Le mudança foi brusca, mas aquela alma bem formada, nenhum abalo sofreu, adaptou-se naturalmente ao novo meio e seguiu-se com facilidade e prazer ao novo sistema de vida.

Nunca o semblante se lhe fechou porque não pertencera mais a si mesma, mas tão somente a sua família, a orfandade tinha se transformado

IV 5

e não se tratava mais da acarinhada Augusta, mas da esposa e mãe, o que se vê na lidiosa expressão dos termos esposa amantíssima e mãe extremosa, que conseguiu viver para outros, olvidando o si mesmo.

Fui seu médico e da família.

Acostumei-me a admirar-lhe a grande modestia e grandiosa d'Alma.

Com sua brandura e carinho escravizou o ânimo impetuoso do marido, a quem dominava.

Em tempo algum a ouvi dizer-lhe um não e ele sempre agiu de acordo com ela, que bem sabia que na fraqueza reside toda a força da mulher.

Intimada nunca a vi ostentar erudição; educada em Paris, jamais me dirigiu uma única frase em francês, que eu sabia falar corretamente, tendo vivido nos meus anos boicóticos, adaptou-se facilmente à sua pátria-residência no Baianópolis onde viveu feliz no seio da família.

Espôsa, o foi virtuosa; mãe, idolatrou as filhas, amiga, não foi constante.

V

Que mais se poderia exigir? O homem não es-
timar assim tão resignado, desotimista de pre-
conceitos? Mas, sobre o assunto, que me diz
oكتور. Me pareceu verdadeiramente sensibilizado
com o seu desaparecimento. Perdido e foi mais
uma amiga que me desentou.

"Meu caro Dr. Jerônimo, nunca deixei de
ser-lhe grata pela dedicação que sempre nos mostra-
ram em suas expressões em um cartão enviado
em 6 de novembro do ano passado.

Doze anos de ausencia mostraram-se insufi-
cientes para amortecer a amizade que me tinha.
Quantos amigos contarei iguais?

Gratidão e sentimento que só meça mal al-
mos de elite, ou essol da especie humana
vive adulada por sublimes predicados.

Eu bem sabia que breve se extinguiria sua
vida, o mal surgia invidiosamente, anulou-
me uma barreira de defesa e foi se infiltran-
do lento, mas continuado inesoravel.

E' mais uma boa amizade que perco.
São tão poucas as que me restam, que me
parece que o meu mundo mudou-se para o

VI

Campo Santo. 1928

Que Deus se amiesse de sua alma e
que me seja dado ainda poder um dia
ir em companhia de seu marido, me ajo-
elhar diante de seu túmulo e rezar um Pa-
dre Nosso e uma Ave-Maria.

Rio, 16 de Abril de 1928.

25
JANEIRO
TERÇA-FEIRA

28 - 341

1944

"O Dia das Mães"
(Conferência - Maio - 1932)

Figuremos por um instante que,
num final de tarde lânguida e quente como
são quase sempre as tardes de nossa terra,
as frequezas embala da rede, e como me
necesso curar as pálpebras.

Figuremos, ainda, que nesse instante
de afrouxamento, eu me sentisse muito am-
plamente de alegria, entre vós todos, dirigindo-
vos algumas palavras que, na confusão de
meu sonho, eu não saberia dizer quais eram.

Importando, sobressaltada, eu ter a
sensação de alívio e libertação que experimento
com aqueles que se sentem fôgeti de todos
cartos sonhos. Depois, sobre desatada e curi-
dip, sorria diante do impossível de tal
cura, porque intencionalmente absorvida pelos
cuidados do lar, a que meu fêitô espiritual
e meu natural retraimento se existam
numa feliz clausura de quem entre as pa-
redes de sua casa encara o mundo - tão
estranho que possa ser-meia companha
a uma tessas portas de arte, elegância e
luxo, para as quais se exigem da mulher
qualidades brilhantes e o hábito da soce-
dade.

26
JANEIRO
QUARTA-FEIRA

341

28 -

Entretanto, eis-me aqui, sobre vós, so-
frendo o delicioso explicito de viver a
fimidez e o recio que naturalmente há
de tolher minhas palmas; eis-me aqui
a fatigar voz e paciência, sem, no-
entanto me arropender em momento do
tempo que vos setou roubando, pois a
convicção de cumprir um dever faz com
que, em minha fragueza, encontre a força
de que necessito.

Sim, porque só a festa das mães po-
dria me brar de obscuridade para arro-
tar com a espínhova tarefa de condon-
sar em algumas praças discoloridas,
sabiscadas entre quios e covarias de
crianças, as impressões que existiram
em vós transmittidas, hoje, como filha e
mãe.

Nessa festa das mães, porém, só se
requir uma coisa: a cordialidade, a sin-
cridade, a alegria que este fructo de
amor filial imprime em todos os fi-
ciousmires; se e' indesejavel este
convulso de todos os crãços e de todos
as almas empenhadas em tomar ares que
sãnt para nós este segundo domingo
de maio.

A medida que os tempos se passarem,
mais originosa e profunda se torna
a mutação da vida da mulher.

Vitor Hugo.

Do globo terrestre, um grande cataclismo tinha arrancado todos os manifestações de vida.

O sol morto fez com que a sombra, o frio, a imobilidade e o silêncio cobrissem a terra de sua desolação letal.

Os jardins se despiram de flores, as árvores de folhas, campos e matas de qualquer vegetação.

Platificaram-se os rios; sumiram cercam as fontes cantantes.

Porfim, os animais e o homem desapareceram da face da terra.

O Criador voltou pleno a desolação do mundo transformado numa bola de neve, errando pelos espaços infinitos, quando percebeu um ponto resplandecente, um rubi sangrento fulgindo misteriosamente num canto da terra morta.

Era o coração da derradeira mãe que existira, suplicante à agonía de seu filho. De lá vivia - no meio daquela existência semilúida, porque o coração das mães tem uma chama eterna, que não se extingue nunca!

Ei referiu-se, quero me expor também a uma das situações mais comuns deves da literatura brasileira. Na "Carta" de um homem humano que a arte brasileira de gênero logo embelouzer, pelo mulher de

134

135

É deste entre, a vida de jovem mãe por um termo de filho, que lhe faltam e pensa morto, o tempo, que lhe falta a existência toda, o estado a segunda metade de mulher e espírito e o coração de seu filho.

Mãe sei, na longa história da Humanidade, de nenhuma figura de mulher e mãe que sobreviva como ideal e como símbolo de perfeição moral e de coragem e resiliência na dor. Aquela que tem para o nome colinas de ventos, tantas invocações piedosas e que é a "mãe da misericórdia, vida e docura noiva", mas é, também, a mãe dolorosa, cujo sofrimento vem por ultrapassem tudo quanto a imaginação física conceber de pungente e desesperado para um coração de mãe.

Não há expressão na língua dos homens que possam decifrar a dor de Maria Santíssima. Os nomes "mãe" e "mãe" corações de mãe se erguem para a Mãe Dolorosa numa quotidiana prece para que não nos falte a parturida, a resignação nas horas más das horas tristes, nas horas em que a vida ora o estilete de dor no coração das mães.

Quem pode imaginar, se quer, o mal que possa um deus atingir o filho se temido?

Quem pode prever o destino, a sorte

136

137

cujas educações, cujos pentos sentimentais levaram, na inocência, a inveja e a procura a admiração e o amor do homem, seduzido pelas suas graças, pela sua fragilidade, pela sua beleza, mal se torna copula, começa a renunciar.

Entre em poder a que beleza se apaga, o corpo perde a pureza harmoniosa dos lírios, e o sofrimento - inextinguível angústia aliada a uma série de indisposições físicas - tortura a jovem mãe até calmaria no momento de angústia suprema que lhe toca a suprema escuridão de ter mãe.

Oris tem que não havia tenozcas igual de felicidade perfeita, absoluta, quase divina, como a que subjuga a jovem mãe ao se debuciar, enternada, sobre o corpo de filho recém-nascido.

A sua alegria é sobre humana.

É a alegria de imortalidade, de ser que venceu a morte, que sente a sua vida perpetuada numa outra vida, que é a eudemonia, o seu sangue, a si "homo"!

Mas, é breve, e não volta mais este momento de felicidade.

Uma avalanche de cuidados e de ansiosos, de mal deprimidos temores, e recessos vago de um mal quietudinoso e amacado, rondando na sombra o fragil berçário, são outros tantos fantasmas que atemorizam o coração das mães.

31 - 312

3
FEVEREIRO
QUINTA-FEIRA

1944

feliz ou averseja de oriatuioha para a qual
sohamos todas as senturas?

Receio terminar, pois abucei de vossa
benvolência; mas, permiti que eu lembre,
num preito de enterecida saudade, as
mães ausentes do dia festa, as mães que
a morte levou e que no entanto perduram
na coração dos filhos.

Relerai, ainda, que, para finalizar
estas páginas, eu recite a prece da
amargurada saudade que descrevi para
aquela que eu tenho a consciência de
ter sabido ser mãe nos delar, a mãe que
não se esquece, a mãe que não pode
mover os corações dos filhos, porque tudo
foz para lhes imprimir na vida segura
disting: mesma mãe!

O milagre da Saudade

46 - 320

15
FEVEREIRO
TERÇA-FEIRA

1944

"Sertão e cidade"

O romanista não pode ser
apenas um fotógrafo, um simples
fixador de tipos e paisagens.

Ele precisa ter o senso subtil
da Belleza, a hiperestesia do Tolstói
como o poeta; e, como o poeta, há de
ser um colorista, ao mesmo tempo
vigoroso e delicado, que saiba animar
as cenas e as paisagens que suscita.

Assim, poeta e pintor, o romanista,
não obstante, terá de ser, em certos
momentos, apenas um fixador de experiências
mais e menos.

Estas considerações nos vieram a
propósito de um livro que acabamos
de ler.

Pepe Marie Joseph, a escritora belga,
não é desconhecida entre nós. Seus ro-
manes, escritos no claro idioma de
Francês, têm lido, mesmo em Goiás.

Agora, Marie Joseph quis fazer um
livro bem brasileiro, bem nosso, bem
goiano. E o conseguiu, recorrendo as
serias dificuldades da lingua brasileira.

"Sertão e cidade" é um livro de
observação de olhos de escritora, como

1944

16
FEVEREIRO
QUARTA-FEIRA

47 - 313

dos de admirar as melhor antigas
e as modernas e as feras mais an-
tigos da terra, não se ofuscaram
com a violenta claridade do sol
tropical.

O seu espirito de mulher superior,
pavadora de boa cultura, solidifica-
da pelas grã viagens aos grandes
centros civilizados, não se sentiu emba-
tado no contato do sertanejo e da
"vida paradia" do sertão.

Se contrário: sente-se nela um encon-
tamento, um entusado interesse, um
encantado carinho em conhecer a
nossa terra e a nossa gente, tal
ponto que, se o seu romance
foz um paralelo entre a vida
agitada dos grandes centros, com os
seus progressos físicos, e a simplicidade
material de interior, é para terminar
uma verdadeira lição à vida primiti-
va do sertão.

Com a mesma franqueza e segurança
com que descreve o meio carioca, ela
pinta o sertão e a sua vida, simpas,
monitona, igual, impregnada de melan-
colia, sem a vibrante euvanté dos
grandes centros, desconhecidos do sertanejo.

Com a mesma subtilidade com que
estuda os seus campeões, revela a

48 - 311

17
FEVEREIRO
QUINTA-FEIRA

1944

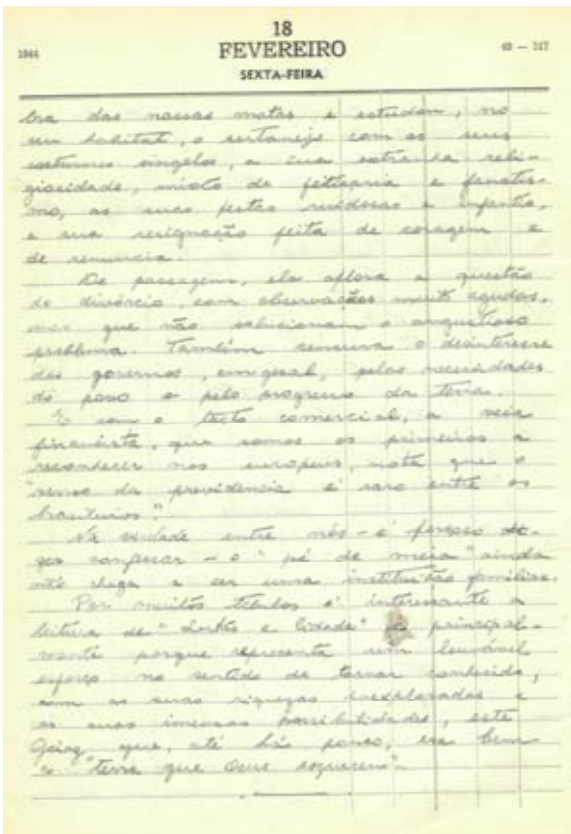
complicada psicologia dos seres tentados
pela civilização, que se agitam no tie-
pedente turbulência do Rio, para onde
Marie Joseph - para tornar mais chocante
o contraste - transporta os protagonistas
de seu romance.

Beonília, Paulo, Miranda, Rueda, são
caracteres nitidos bem traçados, mas
que se entrelaçam e apagam entre a
figura central de Trancisco, a que a
romancista sabe imprimir um gran-
de relevo, tornando-o um deses-
po que como jeca Tota, parecia ter
vida própria tão grande consideração,
também realidade apresentam.

Na verdade, Trancisco é um símbolo.
Ele encarna as qualidades raras do
sertanejo: a sua lealdade, a sua es-
tructural honestidade, o seu entranha-
do amor à glória natal, a sua
concepção da vida, impareável do
selo que ele fundou, e dos animais
que o possuem.

Como os outros, o sertão se pode
ver estabelecer desde a terra.

Marie Joseph viveu entre nossa gente,
aprendeu a nome e a linguagem dos
nossos povos, aprendeu a perfume dos
nossos pais e abarrou o poder sel-
ragem dos seus filhos, aprendeu a son-



Depois enxugando as lagrimas
dei com os olhos no sergelo at-
tenuado de S. José excepto no
meio lugar onde ha 10 meses ha
dixado. Apellu-me então ^{na} a
imagem e dirige uma peca ao Sr.
Sereno esposo da Virgem e patrono
da minha antiga escola.

Depois das orações cheguei a jantar
que da para e acuo.

Oh como estava triste a quella hora
samente algumas palavras breves
com a sombra da fazenda la
sanguine.

Em silencio profundo reencara
n' aquelle lugar encantador em
resompido apenas pelo pipillar no
passarinhos parados nas alturas
e copas de gentes palmeiras que
ornava out' em aquelle lugar para

Poesias

Contraste

A Tradução de Oliveira Lima.

Su es o lyric redente
Ligado a sama fleucta;
Eu a saudade patente
No chao, fuzendo esquecida.

Su es o dia resumo
De primavera formosa
Eu em meio triste e melancolico
Eu sou a noite tenebrosa.

Su a borleleta danada
Levando o aroma das flores
Eu a justiça desolada
Triste gemendo de dor.

72

Su es o claro nascido
Em rico vaso bordado
Eu sou o geiro pendido
Em tomulo pobre isolado.

Alguns versos serendo
Fels da dor me fora,
Emquanto eu buste carpindo
Noiro da vida na aurora.

Que enorme contraste existe
Entre nós! Ri-te o venturo)
Su es alpe; eu sou triste
Tasi, so' vus de amargura

Leodizama de Jesus.

Amile.

Quando vivemos a renhar amores
Quando não hão a illusão tardia
Quando nossa alma não ^{podem} _o

15
FEVEREIRO
TERÇA-FEIRA

" Sertão e cidade "

O romancista não pode ser apenas um fotógrafo, um simples fixador de tipos e paisagens. Ele precisa ter o senso subtil da Belleza, a hiperestesia do Tolstói como o poeta, e, como o pintor, ter de ser um solarista, ao mesmo tempo vigoroso e delicado, que saiba animar as suas e as paisagens que evocam. Assim, poeta e pintor, o romancista, não obstante, terá de ser, em certos momentos, apenas um fixador das expressões morais e físicas.

Estas considerações nos vieram a propósito de um livro que acabamos de ler. Apia, Marie Joseph, a escritora belga, não é desconhecida entre nós. Seus romances, escritos no claro idioma de Racine, têm leitores, mesmo em Goiás. Agora, Marie Joseph quis fazer um livro bem brasileiro, bem nosso, bem goiano. E o conseguiu, vencendo as serias dificuldades da língua brasileira. " Sertão e cidade " é um livro de observação. Os olhos da escritora, cansa-

16
FEVEREIRO
QUARTA-FEIRA

dos de admirar as velhas civilizações europeias e os tipos mais antigos da terra, não se ofuscaram com a violenta claridade do sol tropical. O seu espirito de mulher superior, possuidora de boa cultura, solidificada pelas grandes viagens aos grandes centros civilizados, não se sentiu embalsado ao contato do sertanejo e da vida parada do sertão.

Ao contrário. Sentiu-se nela um entusiasmo, um entusiasmado interesse, um exultante sorriso em conhecer a nossa terra e os nossos gentes, tal ponto que, se o seu romance fez um paralelo entre a vida agitada dos grandes centros, com os seus progressos físicos, e a simplicidade rústica do interior, é parao tanto uma verdadeira lição à vida primitiva do sertão.

Como o romance francês e português, com que demora e mais cariosa, ela pintou o sertão e a sua vida uniforme, monotona, igual, impregnada de melancolia, sem a vibração enervante dos grandes centros, descelegadas de sertanejo.

Com a mesma subtilidade com que estuda os seus campeões, revela a

17
FEVEREIRO
QUINTA-FEIRA

complicada psicologia do sero tentado pelo sertanejo, que se agitam no tipo de bondade do Rio, para mais Marie Joseph - para levar mais doante o sertanejo - transporta os personagens do seu romance.

Leonilda, Paulo, Miranda, Buzinda, são caracteres nitidos bem traçados, mas que se esbatem e apagam entre a figura central de Trancão, a que a romancista sabe imprimir um grau de realismo, tornando-o um desses tipos que como Jaca Teta parecem ter vida própria sob grande consistência, quando a realidade apresenta.

Na verdade, Trancão é um símbolo. Ele encarna as qualidades raras do sertanejo: a sua bondade, a sua estrutural honestidade, o seu entusiasmo de amor a vida natã, a sua concepção da vida, inseparável do solo que ele pãndia, e dos animais que o rodeiam.

Como se vê, o sertanejo só pode viver estabilmente unido à terra.

Marie Joseph viveu entre nossa gente, aprendeu o nome e a linguagem dos nossos povos, aprendeu a perfume das nossas faves e sabores e pôde selar a voz dos nossos filhos, reproduzindo a

18
FEVEREIRO
SEXTA-FEIRA

Ora das nossas matas e estúdios, no seu habitat, o sertanejo com as suas costumes singelo, a sua estranha resignação, misto de fofocaria e fanatismo, as suas pitas ruidosas e impetuosa, e sua resignação feita de coragem e de renúncia.

De passagem, ela affora a questão de dinheiro, com observações muito agudas, mas que não solucionam o antigo problema. Também menciona o desinteresse dos governos, em geral, pelas necessidades do povo e pelo progresso da terra.

E com o texto comercial, a sua financista, que como os primeiros a descerem nos sertões, nota que o " senso da previdência é raro entre os brasileiros ".

A cidade entre nós - é formada de goa copiar - o " pé de meia " ainda até hoje e as suas instituições finanças.

Por muito tempo é interessante a leitura de " Sertão e cidade " principalmente porque descreve uma lenda, supõe na vida de tomar verdade, com as suas cenas implacáveis e as suas imensas possibilidades, este Goiás que, ali há pouco, era bem a " terra que Deus esqueceu ".